

P O E T A S

Ezequiel Wanderley
do
Centro Político

D O Rio Grande do NORTE

DR. ISRAEL NASARENTI

Tumulo do verso

Não! não creio na amarga profecia
Dos arautos fagueiros do pessimismo,
Que predizem, num vão philosophismo,
Da loira Musa a proxima agonia.

Não succumbe de vez a phantasia
Que se nutre da seiva do tyrisimo...
Nem da carne fremente o despotismo
Esmaga o flor que gera uma utopia.

Serpe dourada, fascinando a presa,
E hibalde que agulha a natureza
Dos gestos quentes o lascivo encharme...

Do Genio o aureo sonho se requinça,
— Enquanto houver uma mulher que sinto,
— Enquanto houver um coração que arde!

Segundo Wanderley



POETAS
R. G. do N.

Ezequiel WANDERLEY

Do Centro Polymathico

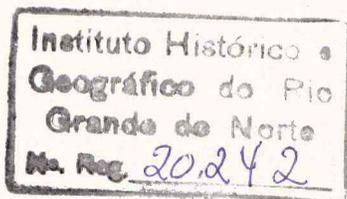
BIBLIOTECA

Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

POETAS

DO

Rio Grande do Norte



IMPRESA INDUSTRIAL

I. Nery da Fonseca

Rua Visconde de Itaparica -- 78 e 82

RECIFE—1922

A publicação desta collectanea foi requerida ao Governo do Estado pelo CENTRO POLYMATHICO, e autorizada pelo Exm. Sr. DR. ANTONIO JOSÉ DE MELLO E SOUZA, por acto de 13 de março de 1922, de accordo, com a lei n. 145, de 6 de agosto de 1900.

Indice Alfabético

A

<i>Alice Wanderley</i> — Creanças	259
<i>Angelina Macedo</i> — Resignação	121
<i>Anna Lima</i> — Meu sonho	161
<i>Auta de Souza</i> — Caminho do sertão	131
<i>Abdon Macedo</i> — Sedução	115
<i>Abner de Britto</i> — Os mezes	239
<i>Adalberto Amorim</i> — A uma mangueira	163
<i>Adalberto Peregrino</i> — Vencido	159
<i>Adelle de Oliveira</i> — Ignota Saudade	177
<i>Adriel Lopes</i> — A dôr	295
<i>Alipio Bandeira</i> — A mais bella	95
<i>Almino Affonso</i> — Musa da Historia	29
<i>Americo Macedo</i> — Judeu errante	137
<i>Antidio de Azevedo</i> — Mãe	207
<i>Antonio Arcias</i> — Lamurias	23
<i>Antonio Emerenciano</i> — Soneto	199
<i>Antonio Soares</i> — Noivos	141
<i>Antonio Glicerio</i> — Meu livro	149

<i>Araujo Filho</i> — Canção das arvores	191
<i>Aurelio Pinheiro</i> — Pagina de Cyrano de Bergerae	155
<i>Augusto Meira</i> — A bandeira	103

B

<i>Bezerra Junior</i> — Repudiado	231
<i>Barretto Sobrinho</i> — Conselhos... conselhos ..	245

C

<i>Carolina Wanderley</i> — Minha terra	241
<i>Celestino Wanderley</i> — Passaros	65
<i>Celso Filho</i> — Deus	203
<i>Cicero Moura</i> — Crepuseulo	247

D

<i>Dolores Cavalcanti</i> — Soneto	185
<i>Deolindo Lima</i> — A um jasmineiro	183
<i>Durval Torres</i> — Lagrimas	249

E

<i>Estephania Magabeira</i> — Soffrendo	255
<i>Etelvina Antunes</i> — O Poeta	189
<i>Edinor Avelino</i> — Apologia do silencio	289
<i>Elias Scuto</i> — As Ondas	33
<i>Erico Souto</i> — Resposta	145
<i>Estevam Dantas</i> — Distichos Latinos	61
<i>Ezequiel Wanderley</i> — Pagina intima	83

F

<i>Ferreira Itajubá</i> — Ave de arribação	129
<i>Francisco Pereira</i> — A jandaia	237
<i>Francisco Menezes</i> — O gallo da torre	243
<i>Francisco Sobral</i> — Arte e ideal	271
<i>Francisco Amorim</i> — Saudade	287

G

<i>Galdino Lima</i> — Joanna d'Arc	147
<i>Gothardo Netto</i> — Ironia da sorte	151

H

<i>Henrique Castriciano</i> — A estatua	105
<i>Honorio Carrilho</i> — As duas fontes	89
<i>Hugo Aranha</i> — Evoluir	197

I

<i>Ivo Filho</i> — Hoje	201
-----------------------------------	-----

J

<i>Jayme Wanderley</i> — Cysne	285
<i>Joaquim Guilherme</i> — Recordações	27
<i>Joaquim Fagundes</i> — Santo Amor	47
<i>João Amorim</i> — Teu retrato	79
<i>João Soares</i> — Harmonias	169
<i>João Estevam</i> — Relíquias	171
<i>José Leão</i> — Christo	37
<i>José Theophilo</i> — Marília	39
<i>José Barbosa</i> — Despedida	81
<i>José Aleino</i> — Retorno	87
<i>José Lima</i> — Miragem	111

<i>José Marinho</i> — Fitando a lua	219
<i>José Rodrigues</i> — Campezinhas	223
<i>José Gobat</i> — Montanhas	227
<i>José Felix</i> — Via crucis	233
<i>José Soares</i> — Missiva	251
<i>Jesué Silva</i> — Trovas	215
<i>Jorge Fernandes</i> — Contraste	213
<i>Junquillo Louriçal</i> — Ave, morte!	257
<i>Juvenal Antunes</i> — Elogio da preguiça	165

L

<i>Lourival Açucena</i> — A Política	11
<i>Luiz Carlos</i> — A Mulher e a rosa	19
<i>Luiz Souto</i> — Hora extrema	93
<i>Luiz Lobo</i> — Suas cartas	101
<i>Luiz Trindade</i> — A cruz	127
<i>Luiz Avilla</i> — Mãe que chora	181
<i>Luiz Candido</i> — Catavento em ruínas	221
<i>Luiz Xavier</i> — Queixas íntimas	281
<i>Luiz Patriota</i> — A jangada	293

M

<i>Maria Carolina</i> — Alvorada do amor	125
<i>Manuel Lins Caldas</i> — Trovas	43

<i>Mario Mendes</i> — Cruz	275
<i>Martins de Vasconcellos</i> — Soror celeste	117
<i>Moysés Soares</i> — Desterro	187
<i>Moura Rabello</i> — Feliz	269
<i>Murillo Aranha</i> — Sino	235

Z

<i>Nysia Floresta</i> — Versos	5
<i>Nestor Lima</i> — No sertão	209
<i>Nathanael Macedo</i> — Sertão	195

O

<i>Olda Ovclino</i> — Falando ao destino	273
<i>Oliveira Junior</i> — Sangue	267
<i>Othoniel Menezes</i> — Estações	265

P

<i>Palmyra Wanderley</i> — Pitangueira	263
<i>Palmerio Filho</i> — Ser pobre	113
<i>Paulo Maranhão</i> — Alma das coisas	277

<i>Pedro José</i> — Mocidade	77
<i>Pedro Paulino</i> — Anjo Triste	135
<i>Pedro Lopes</i> — Pessimismo	283
<i>Pedro Mendes</i> — 12 de Junho	173
<i>Petronillo Joffely</i> — Sic Transit	67
<i>Ponciano Barbosa</i> — O algodoeiro	229

R

<i>Raul Fernandes</i> — O passado	139
--	-----

S

<i>Sandoval Wanderley</i> — Contraste	253
<i>Sebastião Fernandes</i> — Maternidade	143
<i>Segundo Vanderley</i> — O naufragio do vapor Bahia	53

T

<i>Targino Jorge</i> — Insaciada	71
<i>Theotonio Freire</i> — Memento Homo	73

U

Urbano Hermillo — Invulneravel 51

V

Virgilio Trindade — A um telephone 205

.....

O espirito do sabio, o espirito do artista,
Hão de querer-te muito, hão de sempre abençoar-te,
Pois erguerão em ti quanto a gloria conquista:
— Os cabedaes da Sciencia, as maravilhas da Arte.

Andas na luz, na sombra e na paysagem rica,
Occulto pela terra, embebido pelo ar...
Despertas um scismar, que mesmo não se explica,
Silencio evocador do bosque secular!

E se marcando a morte — um fim de itinerario —
Na necropole triste a cada instante pousas,
Todavia, és solemne, augusto, extraordinario,
Emocional, bemdito, — ó silencio das lousas!

Em ti se vae lembrar a existencia passada...
Ao justo dás socego e dás remorso ao réo...
E subirá melhor por tua immensa escada
A prece que se diz, endereçada ao céu.

Desse trivial rumor da turba ingloria, isento,
Dentro de ti, silencio, eu me detenho e estudo,
Na profunda abstracção do meu entendimento,
— O livro universal da grandeza de tudo.

Resalva

DR. ISRAEL NASARENO

Só os que folhearem este livro poderão medir a resistencia do nosso esforço, conseguindo a copia dos rimarios e das photographias que o vêm illustrando.

Paciente e exhaustivo o trabalho, nem por isso terá contribuido para que recciassemos leva-lo a bom termo.

Tal o desejo de sermos agradaveis e uteis á formação intellectual da terra berço.

O nosso escopo, porém, foi reunir, e não seleccionar—poetas lyricos, symbolistas, classicos, naturalistas, parnasianos, decadistas, satyricos e humoristas, mas, em todo caso, preferencialmente, filhos deste rincão.

Não daremos, portanto, a estas paginas, o scintillar do nome de belletristas illustres, como Meira e Sá, Homem de Siqueira, Pedro Mello, Francisco Palma, Uldarico Cavalcante, Eduardo Pacheco, Tiberio Burlamaque e tantos outros.

Si, dest'arte, perpetuarmos o renome dos nossos aedos teremos galharda retribuição ao objectivo que nos animára.

E, sem escondermos o desprazer da impossibilidade de darmos mostras de outros poemetos, reveladores tambem desse atavismo esthetico, que anda frisando o coração e o cerebro da mocidade brasileira, consola-nos, ao menos, fazer cantar os que, eternos incompreendidos, vivem, como os contemplativos, sofrendo, talvez, a ancia da perfeição...

Este florilegio—POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE—é uma simples tentativa de subsidio a enfeitar o campo das investigações de pesquisadores mais habéis, mais praticos, mais intelligentes, porém, não mais interessados pelo alçar das letras patricias.

Elles que seleccionem, o que nós, apenas, reunimos.

EZEQUIEL WANDERLEY.

Nysia Floresta

1810-
1809—1885



Papary—Rouen

Vers écrits dans la chapelle de Saint Alfieri, à Naples

Ici, sous cette voûte où vecut saint Alfieri
Je parcours le néant des choses de la terre...
O' mes frères, ma sœur, mon fils ! un ange saint
Vient éclairer mon âme encor tout embrasée
De votre souvenir qui respire en mon sein.
Alors ta douce image, ô mère bien-aimée,
M'apparaît radieuse aux pieds de cet autel,
Priant le Tout Puissant pour ta fille chérie
Qui pleure et garde encor le principe éternel
Ces sons mélodieux que j'entends, recueille,
Le coeur rempli de trouble et d'ineffable émoi
Serait-ce le prelude à la douce harmonie
Qu'en exauçant tes vœux, Dieu fait vibrer en moi ?
O' mère, père, époux, ma trinité première,

Qui s'envolant sitôt dans une étoile d'or,
Me laisse sur la terre où je gemis encor,
Repandez devant moi votre pure lumière
Et me tendez la main pour aider mon essor ;

1858.

Versos escriptos na Capella de Saint Alfieri, em Napoles

(*Tradução Livre*)

Aqui, sob o zimborio, onde um santo viveu,
Eu scismo sobre o nada... E a alma entristeceu...
E vem-me ao coração, assim, desilludido,
Santa recordação do meu filho querido...
A lembrança dos meus é orvalho enluarado
Suavisando o calor do meu peito abrazado.
Da vida no espinhal, de minha mãe a imagem
E' perfume de flor, é verde de ramagem...
Branca e doce visão aos pés do altar pendida,
Intercedendo aos céos pela filha dorida,
Que chora de amargor, ante o vicio e o peccado,
Emquanto escuta da alma um som nunca escutado...
Brando e divino som, que ao coração me vem
Como resteadas do sol, como um sopro do Bem...
Seria a tua prece, ó mãe, o teu cicio
Que em mim repercutindo, eu sinto que allivio?
Deus, fazendo vibrar seraphica oração,

Harmonia do céu, dentro do coração ?
O' mãe, esposo e pae, ó trindade primeira,
Que eu recordo — entre o crepe e a flor da laranjeira,
Como estrellas brilhando em rosarios de luz,
Um clarão derramai aos pés de minha Cruz!...

P. W.

Traços biographicos

Nysia Floresta Brasileira Augusta, cujo nome de baptismo é Dionysia, foi uma mulher extraordinaria que, no dizer de H. Castriciano, «teve a existencia atormentada, intensa e gloriosa».

Nasceu no sitio *Floresta*, do municipio de Papary, a 12 de outubro de 1809. 1810.

Foram seus paes o dr. Dionysio Gonçalves Pinto Lisbôa e d. Antonia Clara Freire, sendo esta brasileira e aquelle portuguez.

Em 1824, consorciou-se com Manuel Alexandre Seabra de Mello.

Aos 19 annos deixava o Rio Grande do Norte, installando sua residencia no Recife.

Transportando-se, depois, para o Rio Grande do Sul, promoveu e conseguiu a organização de um Collegio, que ali mereceu o melhor acolhimento.

Continuou sua delicada missão educadora no Rio de Janeiro, que a attrahira, talvez para relevo maior do seu espirito forte e fulgurante.

Foi lá que, em 1842, realizou conferencias sobre o abolicionismo e a Republica, sem perder occasião de revelar-se pela emancipação dos escravos, liberdade dos cultos e federação das provincias, magnos problemas sociaes e politicos.

Nesse tempo, collaborou no *Jornal do Commercio*, *Correio Mercantil*, *Diario do Rio de Janeiro*, *Brasil Illustrado*, etc.

Distanciando-se da sua patria, em 1848, com o fallecimento da sua genitora, passou a residir em Paris, definitivamente, communicando-se, então, com Victor Hugo, Saint-Hilaire, Lamartine, George Sand, Laboulaye, e correspondendo-se com Augusto Conte, Manzini, Garibaldi, e outros notaveis espiritos da epocha.

Percorreu grande parte da Europa, demorando-se, de preferencia, na Italia, e viajou tambem pelo Oriente.

Frequentou cursos de sciencias na Italia, Inglaterra e França.

Lembramo-nos que essa «excepcional figura feminina, uma das primeiras da phase romantica, entre nós», publicára em 1832, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, traduzido de um folheto original de Miss Godwin, de que tirou nova edição em 1833; em 1842, *Conselhos á minha filha*, de que o Bispo de Mondovi fez versão para o italiano e o francez; em 1845, *Pensamentos*; em 1849, *Lagrимas de um Caheté*; em 1850, *Revolta praieira*, *D'assis e Dedicacão de uma amiga*; em 1853, *Opusculo humanitario*; em 1856, *Versos*; em 1857, *Itineraire d'un voyage en Allemagne*; em 1859, *Scintille d'una anima brasiliana*; em 1861, *Trois ans en Italie*; em 1864, *Abysmo sob flores*; em 1871, *Um passeio ao Luxembourg e Le Brésil*.

Quando no estrangeiro, escreveu em muitas

revistas, tendo o *Novo Mundo*, de New York, de 23 de maio de 1872, publicado a sua biographia, estampando-lhe o retrato.

Em manuscrito, deixou dois volumes de poesias: *Inspirações maternas* e *Memorias de minha vida*.

Longe da patria querida, bem longe do ninho amigo, onde começára a viver para o sonho e para o amor, Nysia Floresta passou-se para o outro lado da vida, em Rouen, a 24 de abril de 1885.

O cemiterio de Bonsecours é hoje o triste e solitario abrigo da «mais notavel mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estylo», conforme o alto conceito dessa inconfundivel notabilidade intellectual, que é o dr. Oliveira Lima.

Gourival Açucena

1827—1907

NATAL

A Política

Você pergunta, Yayá,
Porque deixei a política?
Você quer saber de tudo!...
Você é muito *analytica*! ..

Pois bem, eu lhe digo,
Ouça o que eu refiro,
Porque, nesse jogo,
Já fechei o firo ..
Mas olhe, menina,
Que, de meus arcanos,
Não quero que saibam
Gregos nem troyanos.

—Já ouviu, Yayá?

Esses arautos politicos,
Quer de uma, quer de outra grey,
Quando estão debaixo, gritam :
—Viva o povo ! .. Abaixo o Rei ! ..

Mas o sabio Rei,
Que conhece tudo,
Faz que não entende,
Fica — surdo e mudo ! ..
E o Povo, que idéa
Não tem dos negocios,
Vae crendo nas lôas
Dos taes capadocios ..

—Já ouviu, Yayá ?

Prometem casas da India,
Cabedaes, mundos e fundos ..
Mas, quando estão no poleiro :
—Viva Dom Pedro Segundo !

Seja Liberal,
Seja Puritano,
Traz o Povo, sempre,

Num completo engano !
Gregos e troyanos
Procedem assim ...
E eu vou debulhando
Tim-tim, por tim-tim ...

—Já ouviu, Yayá ?

Propalam grandes idéas,
Proclamam bellos principios,
Arrotam patriotismo
Por todos os municipios ! ..

Tudo isso é pirraça,
Isso tudo é pêta! ...
E' toda questão
L'argent, na gaveta ...
E, então, galgar-se
O mundo, a grandeza,
Para, lá de cima,
Calcar-se a Pobreza!

—Já ouviu, Yayá ?

Prometem ao pobre Povo
Um governo angelical ..
A terra da Promissão,
Um Paraíso ideal !

Porém, quando grimпам
Cessam as cantigas,
E tratam somente
Das suas barrigas...
E nem mais conhecem
Aquelle bom moço,
Com quem já viveram
De braço ao pescoço ! ..

—Já ouviu, Yayá !

Emquanto esperam maré,
Oh, que affecto ! Oh, que doçura !
Mas, quando embarcam na lancha,
Quanto gaz ! .. Quanta impostura ! ..

E toda a caricia
Muda-se em orgulho ..
E a massa fina
Reduz-se a gorgulho ! ..
Eu de farrambambas

Estou inteirado,
E, de rapa-pés,
Muito escabriado.

—Já ouviu, Yayá ?

Nas vespervas da eleição
Vão á casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem sedas á comadre ..

E o pobre diabo
Entra na rascada
Tomando sopapos,
Servindo de escada.
Elles vão á Côrte
E o compadre fica
Bebendo jucá
Ou doses de arnica.

—Já ouviu, Yayá ?

Viva Pedro ! e morra Paulo ! ..
E muita festa p'ra festa...

Com pouco mais : — viva Paulo!
Morra Pedro, que não presta! ..

Quanta incoherencia
E contradição;
Oh, que mastigada,
Que especulação!
Quem isso negar
Não tem bôa fé ..
Será de finorio
Ou de — Pae-Mané ..

—Já ouviu, Yayá ?

Hoje, Sancho é muito bom!...
Amanhã, Sancho é ruim!
Já fica sendo demonio
Quem foi, hontem, seraphim!

Eu não os entendo ..
Eu não os percêbo ..
E, nessa enredada,
Si os percêbo, sêbo...
Porém, eu safei-me,

Sem bulhas e arenga ..
E livre-me Deus
De tal estrovenga ..

—Já ouviu, Yayá ?

Traços biographicos

Nasceu, em Natal, a 17 de outubro de 1827, Joaquim Lourival de Mello Açucena.

Era filho de Manuel Joaquim Açucena e d. Maria Pacifica de Mello.

Occupou na sua terra diversos cargos de eleição e nomeação.

Escreveu prosa e versos para muitos jornaes de seu tempo.

Foi sempre apreciado pela côr accentuadamente regional que sabia imprimir ás suas producções metricas.

Esse bohemio alegre, communicativo e de uma grande popularidade, entre os que o rodeavam, nasceu na antiga rua da Palha, hoje Vigiario Bartholomeu, no local em que esteve estabelecida a filial da *Nova Aurora*.

Deixou esparsos muitos versos, em jornaes e revistas natalenses, ainda lidos e relidos com interesse e sympathia.

A Política, que para aqui copiámos, tem musica do autor e é uma das mais populares produções da sua lavra.

Lourival Açucena teve o seu dobre de findo a 28 de março de 1907.

Morreu pobre, como pobre vivera.

Luíz Carlos

1831—1890

Assú—Natal



A mulher e a rosa

(Anacreontica)

A rosa é pura, é divina,
Nos fascina
Seu donaire, sua côr...
No perfume que desprende
Só rescende
Doces effluvios de amor.

Ninguém n'haste pôde vê-la
Sem colhel-a,
Ao balouçar-se no prado...
Mas fére a sedosa mão
O aguilhão
Que ella tem n'haste, guardado...

* * *

A mulher, também formosa,
 Como a rosa,
Tem graça, innocencia, odor...
E, em seus sorrisos de fada,
 Encantada,
Nos inspira ardente amor...

Mas ah! depois que nos prende,
 Nos accende
Numa paixão fervorosa,
Fére a noss'alma o aguilhão
 Da traição !...
— A mulher é como a rosa...

Bahia, 1855.

Traços biographicos

Na villa da Princeza, hoje cidade do Assú, nasceu Luiz Carlos Lins Wanderley, a 30 de agosto de 1831.

Era filho legitimo do coronel Manuel Lins Wanderley e d. Maria Francisca da Trindade Wanderley, ali fallecidos.

Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 5 de dezembro de 1857.

Casou, no Assú, em primeiras nupcias, com d. Francisca Carolina Lins Wanderley, a 25 de julho de 1858, e, em segundas, na mesma data de 1877, com d. Maria Amelia Wanderley.

Foi lente de diversas cadeiras no Atheneu Norte Rio Grandense e medico do Hospital de Caridade, exercendo outros cargos de confiança e comissão do governo.

Na qualidade de 2.^o Vice-presidente da sua provincia, teve ensejo de exercer a administração, em 1886.

Foi eleito Deputado á Assembléa Legislativa e era Commendador da Imperial Ordem da Rosa.

Fundou, manteve e redigiu com seu grande amigo e sôgro, coronel João Carlos Wanderley, a importante gazeta politica *Correio do Natal*.

Escreveu e publicou: *Lyra de amor*, (versos) *A restituição*, *A louca ou o riso da dôr*, *Amor de um anjo*, *Os anjos do amor*, (dramas) *O anjo da meia noite*, (scena dramatica em versos) *O premio da viuva*, (comedia) *Mysterios de um homem rico*, (romance) *Impressões de uma viagem*, *Visita pastoral*, (narrativa) e *Biographias*.

As suas peças scenicas foram todas representadas com muito successo.

Foi o primeiro filho do Rio Grande do Norte que se titulou em medicina.

Falleceu, em Natal, á rua Vigario Bartholomeu, n. 1, no dia 10 de feveiro de 1890, quando tambem expirou sua mulher.

Antonio Areias

1835—1889

NATAL



Lamurias...

No deserto de meu peito
Veiu a tristeza habitar...
Por isto, eu vivo no mundo,
Sempre errante, a divagar:
Pia o môcho, em desalento,
No cypreste bate o vento
Erguendo nuvens de pó ..
Ninguem de mim se condôa,
Ao ver-me vagando atôa,
Ninguem de mim tenha dó.

Não quero o brilho das salas,
As festas que a praça tem ..

Só préso o canto das aves,
Só no ermo eu vivo bem ..
Quero passar esquecido,
No mar da vida perdido
Como um barquinho sem vela ..
E, em meio do meu tormento,
Ter sempre, no pensamento,
—A copia do rosto d' Ella.

Mas, se um dia, já cansado,
Gelar-me o sopro da morte,
Com o meu olhar moribundo,
Ultimo adeus digo á sorte...
E, se a vida me fenece,
Só peço a Deus uma prece,
Por quem tanto padeceu ..
Do mundo não quero a gloria,
Que me risquem da memoria...
Não lembrem quem já morreu ..

Traços biographicos

Em Natal, á rua denominada hoje — Doutor Barata — nasceu em 1835, Antonio Francisco Areias Junior.

Era filho de Antonio Francisco Areias e sua mulher, d. Genoveva Areias.

Abraçando a carreira ecclesiastica e ordenando-se, foi despachado Vigario da villa da Escada, em Pernambuco, e, depois, da Bahia da Traição, na Parahyba.

Os jornaes de Natal, do seu tempo, e o *Diario de Pernambuco*, inseriram varios escriptos da sua lavra.

Chegou a publicar um livro, em prosa, que dedicou *Ao poeta Joaquim Fagundes*, deixando ineditos alguns outros, que desapareceram ..

Falleceu, em Natal, no dia 14 de julho de 1889.

Momentos antes de morrer, proferira palavras da mais alta expressão sentimental, ao despedir-se da familia e dos amigos que lhe cercavam o leito.

Joaquim Guilherme

1836—1898

NATAI,



Recordações

E' bello ver dormir a Natureza
Em sonhos que contêm tanta magia;
A minh'alma offegante, então se atira,
Em extasis frementes de agonia.

E sabes quem do vate inspira os cantos,
De dôres e gemidos abafados...
E a minh'alma transporta delirante
Em busca dos empyrios encantados?

— E's tú, mulher divina, mais que todas,
Soberba inspiração da divindade;
E's tú, que no meu peito reviveste
As murchas illusões da mocidade.

Traços biographicos

Filho legitimo de José Antonio de Sousa Caldas e d. Umbelina Caldas, nasceu, em Natal, Joaquim Guilherme de Souza Caldas, aos 26 de junho de 1836.

Casou-se, em 1857, com d. Fideralina Amelia de Sousa Caldas, que lhe sobrevive.

Foi Collaborador, Amanuense e Secretario da Repartição da Policia.

Foi eleito Camarista, Eleitor e Juiz de Paz. Organizou um Codigo de Posturas.

Era condecorado com o titulo de Cavalheiro da Imperial Ordem da Rosa.

Eleito, não foi reconhecido deputado provincial.

Dedicou-se, depois, ao jornalismo politico.

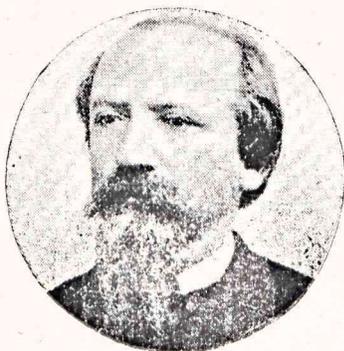
Em 1885, foi nomeado Inspector do Thesouro do Estado, exercendo, mais tarde, o mandato de deputado ao Congresso Legislativo do Rio Grande do Norte.

Falleceu, em Natal, á rua da Conceição, no predio onde actualmnte funciona a Intendencia Municipal, a 26 de fevereiro de 1898.

Almino Affonso

1840—1899

Martins—Fortaleza



Musa da Historia

A Sua Magestade o Imperador

Pela Patria, pela Gloria,
Venho dizer-te uma cousa :
De Paranhos, (sou a Historia)
Eu não te vi junto a lousa !

Eu não te vi no proscenio,
Quando, inundado de luz,
Evolava-se o grão genio
Da terra da Santa-Cruz.

Por cima das nuvens d'ouro,
Que boiavam na amplidão,
Recebia um Anjo louro
O Anjo da Redempção.

As creanças redimidas,
Contemplando os céus, olhavam;
De saudade e amor transidas,
As mães escravas — choravam.

O commercio, a arte, os sabios,
Os mestreaes, multidões,
A dôr por todos os labios,
Rompia dos corações.

E diz a patria captiva,
Concentrando a sua dôr :
— Nesta dôr falta um conviva...
Eis que chega... O Imperador!...

Alas, alas! Mas, padece
Nesta perda o soberano...
Deve tambem sua prece
A Deus, por tal desengano.

Alas, alas ! Respeitoso,
O povo sente uns abalos...
Abre-se o carro glorioso...
Vazio !... Só traz cavallos !...

Só a infame incontinençia
De um successor de Tiberio,
Das multidões na demencia
Poz a *Incitatus* no Imperio!

De quem serás tu amigo ?
A quem sagra teu amor ?
Sente o povo, e diz comsigo :
— A quem ama o Imperador ?

Quem póde ver, sem carpir,
A tua dôr *cavallar* ?!
Mas o povo há de zumbir,
Té aprender a pensar...

Não gostas dos nossos lutos ?
Tens mêdo á dôr da Nação ?
Pois, solta tambem teus brutos,
Nãõ nos insultes mais, não !...

Traços biographicos

No lugar Coroatá, então do Municipio do Martins, e hoje pertencente ao do Patú, a 17 de abril de 1840, nasceu Almíno Alvares Affonso.

Era filho de Francisco Manuel Alvares Affonso e d. Luiza Candida Telles de Menezes.

Formou-se em dezembro de 1871 pela Faculdade de Direito do Recife.

Foi Promotor publico, de Guarabira, no Estado da Parahyba, e, no Ceará, exerceu os cargos de Secretario da Presidencia, Juiz Municipal e Procurador Fiscal da Thesouraria.

Em 1884, advogava no Amazonas, e era rector do *Rio Branco*.

Foi eleito, em 1887, Presidente da Camara Municipal de Manãos.

Na Republica, escolheram-n'o Deputado ao Congresso Constituinte e, depois, Senador pela sua terra.

Ao assignar a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, escreveu esta phrase: *Oro vita civium proque univèrsa Republica*.

Conta-se que, ao assistir, no Rio de Janeiro, o enterro de Paranhos, indignára-se ao ver que o Imperador se fizera representar, apenas, com o carro vasio...

Esse gesto de Sua Magestade o levou a produzir os versos de fogo, que acima deixámos.

Falleceu em Fortaleza, á rua Tristão Gonçalves, no dia 13 de fevereiro de 1899.

Elias Souto

1848—1906

Assú--Natal



DR. ISRAEL NASARENO

As ondas

Lá, no centro do mar, na immensidão,
Pelo sôpro dos ventos agitadas,
Vão as ondas, rolando em turbilhão,
Desfazer-se nas rochas escarpadas ..

Ou se o vento, de subito, desmaia,
Ellas vão o mar liso percorrer,
Em procura da terra, e sobre a praia,
Lentamente, estender-se e, após, morrer.

Assim minh'ama .. No mar das illusões,
Da vida, no correr da tempestade,
Vaga sempre no mundo aos tranbulhões! ..

E, da incertesa, em funda cavidade,
Nos abrolhos das turbidas paixões,
Ella somente crê na — Eternidade! ..

Traços biographicos

Na outr'ora Villa da Princesa, hoje cidade do Assú, nasceu Elias Antonio Ferreira Souto, a 25 de Janeiro de 1848.

Seus paes, foram Luiz Antonio Ferreira Souto e d. Anna Jacintha Ferreira Souto.

Era casado com d. Theresa Rebouças Ferreira Souto, a quem sobreviveu.

Seguindo, por longos annos, a carreira do magisterio publico, exerceu depois o cargo de Administrador da Mesa de rendas provinciaes de Macau.

Fundou e redigiu muitas gazetas politicas, litterarias e criticas.

Foi orador da sociedade Libertadora Asuense e presidente do Club da Guarda Nacional, de Natal, sendo mais tarde apresentado can-

didato á senatoria federal pelo partido opposicionista do Rio Grande do Norte.

Na Capital do seu Estado, em 1894, creou a imprensa diaria, fazendo circular o jornal opposicionista *Diario do Natal*, que manteve, desasombadamente, até o seu ultimo dia.

Morreu a 17 de maio de 1906, á rua da Conceição, em o predio n°. 33 de sua propriedade, que era encravado na area onde hoje vemos o parque do palacio governamental.

José Leão

1850—1904

Sant'Anna do Mattos
—Rio de Janeiro



Christo

Espírito de luz!
Tu, sim, nunca peccaste ..
E, á terra, só baixaste,
Para a remir na Cruz.

Do céu, onde transluz
A paz, que nos pregaste,
A todos ensinaste
O Amor, doce Jesus.

Teu Ser, corporisado,
Toma apparencia humana,
Da Virgem-Mãe, ao lado ..

Do Pae a gloria emana
Do Filho bem amado :
—Hosanna, hosanna, hosanna! ..

Traços biographicos

Na Polonia, municipio de Sant'Anna do Matos, a 11 de abril de 1850, nasceu José Leão Ferreira Souto, filho legitimo de Luiz Antonio Ferreira Souto e d. Anna Jacintha Ferreira Souto.

Estudou preparatorios em Natal e no Rio de Janeiro, para onde se transportára, matriculando-se na Escola Central do Exercito e, depois, na Faculdade de Medicina, que abandonou.

Fundou e dirigiu os periodicos *A Idéa e A Potyguarania*.

Em 1890, organizou uma *Carta Geographica do Rio Grande do Norte*, traçando o projecto do caminho de ferro de Macau a São Francisco.

Esse trabalho foi, pelo dr. Crockatt de Sá, incluido no plano geral delineado á viação ferrea do Brasil.

José Theophilo

1852—1879

NATAL

Marilia

Marilia, não posso jamais esquecer-te,
De minha lembrança não posso riscar-te,
Na vida que passo, tão longe, sem ver-te,
Sou firme em querer-te, constante em amar-te.
Teus finos, castanhos, tão lindos cabellos,
Os olhos tão vivos, formosos que tens,
Teu gesto fagueiro, fagueiros desdens,
Eu amo, e suspiro, ancioso por vel-os.

Si vélo, contigo me occupo somente,
Si durmo é contigo que vivo a sonhar,
Meu peito supporta saudade pungente,
A sorte praguejo por não te gosar...

Si as flores procuro, te encontro nas flores,
Dos céos nas estrellas, te vejo florir,
Nos olhos te sinto, te vejo luzir
No campo, nas aguas, na luz e nas côres.

As pompas do mundo soberbo despreso,
Não quero ter nome, de heróe figurar,
Não quero ter fama, nem quero ser Crezo,
Não quero ser grande, nem sceptro empunhar.
Só tua ternura desejo fruir,
Beijar os teus labios, tão bellos que são,
Cerrar-te em meus braços — do amor na paixão —
Teu seio tão casto lograr, possuir.

E' mais do que um thrôno teu collo mimoso,
E quem afaga-lo será mais que um rei.
Si existe no mundo mortal mais ditoso
Que aquelle que o frúa, Marilia, não sei!
Quem gosa teu bello, teu meigo sorriso,
Quem bebe em teus labios de amor a doçura,
Tocou o zenith da humana ventura,
Não vive na terra, está no Paraiso.

Traços biographicos

José Theophilo Barbosa, filho de Antonio José Barbosa e d. Theresa Maria Barbosa, nasceu na cidade do Natal, a 5 de março de 1852, na antiga rua Nova, hoje avenida Rio Branco, em a casa n. 102.

Contemporaneo de Joaquim Fagundes, com este se identificára pelas idéas e pelo coração, trabalhando com elle no movimento litterario da epocha.

Occupou o cargo de Escripturario da Fazenda Provincial, do qual foi demittido ao publicar um artigo denominado *Realidades da vida pratica*, que inserira nas columnas do *Echo Miguelino*.

Foi, porém, reintegrado.

Na imprensa e na tribuna, bateu-se abertamente, com honestidade de convicções, pelos principios republicanos.

Versejava á feição de seu tempo, vindo a fallecer, em Natal, a 13 de agosto de 1879.

Manuel Lins Caldas

1854—1921

Assú - Natal



Trovas

Maria, por traz dos morros,
O frouxo clarão da aurora,
Debruando de oiro os nimbos,
Todo o oriente colóra.

O gallo canta e desperta
A festiva passarada,
Que deixa o morno dos ninhos
Para saudar a alvorada.

E branda, e leve, e suave,
Envia flores aos céos,
— Uma nuvem de perfumes,
Que perfuma os pés de Deus.

Ergue-se alegre o rebanho
E vae pastar, mcllemente...
Ah, Maria, quanto invejo
A vida do inconsciente!

Por sobre a relva orvalhada
Rebrilham gottas, á flux...
São as estrellas do campo,
São pontos de neve e luz.

O vento, como em gemidos,
Que só a dôr sabe têl-os,
Gelado, como a saudade,
Vem me beijar os cabellos.

Aves, céos, flores e campos,
Tudo revela alegria!...
Tudo encanta, tudo folga,
Só eu sou triste, Maria!...

E, recostado á janella,
Fito n'Alva, que inda brilha...
E rezo á Nossa Senhora,
Pedindo por nossa Filha.

1911.

Traços biographicos

Nasceu na cidade do Assú, a 27 de janeiro de 1854, Manuel Lins Caldas, filho de Francisco Justiniano Lins Caldas e d. Maria Gorgonia de Hollanda Caldas.

Muito moço ainda, revelou inclinação para as letras, escrevendo em diversos periodicos locais, litterarios e criticos.

Serviu, mais tarde, nas fileiras do Exercito Brasileiro e, ao obter sua baixa, voltou á terra natal, onde consorciou-se com d. Maria de Farias Caldas, a 19 de janeiro de 1886.

Transferindo sua residencia para Natal obteve o posto de official do Batalhão de Segurança, chegando a commanda-lo, por alguns annos, merecedor, que sempre foi, da confiança do governo.

Reformando-se em 1913, nem por isto o seu patriotismo deixou de vibrar, como outr'ora o de seu irmão Ulysses Caldas — o heróe de Curuzú — quando ameaçado o Brasil de manter, pelas armas, a sua integridade no formidavel conflicto europeu.

Com o pseudonymo de *Daslak*, publicou em 1911, um folheto, de versos intimos, denominados *Missivas*, de onde extrahimos as quadras que collocámos nesta anthologia.

Em 1919, assumiu a gerencia do jornal politico *A Opinião*, de que se afastou mais tarde, em vista de lhe ser precaria a saúde, deixando de existir a 29 de maio de 1921.

Joaquim Fagundes

1856—1877

NATAL



Santo Amor

No doce enlevo do sonhar primeiro,
Levei a vida sem cuidar na dôr...
Só tendo o mundo divinaes encantos,
—Porque tu eras—o meu santo amor.

Vivia ouvindo o modular dos anjos,
Lá, junto ao throno do real Senhor...
E, assim, contente, desfructára a vida,
—Porque tu eras—o meu santo amor.

Vivia ouvindo lá do céu os hymnos,
Que arrebatavam, com celeste ardor ;
Tudo esquecia—maguas, dôres, prantos—
—Porque tu eras—o meu santo amor.

Corriam doces, divinaes e puros
P'ra mim, os dias de eternal fulgor,
Em que eu vivia só de magas crenças,
—Porque tu eras—o meu santo amor.

Tudo se foi, com o perpassar do tempo
Morreu, sumiu-se, só ficando a dôr...
E eu choro ainda as illusões de outr'ora,
—Porque tu eras—o meu santo amor.

Traços biographicos

Na cidade do Natal, a 19 de março de 1856, á rua 21 de março e na casa onde esteve installado o *Atelier Typographico M. Victorino*, nasceu Joaquim Fagundes.

Era filho de Bartholomeu da Rocha Fagundes.

Fundou e redigiu com José Theophilo, seu inseparavel amigo, em 1874, a revista litteraria

philosophica e instructiva *Echo Miguelino*, organ da *Sociedade Miguelina*.

Creou, depois, em 1875, *O Iris*, periodico bi-mensal, dedicado ao sexo feminino, que teve por divisa este conceito de Stael: — "O genio não tem sexo".

Essa gazeta defendia gallhardamente os direitos da mulher.

Devido, talvez, á sua attitude cavalheiresca, no seio da imprensa provinciana, Joaquim Fagundes foi alvo, um dia, de carinhosa manifestação, por parte das suas conterraneas, na passagem do seu anniversario, recitando, em sua homenagem, o saudoso poeta bohemio Lourival Açucena, interprete do sentimento feminino, um expressivo soneto.

Ao tempo da controversia religiosa, defendeu calorosamente a estabilidade dos principios masonicos.

Escreveu dramas, realisou conferencias e deixou escriptos reveladores do seu fogoso talento, em plena florescencia.

Seus versos tinham o feitto romantico do tempo, sendo, porém, menos poeta que jornalista.

Primára, na tribuna, pela fluencia da palavra imaginosa e forte.

Morreu, em Natal, na antiga rua da Palha, hoje Vigario Bartholomeu, em a casa n.º 44, a 21 de agosto de 1877.

Para Joaquim Fagundes, no Tiro

Urbano Hermillo

1856

NATAL



Invulneravel

Ha no seu rosto, pallido e formoso,
Um mixto de alegria e de tristeza,
Que lhe faz realçar mais a belleza,
Me enchendo o peito de um supremo goso.

E em seu olhar, dolente e luminoso,
Bem vejo e sinto que su'alma é presa
A' dôr que, hoje, a tortura com fereza,
E ella a esconde, num riso jubiloso.

E assim vive... e assim prende... e assim captiva...
Tristonha e alegre, ás vezes, morta e viva,
Surda ás phrases gracios da paixão louca...

E bella e pura e santa — branco lirio
Do amor, que lhe dá vida e é seu martyrio,
“Somente a lua é que lhe beija a bocca”.

Traços biographicos

Filho de Candido José de Mello e d. Iza-
bel Secundina de Mello, já fallecidos, na cidade
de Natal, a 17 de outubro de 1856, nasceu Ur-
bano Hermillo de Mello.

Foi assiduo collaborador dos jornaes e revis-
tas da sua terra, onde exerceu as funções de
Porteiro, Amanuense e Secretario da Repartição
Central da Policia.

No regimen passado, militando no partido
conservador, recebeu a sua exoneração do cargo
de Amanuense da Secretaria da Policia, em que
foi depois reintegrado, no mesmo anno de 1889.

Casou-se, a 7 de novembro de 1899, com d.
Maria Geracina Moraes de Mello.

Durante 41 annos, em que serviu como fun-
ccionario publico, gosou, apenas 3 mezes de li-
cença.

E' hoje pensionista do Monte-Pio, em virtude
da lei n.º 416, de 20 de novembro de 1917.

Segundo Wanderley

1860—1909

NATAL



O naufragio do vapor Bahia

Corria a noite em meio ; em placida derrota
la um barco a vogar, qual celere gaivota,
Por sobre o dorso azul da vaga boreal...
Venus bella ostentava a sideral grinalda,
Sorria, em baixo, o mar — abysmo de esmeralda
Sorria, em cima, o céo — espelho de crystal !

Dormia a Creação, sonhava a Natureza,
Trazia a viração, na mansa correnteza,
Os perfumes subtis das flores tropicaes ;
Cortava a quilha esguia o liquido espumoso,
Emquanto da fornalha o fumo caprichoso
Doidejava a subir em negras espiraes

O rumo era feliz, o norte lisonjeiro,
O piloto na agulha, ao leme o timoneiro,
O braço sobre a roda, os olhos n'amplidão...
Era deserto o ar, silencioso o espaço,
Da helice só se ouvia o lugubre compasso,
Como enorme pulsar de enorme coração.

Inda vinha bem longe a loira madrugada...
Quebrava manso a vaga ao longo da amurada,
Cuspindo no convés as perolas de azul...
Fugia a terra além, nas curvas do horizonte,
E o marinheiro audaz erguia a bronzear a frente,
Examinando o norte, interrogando o sul !...

Rompia a calma, só, o echo da sineta,
Na prôa tremulava a pallida griseta,
Na pôpa era arreado o patrio pavilhão...
Deixava o barco, após, phosphorescente esteira,
Como sulco final á trilha derradeira,
Que traçára do mar na immensa vastidão.

Era impossivel crer que a mão do fatalismo
Cavar pudesse, atroz, um pavoroso abysmo
Para sorver, assim, tão gratas illusões ;
Era incrível pensar que vagas tão serenas
Contivessem no seio a furia das hyenas,
Os impetos febris dos rabidos vulcões.

Desengano cruel!... Na esmeraldina alfombra,
Resvala um'outra nau, perpassa um'outra sombra,
De opposta direcção, mas de destino equal;
E, ao longe, da coberta, um echo, então, resôa
Do Vigia, a bradar: — «Alerta! Vela á prôa!...»
Era tarde, de mais, p'ra conjurar o mal!...

Ao rebate veloz desperta a marinhagem...
E, sublime de amor, inmenso de coragem,
Assoma o busto audaz do bravo Capitão.
Agita-se o combate... Um choque violento
Fez o barco oscillar, n'um rapido momento,
Das cimas do velame, aos antros do porão!

Diffundira-se o horror!... Tomada de surpresa,
Extincta a luz da fé, offegante, indefeza,
Por cima do convés, corria a multidão...
Arquejava o piston, gemia o tombadilho,
E, para completar o lugubre estribilho,
Só faltára o fragor do lugubre trovão!

Perante tanto horror, não mais o stoicismo..
Do pranto o frenesi tocava ao paroxismo,
A voluptia da dôr chegava á embriaguez!
Dez minutos fataes de maguas, de amargura,
Bastaram para abrir na vida ignota, escura,
— O abysmo á Orphandade — e a porta á Viuvez,

A' surpresa infeliz, seguiu-se a luta insana,
Impossivel, cruel, heroica, sobrehumana,
De braços nús fendendo o humido lençol!
Na vertigem voraz de tão triste abandono,
— Uma taboa qualquer — valia quasi um throno,
— Um resquicio de luz — valia mais que um sol!

E o *monstro*, então, perdeu tão bellas esperanças,
Sem respeitar, sequer, ás timidias creanças,
Lançando sobre a dôr o seu desdem alvar;
Serviu de cirio — a luz dos vaporosos astros...
De confessor — o céu, de cruz — os longos mastros...
Fez-se a noite — sudario, e cemiterio — o mar!
.....

E quando o velho Isac, o filho do oceano,
Exgotado suppoz o esforço todo humano,
Cansado de lutar, descrente de vencer,
Fitou, sereno, o céu e, braços sobre o peito,
Deixou-se, assim, morrer, da morte satisfeito,
Por ter, até o fim, cumprido o seu dever.

Buscar a salvação, julgára covardia...
Abandonar o posto, era apagar, num dia,
As glorias que alcançára á luz de tantos sóes...
De tudo se esqueceu, no tragico momento,
Mas poudo conservar, no craneo, um pensamento :
— Que o mar devia ser a campá dos heróes !

E enquanto a pobre nau, que vinha lá do norte,
Se estorcia, á mercê das convulsões da morte,
De uma noite estival, na densa escuridão,
Ia a outra a fugir... ingrata cobardia!
Ouvindo, no convés, os gritos de agonia,
Deixando a fluctuar — o lucto e a maldição !...

.....

Mais tarde, quando o sol ergueu-se lentamente,
Bordando de setim as fimbrias do Oriente
E dos valles a flor abria-se a sorrir,
Viu-se um vulto occultar na pallidez das brumas,
— De menos um navio á tona das espumas,
— E um espectro de mais no seio do porvir !...

Bahia.

Traços biographicos

Manuel Segundo Wanderley, filho do dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Lins Wanderley, já fallecidos, nasceu em Natal, a 6 de abril de 1860.

Fez os seus estudos primarios na cidade do Assú, completando, depois, o seu curso de humanidades, de 1877 a 1879, no Recife e Natal.

Passou a cursar a Faculdade de Medicina da Bahia em 1880, e, doutourando-se a 23 de dezembro de 1886, escreveu a sua these sobre *Febres Perniciosas*.

Ali casou-se, em 26 daquelle mez e anno, com d. Raymunda Amalia da Motta Bittencourt, que lhe sobrevive, com 7 filhos

Tornou á terra do seu berço em março de 1889, exercendo, então, successivamente, as funcções de lente de Philosophia, Francez, Physica e Chimica e Historia Natural, no Atheneu Norte Rio Grandense; Inspector da Saúde do Porto, Medico-adjunto e Director do Hospital de Caridade e Inspector de Hygiene.

Em 1891 fundou, com seu tio Augusto Carlos Wanderley, o quinzenario *O Artista*.

Foi eleito e reconhecido deputado estadual em 1906.

Publicou *Estrellas Cadentes*, 1883; *Miragens e Prismas*, 1887; *Recollas Poeticas, Gondolas*, 1903; e *Poesias Completas*, versos; *Amor e Ciume* 1901; *A Providencia*, 1904; *Brasileiros e Portuguezes*, 1905, dramas; dando ainda á estampa a scena dramatica *As Tres Datas*, 1905, em segunda edição.

Escreveu e fez representar, além daquelles, *Noiva em Leilão*, e *A Pulga*, comedias; e a revista local *Natal em Camisa*, musicada pelo professor hespanhol José Borrajo.

Tambem publicou a phantasia *Entre o Céu e a Terra*, homenagem á memoria do grande aviador patricio Augusto Severo, e os pamphletos *Pela Verdade*.

Deixou ineditos: *A Louca da Montanha* e *Os Anjos do Claustro*, dramas; *A Rainha dos Bosques* e os *Dramas da Secca*, peças phantasticas, de theatro.

Segundo Wanderley succumbiu em Natal, ás 20 horas do dia 14 de janeiro de 1909, á rua da Conceição, n. 2.

A's bordas do seu tumulo, e em nome d'A

Republica, de que fôra assiduo collaborador, discursou o poeta H. Castriciano.

Falaram ainda, pelo *Gremio Litterario Augusto Severo*, Armando Seabra ; pelo *Circulo Catholico Pio X*, Vicente de Souza ; e, pela *Officina Litteraria*, Ivo Filho, recitando o soneto *Evocação*.

Em 1910, graças á bondade do Exmo. Snr. Dr. Alberto Maranhão, foi publicada a edição definitiva dos seus melhores versos, por conta do Estado, esgotada dentro de breves dias.

Em homenagem á sua memoria, algumas sociedades litterarias e dramaticas, da Capital e do interior, adoptaram-lhe o nome.

Estevam Dantas

1860

S. José de Mipibú



Distichos Latinos

Jam brasilica gens, jam tellus inclyta salve !
Lux surgit nova fastis memoranda tuis.
Natis, quos saeva dudum servile premebat
Lege jugum, lucet nunc peramira dies.
Corruit antiquum letali vulnere monstrum,
Triste nefas et, quo terra pianda, scelus.
Jamque tuus liber montes atque arva colonus,
Sorte sua felix, nocte dieque colit.
Jamque sui compos civis, tali auctus honore,
Curabit Patriae filius esse bonus.
Criminis elapsi species nunc mente recedat,
Aetas dira fuit, non recolenda mala.
Atra procella fugit, discedunt nubila coelo,
Surgit Apollo novo lumine splendidior.

Abscedat dolor, atque imo de pectore luctus
Absit, iniqua est gens libera tota lue.
Euge sonet cantus festiva voce per auras,
Et properet grates reddere turba Deo.
Jam tua me viridi circumdare tempora lauro
Da, Patria, et me laudes celebrare tuas.

Traços biographicos

Filho de Miguel Antonio Ribeiro Dantas e d. Joanna Evangelista Ribeiro Dantas, nasceu a 13 de agosto de 1860, no municipio de S. José de Mipibú, Estevam José Dantas.

Fez seus estudos primarios na cidade do mesmo nome, os secundarios em collegios do Recife e no Atheneu Norte Rio Grandense, e os superiores, do curso ecclesiastico, no Collegio Pio Latino Americano, em Roma.

Obteve, na Universidade Gregoriana, os gráus de bacharel e licenciado em sciencias philosophicas, cursando tambem o ultimo anno lectivo, no Seminario de Fortaleza, onde recebeu o sacerdocio, a 30 de novembro de 1884.

Foi vigario das parochias de Natal, Macau, Assú e Macahyba; Escrivão da Camara Ecclesiastica, Secretario do Bispado e Lente de Theologia Moral, na Parahyba.

Fundou, em Mossoró, o Collegio Santa Luzia e dirigiu, em Natal, o Collegio Santo Antonio,

Foi lente de Italiano e é hoje de Latim, do Atheneu Norte Rio Grandense.

Quando em Roma, aprofundou-se no estudo da litteratura latina.

E' membro honorario do Cabido Metropolitano da Parahyba, socio effectivo e 1.º Secretario do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, e Director do Atheneu Norte Rio Grandense.

A Santa Sé condecorou-o com a medalha honorifica — *Pro Ecclesia et Pontifice*.

Celestino Wanderley

1862

Assú



Passaros

O' passaros, voai, o campo vos espera
Abrindo, em cada flor, sorrisos de carinhos;
O' passaros, cantai, chegou a primavera
Tingindo de esmeralda a orla dos caminhos.

De seu throno de anil, da setinosa esfera,
O sol um beijo traz, a visitar os ninhos;
Ao céo, umbella azul, oasis de chimera,
Gorgeios desatai, ó lédos passarinhos.

Do dia se despede o luminoso encanto,
A noite desenrola as dobras de seu manto,
Estrellas ostentando em côres caprichosas ;

E os passaros se vão, em bando, em desalento,
A plumagem rufando á caricia do vento,
A saudade a sentir do perfume das rozas.

Traços biographicos

Filho do dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Wanderley, já fallecidos, Celestino Carlos Wanderley nasceu na cidade do Assú, aos 6 de novembro de 1862.

Formando-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 19 de novembro de 1887, ali consorciou-se com d. Anna Guimarães Wanderley, no dia 14 de janeiro de 1888.

Na capital do seu Estado, exerceu os cargos de Promotor Publico, Procurador Fiscal do Thesouro, Procurador da Republica, e acha-se, actualmente, investido das funcções de Juiz Substituto Federal.

Em 1889, publicou um livro de versos, denominado *Auroras*, cuja feição material foi trabalhada nas officinas typographicas do *Correio do Natal*, propriedade de seu finado avô materno, coronel João Carlos Wanderley.

Tudo passa e se extingue! .. a briza, a tempestade,
A treva, a luz, a queixa, a dôr, o pranto, a magua ..
Só não morre o pungir amargo da saudade! ..

1920.

Traços biographicos

Em São Raphael, municipio de Sant'Anna do Mattos, a 3 de maio de 1865, nasceu Petronillo Edison Pinheiro Joffely.

Já residindo na cidade do Assú, ali dava-se ao cultivo das musas, tendo collaborado no *Almanak do Assu'*.

Transportando-se para Macau, fundou, em 1907, o periodico *A Industria*.

Mais tarde, em Manãos, fazendo-se funcionario da Fazenda Estadual, desenvolveu grande actividade no jornalismo.

Perdendo o seu logar, veio ter a Natal, onde passou pelo desgosto de ver succumbir sua esposa, d. Claudina Pinheiro Joffely.

Occupa, actualmente, o cargo de Auxiliar da Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, para que foi nomeado a 13 de novembro de 1918.

Tem a publicar um livro — *Percursos da Historia*.



Sic transit...

Ao meu illustrado amigo—Dr. Sebastião Fernandes

.. Tristia maestum
Vultum verba decent

.....
Effert animi motus interprete lingua.
(Herat., Ars Poet. v. 105, 111)

I

Passa da vida humana a tôrva correntêza
Levando aos arrastões a célere existencia ..
Passa o mundo, o colosso, o atomo, a sciencia,
O seculo, as gerações, o bronze, a natureza..,

Foge o tempo veloz, em rapidos momentos,
Apagam-se aos vulcões as fervidas cratêras,
Passam outono, inverno, estios, primaveras,
Passam usos, costumes, raças, monumentos ..

Arranca o furacão a fronde dos baledos,
Abate o cataclysmo o pico das montanhas,
O raio pulverisa a crista dos rochedos...

Passa o gozo, a riqueza, o jubilo, a saúde,
A gloria, o fausto, o luxo, a pompa, a vaidade...
Só não morre a belleza eterna da virtude!...

II

Passa no leito esguio a limpha do regato,
No doce marulhar das correntezas mansas...
Morrem de um doce affecto as doces esperanças,
A' rude sensação de um pensamento ingrato...

Passa o travor do pranto, ás vezes, nesta vida,
Passam as estações, o emigrar das aves,
E sempre o doce ungir de balsamos suaves
Extingue a dôr atroz á chaga dolorida ..

Desfaz-se a trega noite ao rir da madrugada,
Após, extingue a noite as chispas do luzeiro,
E a treva impõe silencio à voz da passarada.

Theotonio Freire

1865—1917

Acary—Recife



Memento homo

O' grilheta da terra, a terra te reclama!
Exilado do céo, o céo fecha-te as portas!
Dos tempos através a tua voz exclama
Anathemas á vida ingloria que supportas!

Tu vieste de além, da treva das cavernas,
Dos meandros da selva e das margens dos rios,
Pyramides erguendo em solidões eternas
E templos collossaes a teus mythos sombrios,

Cerou deuses o medo em teu cerebro inculto,
E a mão que empunha o gladio eleva-se na prece :
Jupiter deu-te a força e de Venus o culto
Deu-te o prazer, o amor que as almas fortalece.

Romano, o teu poder subjuga todo o mundo,
A Europa avassallando, és barbaro do norte :
—Relampagos no olhar fuzilante, iracundo,
Bardos e heróes, na guerra, a semeiar a morte !

Das florestas sahindo, ergueste o surto aos montes,
Castellos elevando em pincaros selvagens ;
Mas estreitos já são teus largos horizontes
E embrenhas teus balsões por estranhas paragens.

Os ambitos do mundo e o circulo das aguas
Alargam-se ainda mais e cresce-te a vaidade ;
Queres mais terra e mar e alcantiladas fraguas,
E onde chegaste, um dia, eis — surge uma cidade.

As bastilhas do crime e os thronos derrocaste,
Devassando a amplidão e, ao intimo descendo,
A duvida franziu-te o labio e interrogaste :
—Onde a essencia de um Deus omnimodo e tremendo ?

Targino Jorge

1865

Ceará-Mirim



Insaciada

Tens o seio de fogo e a alma fria.

Castro Alves

Deixae que, pelo mundo inteiro, a desgraçada
Oscule, sem cessar, a bocca dos amantes,
Que têm na febre intensa e louca de uns instantes
A illusão de quem beija a bocca apaixonada.

Terá de percorrer a triste e longa estrada
Escabrosa e fatal, de todas as bacchantes ..
O collo alabastrino ornado de brilhantes
E a alma numa neblina envolta, enregelada.

Ha de ter, muita vez, a sêde ardente e louca,
A sêde, que só mata a fonte de outra bocca,
De um beijo perfumado a limpida frescura ..

E alma se inda tivesse .. e que tem alma, crêde :
Em beijos buscará matar a ardente sêde,
Mas nunca ha de encontrar o beijo que procura! ..

Traços biographicos

—E' natural do Ceará-Mirim, Targino Jorge.
Nasceu a 4 de julho de 1865.
Abraçou, ha muitos annos, a vida commer-
cial em que tem desenvolvido a sua actividade.
Trabalha e reside no Rio de Janeiro.

Homem, que queres mais ? Homem, que mais pretendes?
Sombria aspiração, dôr enorme e sombria !
Se acaso o teu olhar sobre o passado estendes,
Porque ris esse riso acerbo de ironia ?...

Triste, mesquinho verme, aos flammejantes astros,
Perguntas, soluçando, o teu ignoto rumo,
Cerra-se mais o azul e tu, sempre de rastros,
Vês tuas illusões esvair-se em fumo !

«De onde vim ? Onde vou ?...» E o céu fecha-te a porta!
«Onde a verdade e a luz ?» A tua voz exclama :
Exilado maldito, a maldição que importa ?
E's grilheta da terra, a terra te reclama.

Traços biographicos

Manuel Theotonio Freire Junior nasceu no Acary, a 6 de outubro de 1865, e baptisou-se na Matriz de Sant'Anna, de Curraes Novos.

Essa cerimonia foi ministrada pelo velho capellão padre Chrispiniano, quando vigario ali o padre Thomaz Pereira de Araújo.

Era filho de Manuel Theotonio Freire e d. Leonilla da Fonseca Freire.

No Recife, onde residiu muitos annos, diplomára-se pela Escola Normal, consorciando-se com d. Praxedes de Lacerda Freire.

Foi membro fundador da Academia Pernambucana de Lettras.

Além de muitos outros trabalhos, publicados em jornaes e revistas de seu paiz, o conhecido homem de lettras deixou ao patrimonio intellectual da terra commum as seguintes obras: *Republica*; *Ritornellos lyricos*, e *Bronze de coryntho*, poemetos; *Patria nova*, de collaboração com França Pereira; *Relevos*, phantasia; *Lavas e stellos*, versos; *Passionario* e *Regina*, romances; *Cartas e chronicas*; *Flammulas*, contos; e *De relance*, estudos criticos.

Com o seu fallecimento, no Recife, a 24 de Março de 1917, perdeu o Rio Grande do Norte — a terra de seu berço, e Pernambuco — a patria de seu espirito, um bello talento e uma solida cultura.

Pedro José

1867—1907

ASSU'

Mocidade

Primavera gentil, quadra risonha
Da vida, a mais ditosa,
Passaste, docemente, como passam
Os sonhos côr de rosa...

Quando, ás vezes, relembro o meu passado
De esperança e de amor,
Ai, levo o tempo a maldizer da sorte,
A's horas de languor.

A brisa, que cicia levemente,
Em dulcida canção,
Faz recordar-me os dias venturosos
Da primeira illusão...

A flor mimosa, que no hastil balouça,
Perfumando o jardim,
Desperta na minh'alma de descrente
Recordações, sem fim...

Nos verdes bosques do sertão, se arrula
A juriti saudosa,
Assim, também meu peito aneia e geme
Nesta vida enganosa...

Nos pomos roseos de virgineo seio,
Em plena puberdade,
Tenho um par de lembranças deliciosas
De minha mocidade !...

Traços biographicos

Na cidade do Assù, nasceu Pedro José Soares de Macedo, a 29 de abril de 1867.

Foram seus paes, Luiz José Soares de Macedo e d. Maria Miquelina de Macedo Araujo.

E' funcionario postal, dirigindo, ha muitos annos, em sua terra, a Agencia dos correios.

Tem collaborado em diversos jornaes, revistas e annuarios, não só do seu Estado, como de outras unidades do paiz.



Teu retrato

(Imitação)

Chega-te aqui... bem perto... junto a mim...
Quero rever, na linha da estatura,
Teu semblante de excelsa formosura
E esses labios de rosa e de jasmim.

Alteia o niveo collo de setim,
Fita os olhos naquella architectura...
Colloca a mão direita na cintura,
Deixa que a outra ampare a face... Assim...

Ergue a fronte serena, eril, graciosa,
Compõe a loira trança perfumosa,
E me não prives que eu te seja grato...

Como assim?! Santo Deus!... Estás chorando?
Já sei que não me queres ver pintando,
Nem mesmo em sonhos, teu gentil retrato.

Traços biographicos

E' filho de João Soares de Amorim e d. Anna Soares Chaves de Amorim, já fallecidos, João Soares de Amorim.

Nasceu, na cidade do Assú, a 8 de dezembro de 1868.

Consoiciou-se na Capital do Estado do Ceará com d. Maria Rocha Soares de Amorim.

Reside em Mossoró, onde é proprietario da *Drogaria Amorim*.

Na sua terra, collaborou em diversas gazetas litterarias.

José Barboza

1872—1912

Natal
Rio de Janeiro



Despedida

(A' E.)

— « E vaes partir!... E vaes deixar-me, breve.
Longe de ti... » Ella me disse, e o pranto
Rebentou-lhe dos olhos, tanto e tanto
Que, a soluçar, por muito tempo, esteve.

Volvi-lhe, então, tocando-lhe, de leve,
No cabelo aromal, meu doce encanto :
— « Vae tua imagem na minh'alma. » Entanto,
Ella as per'las dos olhos não reteve.

Pranto de neve... Lagrimas doridas
Essas, que vi rolando, enternecidas,
Quando, ao partir, o meu Adeus ouviste...

Enquanto, assim, teu coração mostrava
O immenso affecto que me votas, triste
Uma canção minh'alma modulava.

Rio, 1896.

Traços biographicos

Natal foi a terra em que nasceu José Candido Barbosa, a 11 de março de 1872.

Era filho de Antonio José Barbosa Junior e d. Maria das Neves de Alcantara.

Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense.

Pertenceu a diversas sociedades litterarias e collaborou, algumas vezes, nos periodicos locais.

Matriculando-se, mais tarde, na Escola Militar, chegou ao posto de capitão do nosso Exercito.

Morreu, no Rio de Janeiro, a 15 de dezembro de 1912.

Ezequiel Wanderley

1872

ASSU'



Pagina intima

*Para a filha do meu amor
e o amor de minha filha.*

«Que sejas sempre assim — a imagem da Ternura;
E o doce lenitivo às dôres dessa dôr...
Trazendo á solidão de minha noite escura
Uma restea de luar e um perfume de flor.

Vive para eu viver da graça e da candura,
Que me vem de teu gesto airoso e encantador ..
Nada vale — a riqueza, o orgulho, a formosura,
Sem o azul desse affecto e as rosas desse amor.

Si o perdão purifica, enleva, aperfeiçoa,
Teu riso, aberto a flux, suavissimo, sereno,
Faz de minh'alma triste, um'alma alegre e bôa! ..

Que esse amor filial, meu doce amor, não mudes,
Dá que eu possa rever, em teu perfil moreno,
— A cerulea visão de todas as Virtudes.

Traços biographicos

Na cidade do Assú nasceu Ezequiel Lins Wanderley, a 27 de outubro de 1872.

E' filho do dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Lins Wanderley, já fallecidos.

Tendo feito o curso de humanidades no Atheneu Norte Rio Grandense, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, para onde não pôde seguir, contrariando assim o desejo de bacharelar-se.

Consoiciou-se em Natal, a 6 de outubro de 1894, com d. Claudina Augusta Wanderley.

Ao lado de confrades amigos, que com elle trabalharam na imprensa local, fundou *O Tentamen*, *A Evolução*, *O Porvir*, *O Fantoche* e *A Tribuna*.

Redigiu, com os drs. Sebastião Fernandes, Ponciano Barbosa e Luiz Potyguar, o *Diario de*

Noticias, tendo sido antes collaborador do *Jornal da Manhã*, organ de propaganda politica, que se manteve sob a direcção do dr. Moysés Soares.

Na cidade de Macau, foi um dos redactores da *Patria* e da *Folha Nova*.

Já exerceu as funcções de membro da Comissão de Estatistica do Estado e de Amanuense da Junta Commercial.

Foi, por alguns annos, revisor d'*A Republica*, fazendo parte do seu corpo de collaboradores.

Nomeado 2.º Escripturnario do Thesouro, a 3 de junho de 1903, ali exerceu varias commissões.

Promovido a 1.º Escripturnario, a 28 de dezembro de 1910, foi commissionedo, em 20 de janeiro de 1911, administrador da Mesa de rendas estaduaes do municipio de Macau, onde permaneceu até março de 1914.

Em 25 de maio de 1915, durante o impedimento do respectivo serventuario, occupou o cargo de Procurador Fiscal.

Já publicou: *Os cajús do papae*, dialogo infantil, em versos; *A tia Quiteria*, comedia em versos; *A mortalha de rosas*, episodio dramatico, representado, no *Theatro Carlos Gomes*, pela *Companhia Lucilia Feres e Leopoldo Fróes*; *Balões de ensaio*, artigos e chronicas.

Entre os seus trabalhos, ainda não dados á estampa contam-se: *Fora do Serio*, versos humoristicos; *O papa-gerimú*; revista de critica e costumes locais, encenada pelo *Gymnasio Dramatico*, no *Theatro Carlos Gomes*; *A Republica dos bichos*, phantasia theatral; *Da tribuna*, allocuções e palestras littero-humoristicas; *Rimario*, versos de hontem e de hoje; e *Elle .. ellas ... e a outra...* phantasia lyrica representada

no *Theatro Carlos Gomes* pela *Companhia Regional*.

Ezequiel Wanderley faz parte de diversas associações litterarias, dramaticas e recreativas, sendo membro do Conselho Superior da Instrução Publica do Rio Grande do Norte, socio effectivo da *Associação Brasileira da Imprensa*, no Rio de Janeiro, socio honorario do *Centro Artístico Natalense* e presidente do *Natal-Club*.

Em commissão do Governo do Estado, está no exercicio do cargo de Director-Secretario do *Banco do Natal*.



Retorno

Chegaste, enfim! E, enfim, a dôr, que no meu peito
Morava, antigamente,
Trazia-me sujeito
A's urzes da saudade e ao pranto impenitente.

No emtanto, hoje, somente,
Em vez desse painel de lagrimas, desfeito,
Enche toda minh'alma a musica dolente
De teu riso perfeito.

E' que, quando partiste, em plena solidade,
A tûrbida saudade,
Em doloridos ais,

Num dilemma cruel a idéa nos prendeu:
Tu pensando, a chorar — que eu te esquecia .. E eu
—Que te não via mais.

Traços biographicos

A 22 de janeiro de 1873, nasceu, na cidade do Ceará-Mirim, José Alcino Carneiro dos Anjos, filho de Francisco Xavier Carneiro dos Anjos e d. Anna Candida Carneiro dos Anjos.

Artista typographo, durante alguns annos, trabalhou nas officinas do *Correio do Natal* e d'*A Republica*.

Foi Auxiliar e Amanuense da Secretaria do Governo do Estado.

Consoiciou-se, em Natal, com d. Guilhermina Leite Carneiro dos Anjos, a 25 de junho de 1918.

Escreveu para diversas gazetas locais, com pseudonymos, tornando-se, porém, mais conhecido pelo de — *José de Abreu*.

Foi um dos esteios do gremio litterario *Le Monde Marche*, collaborando com muita assiduidade n'*O Oasis*, seu organ na imprensa.

Tem em preparação dois volumes, um em prosa e outro em versos, que serão denominados *Primaveras*.

José Alcino é hoje 2.^o Escripturnario e balancista do Thesouro do Estado.

Honorio Carrilho

1873

Ceará-Mirim



As duas fontes

Um dia, eu tive sede, e sede intensa
De saber, de saber...
E pensei: vou bater na fonte immensa
Dos bons livros... Vou ler...

E fui... Ella dormia, ao pé de um monte,
Tão crystallina e pura
Que, quanto mais bebia dessa fonte,
Maior era a secura !..

De outra vez, (como diz-m'o inda a memoria,
E com que grande dôr !)
Tive sêde... de que ? de amor, de gloria ?...
Tive sêde de amor.

E perguntei a fonte : onde se apaga
Esta sêde, onde está ?
No céu, na terra, em que paiz ou plaga ?
Onde fôr, irei lá !

Mas, ninguem respondeu-me ; e, com malicia,
Balbuciei, então :
— Dessa, bem sei, só me dará noticia
Quem tiver coração.

Traços biographicos

— No municipio de Ceará-Mirim, a 2 de março de 1873, nasceu Honorio Carrilho da Fonseca e Silva, filho de João da Fonseca e Silva Sobrinho o d. Francisca Theodolinda da Fonseca e Silva.

Estudando humanidades no Atheneu Norte Rio Grandense, formou-se, depois, em 1895, pela Faculdade de Direito do Recife, fundando ali a *Revista Potyguar*.

Foi Professor-adjunto da Escola Militar do Realengo e Auxiliar do Ensino, no Collegio Militar do Rio de Janeiro, onde tambem collocou-se no *Republica*, organ do Partido Republicano Federal, e n'*O Paiz*, chegando a redigir para este, por algum tempo.

Exerceu, depois, as funcções de Promotor publico da comarca de Prados, no Estado de Minas Geraes, creando ali o periodico *Cidade de Prados*.

A 7 de junho de 1903, casou-se, em Natal, com d. Maria Pereira Carrilho.

Tem sido redactor, fundador e collaborador de alguns jornaes e revistas na Capital do seu Estado.

E' o actual Procurador da Republica, na secção do Rio Grande do Norte, funcções que exerce desde 1902.

Luíz Souto

1873

S. José de Mipibú



Hora Extrema

Olhos ao céu, anjo da dôr, perfeito...
Eu vejo-a sempre, em extase, rezando,
Que mais parece a virgem santa, quando
Jesus morreu sublime e satisfeito.

Dentre as alvas cortinas de seu leito,
Por onde a luz da fé vae se escoando,
Eu ouço, em ancias de soffrer, arfando
Aquelle, outr'ora, fervoroso peito.

Quanto a morte transforma a creatura !...
Como é terrível esta noite densa
Onde jaz sepultada tanta magua !...

Quem, ao fitar tamanha desventura,
Não compartilha dessa dôr immensa,
Não sente os olhos marejados d'agua ? !

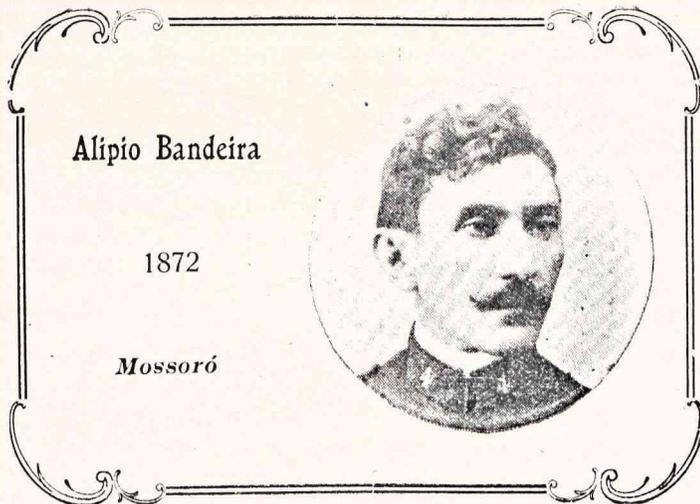
Traços biographicos

No dia 30 de julho de 1873, em São José de Mipibú, nasceu Luiz Antonio Ferreira Souto Filho.

E' filho do dr. Luiz Antonio Ferreira Souto, já fallecido, e d. Joanna Cerqueira de Carvalho Souto.

Muito moço, dedicou-se á carreira das letras, fundando alguns jornaes criticos e collaboreando em outros litterarios.

Abraçou, em começo, a vida militar, que deixou depois.



A mais bella

E' este aquelle Pavilhão famoso
Que a divisa da paz traçou primeiro,
Nem tão nobre, outro assim, nem tão formoso
Vcs, ou viste jámais no mundo inteiro!

Do campo de esmeralda e de oiro, antigo
Que a terra duas vezes commemora,
Em siderca planura e ledó abrigo
O céo da Patria se reflecte agora.

No horizontal sentido a forma austéra
Poz do rectang'lo verde os grandes lados,
Nelle o rhombo amarello e neste a esfera,
Todos de um centro só considerados.

Corta o globo, dois terços dominando,
A planetaria zona reclinada,
Nesta, o rumo da terra assignalando,
Vela e clama a divisa sublimada.

Todo o grupo estellar commanda e guia
Distincto na passagem distinguida,
O que Throno de Cezar se dizia
Outr'ora, e hoje Cruzeiro se appellida.

Sobre a faixa verás somente aquella
De Hiparcho enamorada companheira,
E sob as outras todas, mesmo a bella,
Reluzente nortista da fronteira.

Fica embaixo e é do Sul balisa e barca
Nossa meiga polar, Sigma do Oitante,
Que a Capital brasileira tambem marca,
Pois a esfera se inclina do bastante.

A' direita terás as tres que afoito
Mestre Johanes pintou, mais longe vendo
Tambem do Escorpião o grupo de oito
Que de Antares mais uma vem descendo.

A' sinistra Canopo está patente,
Anda em medio logar — rubra e sonora —
A de Horacio «Canicula fulgente»
E mais alto Procyão, que o Nylo adora.

Vinte e uma ao todo são, para que tenha
Dos Estados o numero cumprido
E logo o Federal Districto venha
No sitio que lhe cabe referido.

Si agora te disser que da esperança
Têm as letras a côr e são de prata
As estrellas e a faixa da bonança,
A Bandeira a teus olhos se retrata.

Mas direi, por deixa-la bem pintada,
Que nem toca o losango a cerca extrema,
Nem a esphera que deste está cercada,
Pois as bordas evitam, como o lemma.

Esta, pois, nossa terra symbolysa,
Esta, nosso hemispherio representa,
Nossos feitos relembra, e na divisa
Nossas aspirações prega e sustenta.

Do Porvir, do Presente e do Passado,
Patrios e humanos claramente fala,
E, por obra de acaso afortunado,
O céu do Quinze altissimo propala.

«Aure-verde Pendão» da terra amada,
Seu pallio estenderá maternalmente
Sobre a escura floresta abandonada
Onde amparo requer brasilea gente.

E depois mostrará — recto e zeloso —
A's amigas nações, ao mundo inteiro,
Que é sempre aquelle Pavilhão famoso
Que o caminho da paz mostrou primeiro.

1912.

Traços biographicos

— Alipio Bandeira, que é filho de Odilon Addolino Pinto Bandeira e sua mulher d. Vicencia Amelia Pinto Bandeira, teve o seu berço na cidade de Mossoró, a 15 de agosto de 1873.

Verificou praça a 18 de abril de 1890, matriculando-se e estudando na Escola Militar do Ceará.

Promovido a 2.º tenente, em 1894, fez o Curso Geral Regular em 1898.

Em 1908 era 1.º tenente, e em 1913, capitão graduado e depois effectivo.

Tem o diploma de Agrimensor e uma brilhante folha de serviços na Catechese dos Índios, como auxiliar do coronel Candido Mariano Rondon.

Já publicou *Sertanejas*, livro de versos, e um folheto contendo bellissimas estrophes á Belgica.

Em 1920, deu á estampa *Vozes da America*, que é mais um dos labores poeticos do seu espirito.

Alipio Bandeira, em homenagem á Bandeira, escreveu, em 1912, a poesia que acima estampámos.

Foi promovido, em 1919, ao posto de major.

Guiz Gôbo

1873

NATAL

DR. ISRAEL NASARENO

Suas Cartas

Guardo, num cofre de metal lavrado,
Vindo de estranhas terras do Oriente,
Todas as cartas do saudoso ente,
Que, dona do meu ser, ha me enviado.

Guardo-as como um aváro allucinado
Guarda, em febre, um thesouro aurifulgente...
E, quando as leio, beijo-as reverente,
Como um crente, ante um idolo sagrado...

Sim, porque essas primorosas linhas,
Que ha traçado o seu punho alabastrino,
São do amor as saudosas andorinhas...

Vôam, de onde a minha santa móra,
Conduzindo, no bizzo pequenino,
Crystallizado, o pranto que ella chora.

Traços biographicos

Em Natal, a 4 de setembro de 1873, nasceu Luiz Lôbo.

Foram seus paes Miguel Pinheiro Cavalcante Lôbo e d. J. B. da Camara Lôbo.

No Atheneu Norte Rio Grandense estudou preparatorios, fundando alguns jornaes litterarios e collaborando em outros, que circularam e desapareceram rapidamente na sua terra.

Verificou praça a 21 de janeiro de 1890.

Em 1894, foi promovido a 2.º tenente; em 1898 concluiu o Curso Geral Regular; em 1908 foi promovido a 1.º tenente; e a capitão em 1911.

E' autor de um trabalho scientifico — *Geographia Militar do Brasil* — que será publicado opportunamente.

Já attingiu ao posto de major do Exercito, e hoje, pela sua competencia, gosando sempre a confiança do governo, é o Commandante Geral da Força Publica do Estado do Pará.

Augusto Meira

1873

Ceará-Mirim



A Bandeira

*(1.º premio no concurso aberto pelo
Estado do Pará)*

Vem do céu, repousar sobre o meu peito,
Bandeira de ouro do Brasil! .. pedaço
Ardente de meu ser, solto e desfeito
Em luz, cantando e dominando o espaço!

Como um rio extravasa do seu leito,
Inunda de esperança o teu regaço!
Tens a gloria, o donaire, o ardor perfeito
No grande amor de tudo quanto eu faço!

Estrellas pulchras, madrugadas de ouro,
O cruzeiro em tropel largo e sonoro,
Voz do passado .. vão ao teu porvir!

O anseio de meu ser é o teu anseio...
Bandeira Patria, deslumbrado, eu creio
Que, em ti, eternamente hei de existir!

Traços biographicos

No engenho *Diamante*, municipio do Ceará-Mirim, a 11 de dezembro de 1873, nasceu José Augusto Meira Dantas, filho do dr. Olintho José Meira e d. Maria Generosa Meira Ribeiro Dantas.

Desde 1902, redige prosa e versos para os jornaes do Pará, onde reside.

Em janeiro de 1905, ali casou-se com d. Amelia de Bastos Meira, neta do Barão de Santarém.

Viajou na Europa, visitando a França, a Inglaterra, a Belgica, a Allemanha, a Austria, a Italia, a Suissa e Portugal.

Já publicou *Alcyons*, *Phalenas e Nenuphars*, *Direito e Arbitrio*, *In Memoriam* e outros volumes, tendo a publicar : *Caminho da Gloria*, *No Altar da Patria*, e *Estudos de Direito*.

Submettendo-se a concurso, em 1908, entrou para o corpo docente da Faculdade de Direito de Belém, sendo professor de Direito Criminal, que lecciona pelos methodos da escola naturalista, positivista e critica.

O dr. Augusto Meira é tambem deputado estadual, eleito pela segunda vez, e exerce advocacia na capital do Pará.

Henrique Castriciano

1874

Macañyba



A Estatua

Pasmo de si, do proprio esforço pasmo,
Qual se de um outro aquella idéa fosse,
O velho Artista, em doudo entusiasmo,
Ante o seu genio, tremulo, assombrou-se.

Annos inteiros, cheios de amargura,
Elle arrostára, num labor insano,
Nos olhos tendo aquella imagem pura,
N'alma sentindo os impetos do Oceano.

Essa illusão de marmore gelado
Findára da velhice nos escombros,
E, agora, o genio estava ali curvado,
Como sustendo o mundo sobre os hombros.

Ah, dir-se-ia que toda a sua seiva
No amago da pedra se infiltrára
— Rio de Sol que transformasse a leiva
Numa paisagem deslumbrante e rara!

Triste, na idade moça dos desejos,
Não teve amor: o bloco o envelhecera.
Fechou, da gloria aos lucidos lampejos,
Naquella rocha a sua primavera.

E, pouco a pouco, a rude mão callosa,
Num divino milagre de esculptura,
Talhou na pedra a fôrma esplendorosa
Da Santa Magdalena da Escripura.

Era franzina e pensativa. Os seios
Pareciam conter, cheios de susto,
Um coração e, dentro d'elle, anceios
Dando mais vida ao luminoso busto.

No vago olhar da pobre peccadora
Havia o que da morbidez dormente
Que tem no céu azul quando descora
A estrella d'Alva tímida, innocente.

Liberta-me, por Deus! Que desvario
Nesta prisão tristonha como o goivo!
Vê tu como padeço... eu sinto frio...
Quanta saudade, quanta! do meu noivo!

Ao longe, canta a voz triste de um sino,
Ave, Maria! E o som, na Immensidade,
Sobe, sobe a chorar, doce e divino,
Augmentando o soffrer desta saudade.

Sinto desejos de resar, enquanto
O Angelus repercute nas encostas...
Tem compaixão, tem pena do meu pranto...
Por que não me fizeste de mãos postas?»

Calou-se a Estatua. O Genio, allucinado,
Pegou do malho e destruiu, demente,
Aquelle sonho — todo o seu Passado,
Aquella imagem — todo o seu Presente!

Um bando de Aves pelo Azul fugia,
E elle, fitando a vastidão que encanta,
Voltou-se, a vêr se alguma conduzia
No bico aberto, o coração da Santa!

Traços biographicos

Henrique Castriciano de Souza é natural da cidade de Macahyba.

Ali nasceu a 15 de março de 1874.

Foram seus paes Eloy Castriciano de Souza e sua mulher d. Henriqueta Leopoldina de Souza.

Muito moço ainda revelou o seu pendor para as pugnas litterarias, escrevendo artigos, chronicas e poesias de alto relevo artistico, para jornaes e revistas do paiz, notadamente de Natal.

Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense.

Iniciando o seu curso juridico na Faculdade de Direito do Ceará, teve de conclui-lo no Rio de Janeiro, onde bacharelou-se em 1908.

Foi Secretario do Governo, e Procurador Geral do Estado.

Viajou pela Europa, e, quando de lá regressou, ao lado de eminentes coestadanos, conseguiu fundar, em Natal, esse estabelecimento modelar, que é a Escola Domestica.

Já publicou, em versos, quatro volumes: *Iriacões*, *Vibrações*, *Ruínas* e *Mãe*.

Em original, tem outros trabalhos confirmadores do seu talento e da sua cultura.

E' socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte e do *Centro Polymathico*.

Eleito e reeleito Vice-governador, investido dessas funcções, preside o Congresso Legislativo do Estado.

O Sol, para beijar-lhe o collo, tinha
Fulvas scintillações de raios mornos :
A's vezes, noite, inda o clarão sustinha
Para aquecer-lhe os languidos contornos.

E o velho artista recordava agora
Os seculos de angustia e de martyrio
Que lhe custára aquella grande aurora,
Despertada do cháos de seu delirio.

Ah, quantas vezes, nessa dôr que aterra
O proprio genio, se rojára ao chão
A vêr, a vêr se o coração da Terra
Mais junto ao seu, lhe dava inspiração !

Nisto, sentiu que o marmore chorava,
Como distante desta gleba fatua,
E viu surpreso, então, viu que brilhava
Uma lagrima nos olhos da Estatua.

«Eu fiz de ti, ó Santa! o puro cofre
Onde guardei toda esta vida insana!
Fala! Que sentes tu? Acaso soffre
O marmore, ao tomar a forma humana ?

A ESTATUA :

Que vem fazer neste rochedo, escuta,
Quem morava do Espaço na miragem?
Que força estranha, após anciosa luta,
Fundiu-me nesta pedra a alma e a imagem?

E quando Miguel Angelo esculpia
O vulto de Moysés, num sonho lento,
Terá visto também que elle soffria
Ao trocar pela argila o firmamento?

«Corta-me o seio a Noite quando desce,
Regela o frio os meus nevados flancos,
Leve teu genio ao céo a minha prece
Já que gerou os meus contornos brancos...

Habitava no Azul. O Nazareno
Os olhos enxugava em meu cabelo,
Prende-me agora o marmore sereno...
Dexa-me vêr Jesus ! Eu quero ve-lo...

Palmerio Filho

1874

Assú



Ser pobre

Ser pobre é ter a honra exposta ao corte
De calúnia mais torpe e venenosa...
Viver sem ter direito — ó dolorosa
Lei! — de amar, quem na vida lhe conforte...

Ser pobre é navegar sem luz, sem norte,
No negro mar da vida procellosa...
E' ser humilde escravo da orgulhosa
Nobresa vã, que se presume forte!

Ser pobre é andar no mundo segregado
Dos festins da opulencia, onde professa
E tem assento o rico, o potentado ..

Para o pobre, reserva a dúbia sorte
Um doce lenitivo, uma promessa :
— A esperança de um céu .. depois da morte ! ..

Traços biographicos

A cidade do Assú, terra dos verdes carnaúbaes, viu nascer Palmerio Augusto Soares de Amorim Filho, a 25 de abril de 1874.

Foram seus paes Palmerio Augusto Soares de Amorim e sua esposa d. Maria Caldas de Amorim.

Ao aprender as letras rudimentares, iniciou a vida de trabalho, no commercio, sem com isto descurar o cultivo das letras.

O Assú deve ao seu infatigavel esforço e á claridade da sua intelligencia o apparecimento passageiro, embora, de alguns periodicos locaes, destacando-se dentre esses o semanario *A Cidade*, a que elle vem imprimindo o melhor de seu esforço, ao mantel-o, ha muitos annos, com a resistencia dos fortes e o desassombro dos estoicos.

Nos torneios da imprensa, tem tido sempre em Celso Filho e Francisco Amorim, os seus principaes auxiliares.

Allia aos dotes de jornalista provinciano, os de orador entusiasta.

José Gima

1874

Rio Grande do Norte

Miragem

Vieste a rir... Tu'alma vinha cheia
De uma alegria satisfeita e pura ..
E, visitando o pouso da ternura,
Nem reparaste na desdita alheia ! ..

Viste o jardim em flores e verdura
Onde sereno o teu carinho aneia ..
E o teu cuidado em cada flor vagueia.
E em cada ramo a tua mão se apura ..

Olhaste em frente os lances da paisagem
E, como em busca da saudosa imagem,
Triste choraste, num fugaz momento...

E foi, então, que eu vi, dentro em noss'alma
A nossa dôr como parece calma,
Como parece doce este tormento! ..

Traços biographicos

— E' natural do Rio Grande do Norte, José da Silva Lima.

Nasceu a 19 de março de 1874.

Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife.

Jornalista, orador e poeta.

Faz parte da classe dos funcionarios da Fazenda Estadual de Pernambuco.

Abdon de Macedo

1874

Assú



Seducção

Dizem as Escripturas
Que a serpente seduzindo Eva
Com a promessa dulcida que enleva,
De ser igual ao Deus lá das alturas ;

Deu-lhe a comer o fructo prohibido.
— Eva deu-o ao marido...

Houve seductora,
Houve seduzido...

Tal como Eva, tú fizeste agora,
 — Déste-me... o que? — No calice da flor,
 Um veneno lethal que me devora:
 — Uma gotta de amor ..

Representa a serpente — o deus Cupido,
 E o amor — o fructo prohibido ;
 E tú — a seductora
 E eu — o seduzido.

Traços biographicos

A 16 de julho de 1874, no sitio Poassá, municipio do Assú, nasceu Abdon de Macedo.

E' filho do coronel Antonio Soares de Macedo e d. Francisca Francellina de Macedo e Araújo, já fallecidos.

Casou-se com d. Claudina Ernestina Soares de Macedo a 30 de Novembro de 1895.

Como funcionario publico, exerceu os logares de Secretario da Intendencia do Assú, e de Promotor Publico, interino, daquella comarca.

Em 1908, fixou residencia em Natal, sendo nomeado para o cargo de Amanuense da Secretaria do Governo.

Mais tarde, foi convidado, pelo então Governador do Estado, Dr. Alberto Maranhão, para exercer as funcções de Official de Gabinete, sendo depois nomeado 1.º Escripturario do Thezouro do Estado, logar que actualmente occupa,

Martins
de Vasconcellos

1874

Apody



Soror Celeste

Nas dobras sepulchraes de austero e negro manto,
Triste como o negror de uma noite hybernal,
Niveo corpo de hury, esconde o eterno encanto
Que extasia e converte um misero mortal !

E ao trazer no burél seu rosto angelical,
De lividez marmorea, a traduzir espanto,
Nos labios tem — o riso esphingio da vestal,
E nos olhos — a côr doentia do heliantho !

As delicadas mãos setineas, de alabastro,
São dois cysnes do céu, e a cabecinha leve,
Presas ao capús, semelha um pequenino astro...

Soror Celeste é assim — linda, meiga, impolluta ..
 Mas seu olhar tem fogo .. e o coração tem neve ..
 —Queima, se fita alguém—gella se alguém n'a escuta ..

Traços biographicos

Nasceu José Martins de Vasconcellos, no Apody, aos 11 de novembro de 1874.

Consoiciando-se com d. Francisca Libania de Vasconcellos, por fallecimento desta, contrahiu segundas nupcias com d. Silvia Freire de Vasconcellos, residindo, ha annos, na cidade de Mossoró.

Já occupou os cargos de Promotor Publico, interino, Secretario da Intendencia daquelle municipio, Agente Fiscal Federal, do imposto de consumo e Director-professor do Grupo Escolar *Trinta de Setembro*.

Exerceu tambem o cargo de Ajudante do Procurador da Republica, de 5 de junho de 1905 a 23 de abril de 1920.

Fundou, com outros confrades da imprensa mossoroense, *A Crise*, *A Idéa*, *A União*, *O Mensageiro*, *A Escola*, *A Atheneida* e mais alguns periodicos de pouca vida.

Collaborou no *Commercio de Mossoró* no *Mossoróense* e em diversos Almanaks publicados no paiz.

Escreveu, com o dr. Elyseu Vianna, a revista local, de theatro, *Mossoró por dentro*, ornando-a de musicas de sua inspiração.

Já publicou dois volumes e um folheto de versos : *Psalterio da saudade*, *Renovos d'alma* e *Sultão*, dando também á estampa, em prosa, as *Historias do sertão*.

Tem ainda, a entrar para o prelo, os *Satyros*, volume de sonetos.

E' o redactor-chefe do *O Nordeste*, jornal regularmente feito em officinas typographicas de sua propriedade, e que ali surgiu a 15 de outubro de 1916.

Pouco a pouco, a materia se aniquilla,
Mas a alma immortal aos céos se eleva ..
Que venha, pois, a Morte — estou tranquilla.

Traços biographicos

Filha do coronel Luiz Gomes de Amorim e d. Anna Maria Soares de Araújo Amorim, nasceu na cidade do Assú, aos 22 de janeiro de 1875, Anna Angelina de Amorim Macêdo.

Casou-se a 21 de julho de 1896 com João Francisco Soares de Macêdo.

Collaborou em alguns periodicos e no *Almanak do Assú*, vindo a fallecer, em 5 de junho de 1906, no logar de seu nascimento, onde residia, cercada da estima da familia e das amigas.



Trindade Nacional

VERA CRUZ, SANTA CRUZ, BRAZIL, como eu te adoro,
TRINDADE NACIONAL! Teu baptismo foi santo!
Mas, qual o de Jesus, no Lenho Sacrosanto,
Ao pé da tua Cruz, teu martyrio deploro!

Cabral sorriu ao ver-te; eu hoje ao ver-te choro ..
Como te anoja o corpo o nauseabundo manto,
Que já pesado está das bagas de teu pranto,
E do sanguineo suor, que deita cada póro!

Que outra dôr, que outros vis opprobrios, que outros
[damnos
Poderão mais causar em teu corpo e em tua alma,
NAZARENO—BRAZIL, teus filhos deshumanos! ?

Desde o berço que vens cruzando amargas ruas!
Perante Christo até, tens do martyrio a palma:
— Elle uma cruz soffreu... tú já soffreste duas!...

Bahia — 1920

Traços biographicos

Affonso Soares de Macedo é filho do coronel Antonio Soares de Macedo, e d. Francisca Francellina de Macedo e Araújo, já fallecidos.

Nasceu, na cidade do Assú, a 11 de outubro de 1875.

Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense, matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife, onde recebeu o grau em 1910.

Quando na sua terra natal, figurára entre o corpo de collaboradores d'*A Semana* e d'*A Cidade*.

Ali, redigiu tambem com seu irmão Americo Macedo, *A Crença*.

Em Pelotas, Rio Grande do Sul, collaborou nos diaries *Correio Mercantil*, *Diario Popular* e *A Republica*.

Em Pernambuco, escreveu n'*A Provincia*, publicando, em S. Salvador, no anno de 1915, um opusculo denominado *Amor de um canario* e muitos outros versos no *Jornal de Noticias*, *Diario da Bahia e Imparcial*, tendo collaborado desde a sua fundação, na revista litteraria *A Renascença*.

Funcionario federal, Afonso de Macedo está exercendo na cidade de S. Salvador, Estado da Bahia, o cargo de 3.º Escripturario da Delegacia Fiscal, que o tem como um dos seus mais competentes auxiliares.

María Carolína

1876

ASSU'



Alvorada do Amor

Palpita o coração, de manso, a medo,
Dentro de um sonho virginal, formoso ..
Ha sorrisos em festa e um dulçuroso
Poema santo de um gentil segredo...

A brisa beija as franças do arvoredó ..
Trinam aves um hymno languoroso ..
E de illusões o sonho vaporoso
Esplende meigo, doce, grato, ledó.

E quando, enfim, do coração se evola
A pureza da crença, que consola
O desalento, a magua, o pranto, a dôr,

Vê-se que d'alma se irradia agora
A luz, tão bella quanto a luz d'aurora,
— O sol, sem nuvens, do primeiro amor.

Traços biographicos

Tendo nascido na cidade do Assú, a 30 de janeiro de 1876, Maria Carolina Wanderley Caldas, filha do dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Lins Wanderley, já fallecidos, ali vive, desde tenra idade, na carinhosa companhia de seus paes adoptivos, coronel Francisco Justiniano Lins Caldas e d. Umbelina Wanderley Caldas.

Revelando, muito cedo, uma natural tendencia para o exercicio do magisterio, installou na casa da sua residencia uma modesta escola, sendo mais tarde nomeada professora municipal.

Em 1911, porém, ao ser ali inaugurado o grupo escolar *Tenente-coronel José Correia*, teve collocação naquelle estabelecimento de ensino, onde passou a reger a cadeira mixta infantil, sendo de uma exemplar dedicação ao ensino da infancia.

Tem collaborado em diversos jornaes do Assú e da capital do seu Estado.

Dará, opportunamente, publicidade aos seguintes volumes, em versos: *Musa sertaneja*, *Trovas infantís*, e *Lyra das selvas*; e, em prosa, *Palestras infantís*, licções de moral e civismo, e *Dramas escolares*.

Em 1918, submettendo-se a concurso na Escola Normal de Natal, foi nomeada effectivamente para reger a cadeira que antes lhe fôra designada e onde continúa a leccionar, manifestando sempre interesse pelo desenvolvimento da instrucção.

Luiz Trindade

1876

Papary



A Cruz

Vês ali uma cruz abandonada,
Feita de velhos troncos de madeiro...
Emblema onde se alteia o verdadeiro
Culto de amor á legião sagrada ?

Vês ali, no silencio de um oiteiro,
Vislumbres de uma choça abandonada,
Onde, em festas, gorgéia a passarada,
Soltando, á tarde, o canto derradeiro ?

Não vês também, quando agonisa o dia,
E que o sino da aldeia a Ave-Maria
Toca — uma virgem contemplando os céos ?

Pois bem ; aquella cruz, sobre a savana,
Guarda a historia fiel de uma cabana,
Que viu passar e viu morrer os seus ! ..

1897.

Traços biographicos

Tendo nascido em Papary, a 23 de julho de 1876, Luiz Segundo Bezerra da Trindade, é filho de Luiz Augusto Bezerra da Trindade, finado ha muitos annos, e d. Josina Cabral Bezerra da Trindade.

Quando estudante, collaborou em alguns jornaes, especialmente n'*O Oasis*, editado na capital do seu Estado, e n'*A Arte*, de Santos.

Feito o seu curso de preparatorios, no Atheneu Norte Rio Grandense, iniciou a vida publica na Fazenda federal, sendo nomeado Official aduaneiro de Santos e, depois, Escripturnario da Alfandega de Belém, no Pará.

Desde 1897, é bacharel em sciencias juridicas e sociaes, pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.

Realisou, em Natal, seu casamento com d. Esther Bezerra da Trindade, a 30 de julho de 1914.

No Rio de Janeiro, onde se acha residindo, exerce as funcções de 2.^o Escripturnario do Thezouro Federal.



Ave de arribação

Agosto .. O claro mez dos meus annos .. Que anceo
De ser aza emigrante e fugir pelos ares,
Pelos longes do céo, através desses mares,
Em busca do calor do sol de um clima alheio.

Que saudade, sem fim, de outras terras me veio!
Que ancia de me esquecer por estranhos lugares!..
Pois, se não tenho aqui lenitivo aos pesares,
Quanto mais quem me aqueça ao mormaço de um seio!...

Minhã mãe! ... Minha irmã!... Duas mulheres santas!...
Mas inda falta alguém, nesse longo caminho,
Que tem, na mocidade, o perfume das plantas...

E, como não posso ir, e como vaes, e eu fico,
A' noiva, que me espera, á beira de algum ninho,
Ave de arribação — leva esta flor, no bico.

Traços biographicos

No dia 21 de agosto de 1876, na cidade do Natal, no bairro da Ribeira e á rua do Commercio, n.º. 39, nasceu Manuel Virgilio Ferreira Itajubá.

Foram seus paes Joaquim José Ferreira e sua mulher d. Maria Ferreira.

Exerceu, com muita intelligencia, modestos cargos publicos, na terra de seu berço.

Fez parte de algumas aggremações de letras, redigindo prosa e versos para varias revistas e jornaes natalenses, quando melhor se accentuava a sua floração litteraria.

Em 1914, devido á carinhosa solicitude de H. Castriciano, foi publicado o seu poema *Terra Natal*.

Deixou a publicar, entre outros apreciaveis trabalhos, o poema sentimental *Jesus*.

Ferreira Itajubá, na refulgencia de suas apoucadas letras, revelara-se um poeta por temperamento e um bohemio por convicção.

Viveu soffrendo e, por isto mesmo, talvez, não poude morrer cantando ..

Extinguiu-se, no Rio de Janeiro, a 30 de julho de 1912.



Auta de Souza

1876—1901

Macahyba--Natal

Caminho do Sertão

A meu irmão João Cancio

Tão longe a casa !... Nem sequer alcanço
Vêl-a, através da matta. Nos camínhos,
A sombra desce... E, sem achar descanso,
Vamos, nós dois, meu pobre irmão, sosinhos !

E' noite, já! Como, em feliz remanso,
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrellas .. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece,
Que a Noite ensina ao desespero e á dôr ..

Ao longe, a Lua vem dourando a treva,
Thuribulo immenso, para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor,

Traços biographicos

Auta de Souza nasceu na cidade de Maca-hyba, aos 12 de setembro de 1876.

Foram seus paes Eloy Castriciano de Souza e sua mulher, d. Henriqueta Leopoldina de Souza.

Estudou e aprendeu no *Collegio S. Vicente de Paula*, da Estancia, em Pernambuco, dirigido por irmãos de caridade, que lhe formaram o coração e o espirito.

Era socia honoraria do *Gremio Polymathico*, do *Congresso Litterario* e do *Le Monde Marche*, que floresceram, outr'ora, em Natal.

O seu delicioso rimario, *Horto*, foi publicado em 1900, sendo prefaciado pelo saudoso principe da poesia brasileira, Olavo Bilac.

Sahindo em primeira edição das officinas d'A *Republica*, reeditou-se, em Paris, em 1910, com illustrações artisticas de D. O. Widhopff.

Esse livro de versos, que é bem a alma a-

doravel da poetisa, foi escripto “entre balbucios de prece e espiraes de incenso”.

Auta de Souza despediu-se da vida em Natal, aos 24 annos de idade, na manhã de 7 de fevereiro de 1901, á avenida Rio Branco, n°. 15, na casa dos seus irmãos, senador Eloy de Souza, dr. Henrique Castriciano e major João Cancio.

Por occasião do seu enterro, realisado na tarde do mesmo dia, por entre lagrimas copiosas da familia natalense, lembramo-nos que o senador Pedro Velho, visivelmente emocionado, fez descobrir seu ataúde, coberto de lyrios e rosas, e, curvando-se, beijou-a na testa silencioso e commovido.

No cemiterio, em frente de seu tumulo, disseram-lhe o ultimo adeus, seus confrades e admiradores Pedro Avelino, dr. Galdino Lima e Ezequiel Wanderley.

Pedro Paulino

1877

S. José de Mipibú



Anjo triste

Mundo! — valle de lagrimas e agruras!...
Se o anjo tem vislumbres de saudade,
A alma ingenua tambem sente amarguras,
Entre os brinquedos da risonha idade ..

Zaira, tão jovial, tão sem maldade,
Pilhára um passarinho nas alturas...
Prendera-o cheia de felicidade,
Sem divulgar do preso as desventuras.

Certo dia — entristeço ao recordar —
 Celere e afflicta, veiu a mim, contar
 Como era fundo o soffrimento seu...

Ouvi, que acerba dôr, magua cruciante :
 — «Padre, me escuta; ouve-me, padre, um instante :
 Meu passarinho, de cantar, morreu!»...

Traços biographicos

— Em São José de Mipipú, nasceu Pedro Paulino Duarte da Silva, a 29 de junho de 1877.

E' filho de José Paulino Duarte da Silva e d. Francisca Joaquina da Silva.

Acrysolando em su'alma sentimentos religiosos internára-se num seminário, de onde sahiu verdadeiramente padre, fortalecido na sua fé.

Foi Vice-director do Collegio Pio X, na Parahyba, Director do Collegio Diocesano em Mossoró, e lente do Collegio Santo Antonio, de Natal.

Representou os Estados do Rio Grande do Norte e da Parahyba, no Rio de Janeiro, na solemne reunião do 2.^o Congresso Catholico Brasileiro.

Concorreu com diversos candidatos tonsurados, ao preenchimento da vaga de Capellão da Candelaria, obtendo ser classificado em primeiro lugar.

Publicou um livro muito interessante, a que deu a denominação de *Discursos e Conferencias*.

Fazendo versos, por dilettantismo, é entretanto orador sacro de relevo e polemista vigoroso.

Exerce o seu sacerdocio como Vigario de Ceará-mirim.

Americo Macêdo

1877

ASSU'

Judeu Errante

Marcha, infeliz!.. E nesse andar incerto,
Não has de achar do lenitivo o porto!...
Ondé tú fores mendigar conforto,
Milhões de pragas acharás, por certo!

Corre da vida o sepulchral deserto...
— Esse deserto accidentado e torto! —
De remorso, de dôr, de desconforto,
Has de ter sempre o coração coberto!

Na tua sede encontrarás vinagre
Para beber! Nem mesmo por milagre,
Uma só gotta d'agua dar-te-ão!

Tú és a sphinge horrifica do tedio ..
Para os teus males — não ha mais remedio ..
Para os teus crimes — não ha mais perdão

Traços biographicos

Aos 29 de dezembro de 1877, nasceu na cidade do Assú, Americo Soares de Macedo.

E' filho do coronel Antonio Soares de Macedo e d. Francisca Francellina de Macedo e Araújo, já fallecidos.

Tem a publicar *Sombras*, livro com que pretende entrar no Parnaso.

E' funcionario municipal no Assú, onde reside.



O passado

O meu passado, cheio de ventura,
Como um castello de encantados sonhos,
Perdeu-se, qual se perde, em noite escura
O fogo fatuo de clarões tristonhos!

O que me resta, pois, desses inconhos
Risos banhados de eternal doçura?
— Da phantasia — os lagos tão tristonhos...
— Do mundo — os risos cheios de loucura!

Do meu passado a sombra mysteriosa
Vejo ainda surgir, tão vaporosa
Como da aurora mystica visão ..

E' que véla, talvez, a triste campa,
Aonde um epitaphio assim se estampa :
«Aqui dormita, só, — um coração!»

Traços biographicos

A 7 de abril de 1878, na cidade do Natal, nasceu Raul Fernandes de Oliveira.

Foram seus paes Manuel Fernandes de Oliveira, já fallecido, e sua mulher d. Francisca Fagundes de Oliveira.

Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense.

Collaborou em jornaes e revistas litterarias de Natal, notadamente no *O Oasis*.

Doutourou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1905, tendo apresentado a sua these inaugural, sobre *Physio-Psychologia do Sentimento*, em 31 de outubro de 1904.

Foi interno effectivo, do Hospital Santa Iza-bel, socio effectivo do Gremio dos Internos dos Hospitales da Bahia, Gremio Litterario da Bahia, *Socità Internazionale Elлено Latina*, etc.

Apresentou, em 1911, ao Congresso Medico Cirurgico, em Bello Horisonte, um magnifico estudo scientifico tratando — *Da Colli Bacillose Puerperal*.

Além de alguns trabalhos de litteratura e sciencia, escreveu, sem publicar, um volume de versos que receberia a denominação de *Visões*.

O dr. Raul Fernandes falleceu em Natal a 28 de julho de 1920.

António Soares

1879

ASSU'



Noivos

A José Roque

«Ser noivo é ser ditoso»: Tu me dizes,
convicto ; porém, sem te lembrares
que ha noivos, como tu, juntos, felizes,
e ha noivos separados pelos mares...

Si tens, para que as maguas amenizes,
de tua noiva lucidos olhares,
quantos existem, noivos infelizes,
abrigados á sombra dos pezares!

Vives sempre de olhares e de risos...
Eu, soffrendo da ausencia as crueldades,
tenho, ás vezes, momentos indecisos...

Que differença agora entre deidades!
— A tua noiva vive de sorrisos,
a minha noiva morre de saudades!

Traços biographicos

A 21 de julho de 1879, nasceu Antonio Soares de Araujo, na cidade do Assú.

E' filho do coronel Pedro Soares de Araujo e d. Anna Senhorinha Soares de Araujo.

Durante o seu curso de preparatorios e o tirocinio academico, fez parte de muitas associações de lettras, escrevendo para jornaes e revistas de feito litterario.

Bacharelou-se em 1902, pela Faculdade de Direito do Recife.

Em 1907, effectuou o seu casamento com d. Maria Amelia de Lemos Soares de Araujo.

Já exerceu no seu Estado as funcções de Promotor publico e Delegado escolar de S. José de Mipibú, Juiz de direito das comarcas de Apody e Martins e Chefe de policia.

Foi commissionedo, em 1910, para estudar a organização judiciaria de Pernambuco e Bahia.

E' socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Actualmente, na capital, exerce o cargo de Juiz de direito da 1.^a vara.

O soneto de sua lavra, com que illustramos esta collectanea, foi posto em musica pela pianista d. Evangelina Barros.

Sebastião Fernandes

1880

NATAL



Maternidade

O segredo do Amor fez-te mais bella e forte,
Mais seductor e mais amaciado o olhar,
Mais gracioso e esvelto o gracioso porte,
Mais languido e pousado o teu formoso andar.

Dentro de um raro molde, em curvas e recorte,
Reverdece o teu corpo a florir e a brotar...
O Amor é muito mais poderoso que a Morte...
Mais poderoso que Elle é o teu divino olhar!

O sigillo, uma vez, descoberto e sabido
Perde, é certo, o valor; mas oh! no amor sentido
Verás, esse valor tende sempre a augmentar.

E fazes como fazem todas as mulheres:
— Amas para, immortal, viver e reviveres,
— Abres em floração, para fructificar.

1913.

Traços biographicos

Sendo seus paes o professor Manuel Fernandes de Oliveira, já fallecido, e d. Francisca Fagundes de Oliveira, nasceu em Natal, Sebastião Fernandes de Oliveira, a 11 de março de 1880.

Concluindo os estudos primarios e secundarios, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, formando-se ali a 19 de março de 1902.

Na cidade de Mossoró, onde iniciou a vida publica, consorciou-se, a 21 de junho de 1905, com d. Alice Pinto Fernandes de Oliveira.

Occupou os cargos de Promotor publico, Juiz districtal, Director da Escola de Aprendizizes Artifices e Procurador geral do Estado.

Fez parte de diversas sociedades litterarias, em Natal, Recife e Mossoró.

E' membro do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte e socio graduado das associações operarias de Natal e do Ceará-Mirim.

Tendo collaborado em muitos jornaes e revistas patricias, fundou em 1914, com Ponciano Barbosa, Luiz Potyguar e Ezequiel Wanderley, o *Diario de Noticias*, que, cêdo, desapareceu.

Publicou, em 1906, o livro de versos *Alma deserta*, tendo promptos, para o prelo: *Poesias*, *Frei Miguelinho*, (drama) *Sarah*, (ensaio de alta comedia) *Vida ephemera*, (chronicas estudos litterarios) *Da Tribuna*, (discursos e phantasias) e *Por amor de minha profissão*.

Juiz de direito da comarca de Ceará-Mirim está exercendo, em commissão, o cargo de Chefe de Policia do Estado.

Erico Souto

1880—1917

Assú
Rio de Janeiro



Resposta

No quente fluido, que se evola, Filha,
De tua Carne rosea e perfumada,
Eu sinto a essencia pura da baunilha
Pelas virgens alcôvas, derramada...

E como é doce o fluido da escumilha
Da carne santamente avigorada...
Fluido subtil, que se alimenta e brilha
Na epiderme da Forma assetinada !...

Ao sentir esse morno e delicado
Perfume, no teu seio avelludado,
Seio fecundo, onde a Volupia medra,

Medito, penso e digo, simplesmente :
— Quem tem um corpo assim, tão bello e ardente,
Não póde ter — um coração de pedra !...

Traços biographicos

— Natural da cidade do Assú, Erico Souto nasceu no dia 5 de agosto de 1880.

Foram seus paes o coronel Elias Antonio Ferreira Souto e sua mulher d. Thereza Rebouças Ferreira Souto.

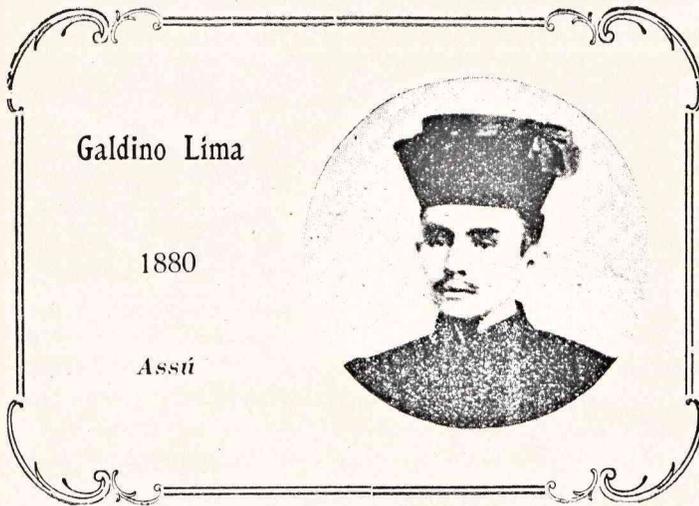
Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense, sendo nomeado 4.º Escripturnario do Thesouro Federal, em 1901.

Formando-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, a 31 de dezembro de 1902, ali casou-se aos 11 de maio de 1905.

Já tendo obtido outras promoções na carreira da Fazenda, em 1908 foi promovido ao cargo de 1.º Escripturnario.

Quando residindo na Capital do seu Estado, collaborou, com muita assiduidade, no *Diario do Natal*, propriedade do seu progenitor, n' *O Oasis* e em varios outros periodicos.

Falleceu no Rio de Janeiro a 11 de abril de 1917, deixando concluido o seu primeiro rirmario e um trabalho importante, sobre assumptos da Fazenda Federal.



Joanna D'Arc

Todo o mundo christão nest' hora se illumina
Ante o brilho triumphal de tua excelsa gloria!
Dos sec'los atravez a longa trajectoria
Fulge em todo o esplendor a Justiça Divina!

Figura varonil de martyr e de heroina
Alcançaste na terra a suprema victoria!
Quanto é bella e tocante a tua grande historia,
Formosa encarnação da crença femenina!

A verdade, por fim, sempre o erro suplanta!
Da fogueira voraz surges beatificada!
Cinge-te a fronte augusta a aureola de santa!

Desde o rico solar aos mais humildes lares,
Joanna d'Arc, serás bemdicta e venerada,
Entre o orgulho da França e a pompa dos altares!

Traços biographicos

Filho do coronel Galdino dos Santos Lima, fallecido, e d. Anna Souto Lima, que lhe sobrevive, nasceu na cidade do Assú, a 10 de dezembro de 1880, Galdino dos Santos Lima.

Desde muito moço, residindo em Natal, acompanhou, com interesse, o desenvolvimento das lettras regionaes.

Assim é que, tendo collaborado em varios jornaes e revistas, quando estudante, chegou a dirigir *A Tribuna*, na sua ultima phase.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, a 17 de março de 1902, consorciando-se, em Natal, com d. Anna Maranhão dos Santos Lima, a 15 de outubro de 1903.

Com Juvenal Antunes e Honorio Carrilho, fundou e dirigiu a *A Capital*, folha diaria onde estrearam no jornalismo Salomão Filgueira, Ponciano Barbosa e Nestor Lima.

Ao lado de Moysés Soares e Ponciano Barbosa organisou a *Revista do Instituto dos Advogados Norte Rio Grandenses*.

Na sua carreira publica, tem occupado os seguintes cargos: Secretario do melhoramento do porto de Natal, Promotor publico, desta capital, Procurador fiscal do Thesouro, Procurador geral do Estado, Secretario do governo, Deputado estadual, Consultor juridico, Juiz de Direito e Chefe de policia.

Sendo Juiz de Direito da Comarca de Apody, exerceu, em commissão, na Directoria Geral de Estatistica, o cargo de Delegado Seccional do recenseamento.

E' hoje Juiz de direito da comarca de Nova-Cruz.

Antonio Glycerio

1881

*Ceará-Mirim
Santo Antonio*



Meu livro

*Offerecido à minha mãe, no meu
dia natalicio.*

«Cantilenas» ... Meu livro .. Minha vida
Em vinte e nove paginas gravada...
Nelle palpita um coração, e, em cada
Folha, se vê uma illusão perdida...

Sem a luz immortal de uma alvorada,
Nem o aroma da flor, n'haste pendida,
Elle encerra somente a dolorida
Historia de minh'alma angustiada...

Minha mãe!.. Meu amor!.. Doce estrellário
Que illuminas de affectos e conselhos
A escuridão do meu anniversario

Guarda este livro, que te dou agora,
Branco — da côr dos teus cabellos velhos —
Sem perfumes de flor, sem luz de aurora.

Traços biographicos

Natural do Ceará-Mirim e filho de Francisco das Chagas e d. Sancha Conceição, nasceu Antonio Glycerio a 2 de julho de 1881.

Vindo para Natal, muito moço, dedicou-se á profissão de typographo, trabalhando, durante alguns annos, nas officinas d'*A Republica*.

Deu collaboração a diversas gazetas, já desaparecidas.

A 16 de maio de 1911, casou com d. Leopoldina Mattos.

Si Deus o tivesse ajudado e a bohemia o permittisse, teria feito a publicação de um volume de versos, a que déra o nome de *Cantilenas*.

Ultimamente occupava um modesto cargo publico no Grupo Escolar *Frei Miguelinho*, dirigido pelo professor Luiz Soares.

Expirou, na villa de S. Antonio, deste Estado, a 5 de junho de 1921.

Gothardo Netto

1881—1911

NATAL,



Ironia da Sorte

O mundo é sempre assim—a desgraça e a ventura,
O esplendor da grandeza e a miséria sem nome;
Uns, captivos da sorte, a perecer de fome;
Outros, da sorte a rir, na pompa e na fartura.

Aqui, se exalta o Vicio ao fulgor de um renome,
Além, doira a Virtude a consciencia pura;
Si este implora a Jesus, que lhe acalme a tortura,
Aquelle nutre o mal, que o devora e consome.

Treva e luz!... Uma affronta ao lado de um carinho...
A serpe a profanar a maciez de um ninho...
A alvorada da paz e o tripudio da guerra!...

E, quando a alma procura a eterna Soledade,
Bem feliz o que deixa um clarão de saudade
E um vestigio de dôr a palpitar na Terra.

Traços biographicos

José Gothardo Emerenciano Netto nasceu em Natal, a 24 de julho de 1881.

Era filho do professor primario José Ildelfonso Emerenciano e sua mulher d. Ignacia Florinda Emerenciano, que lhes sobrevive.

Estudou preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense e fez parte, depois, da redacção da *Gazeta do Commercio* e d'*A Capital*, dirigindo mais tarde *O Potyguar*.

Escreveu em quase todos os jornaes do seu tempo.

Em edição posthuma, premiada pelo governo Alberto Maranhão, fez-se, em 1913, a publicação do seu livro de versos, *Folhas Mortas*, com um prefacio do dr. Antonio de Souza.

“Gothardo Netto, diz o prefacio, não era dos nossos dias; elle foi um dos companheiros do exílio de Casimiro de Abreu e da bohemia de Castro Alves, nas serenatas da Paulicéa. Como esses dois representativos da poesia nacional,

sofreu longamente no corpo e no espirito, mas esses sofrimentos eram ainda agravados e sublimados pela feição doentia da alma.

Tinha um'alma torturada, propensa irresistivelmente ao exaggero da dôr, inclinada para o sofrimento como para um abysmo, do qual a reflexão, as suggestões da natureza e da idade e os carinhos da familia o não podiam desviar.

Como outros soffredores da nossa terra, elle parecia influenciado pela suggestão de Musset :

*Après avoir souffert, il faut souffrir encore,
Il faut aimer sans cesse après avoir aimé.*
(*Nuit d'Août*)

.....

*Rien nous rend si grands qu'une grande douleur...
Les plus dèsespèrès sont les chants les plus beaux,
Et j'en connais d'immortels qui sont de purs sanglots...*
(*Nuit de Mai*)

A 7 de maio de 1911, em Natal, foi Gothardo Netto colhido pela morte, que roubou ao Parnaso indígena um dos seus melhores aêdos.

Aurelio Pinheiro

1882

S. José de Mipibú



Pagina de Cyrano de Bergerac

*Ai de mim ! Que Iasciante dôr !
Beijo ! No teu festim sou Lasaro de Amor !*

(Cyrano) (Edmund Rostand).

Que profunda ironia, oh Natureza, em tudo
Applicaste, cruél—desde o brando velludo
Da flor, ao desbrochar no alvor meigo e sereno,
Dando ás sepalas mel, e ás petalas veneno,
Desde o aroma innocente e vago da baunilha
Ao perfume lethal da flor da mancenilha,
Do accidulo sabor da inoffensiva fructa
Ao veneno que esconde as folhas da cicuta !...

Que ironia mordaz fizeste, oh Natureza!
Dando-nos este Talento e negando a belleza,
A plastica gentil, dominadora e viva,
Alegre e triumphal, que os corações captiva
Para o Amor! Para o Amor! Quer tenha o seu imperio
Na Grecia de Catão, na Roma de Tiberio,
No peito dos galés, no coração dos párias,
No silencio e terror das cruces solitarias,
No rugido feróz das avidas hyenas
E nas almas, gentis, immaculas, serenas!...
Em tudo, em toda parte, ou fugaz, ou profundo,
Mas, sempre a compensar as tristezas do mundo,
A insipidez brutal da luta pela vida...

Da saudosa jornada, á volta da partida,
Duas boccas unir, em desespero ou calma,
E noss'alma deixar, levando á flor d'outr'alma,
No calor e no som da musica maviosa,
Louco, ardente, febril, esplendida, formosa!
Beijo, sabendo a flor, beijo sabendo a môsto,
Alivio para a dôr, nas horas do desgosto,
Amparo e protecção, nos transes da amargura!...
Oh Natureza má, negaste-me a ventura
De sentir o sabor e sorver, algum dia,
O nectar idéal dessa estranha ambrosia,
Que outra bocca feliz, nessa adorada bocca
Sorveu, numa caricia apaixonada e louca...
Que ironia cruél! Esse beijo é vedado
A mim, que lh'o pedi, para o seu bem amado...

A mim, que a sei amar, afogando no seio
De minh'alma infeliz, esse infeliz aneio...
Ah que se póde amar tudo, que seja horrendo,
Tudo que seja máo, feerico, estupendo !
Mas se despreará o alvar carnavalesco,
Que o ridiculo é torpe, e é frivolo o grotesco !...

Que ironia cruel, oh Natureza futil !
De que me serve, emfim, todo o Talento inutil
Si protesta a soffrer a propria consciencia
Contra essa desgraçada e doida intelligencia !

Natureza ! « Ai de mim ! Que lancinante dôr ! »
Beijo ! No teu festim sou Lazaro de Amor !

Traços biographicos

Filho do major Manuel Onofre Pinheiro e d. Maria Barbosa Pinheiro, nasceu Aurelio Waldemiro Pinheiro, na cidade de São José de Mipibú, a 28 de janeiro de 1882.

Em Natal, estudou preparatorios, collaboreando em diversas gazetas e revistas litterarias, notadamente n' *O Oasis*.

Em 1897, foi nomeado funcionario do The-
souro do Estado.

Formou-se pela Faculdade de Medicina da
Bahia.

Exercendo a clinica, por algum tempo, na
cidade de Macau, d'ali enviava para *O Mos-
soroense* preciosa collaboração, valendo-lhe mui-
tos applausos a chronica *Philosophia de um gato*.

Escreveu tambem n'*A Republica* de Natal.

Transportando-se para o Amazonas, consor-
ciou-se, em Parintins, a 30 de setembro de 1911,
com d. Isabel G. Menezes Pinheiro.

Exercendo ali sua profissão, tem-n'o distin-
guido o governo do Estado, confiando-lhe im-
portantes commissões scientificas.

Adalberto Peregrino

1882—1919

Natal
Rio de Janeiro



Vencido

Meu coração, Senhora, era um guapo guerreiro,
Sempre affeito á peleja e á luta sempre affeito;
Tendo o porte fidalgo e nobre de um eleito,
De um eleito e fidalgo e nobre cavalheiro.

Nunca fugiu á luta, e qual aventureiro
E audaz batalhador, intrepido, perfeito,
Descobria a lutar, amplo e deserto o peito,
Ao golpe do inimigo, implacavel, certo.

Contra elle, um dia alguém, fez brandir um tacaie
E a setta do inimigo, através da floresta,
Golpeou-lhe o peito a meio. E talvez não escape

O mais fidalgo e audaz guerreiro perseguido...
E, Senhora, essa historia hoje, apenas, me resta
Desse bravo, que foi, frente a frente, vencido !..

Traços biographicos

Na cidade de Natal, a 30 de março de 1882, nasceu Adalberto Peregrino da Rocha Fagundes, filho de Joaquim Peregrino da Rocha Fagundes, já fallecido, e d. Joanna Evangelista Alvares Fagundes.

Tendo concluido o seu curso de preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes, em 1904.

Como funcionario da Fazenda Federal, desde 1901, desempenhou importantes commissões, entre as quaes a de Delegado Fiscal do Thesouro Nacional, no Estado de Goyaz.

Consociára-se, no Recife, em 1910, com d. Maria Lima Fagundes.

Era membro effectivo e honorario de diversas associações de letras e arte, tendo collaborado em jornaes litterarios e politicos do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Publicou um volume de versos, *Setestrello*, e o poemeto *Ode a Satan*.

Quando se lhe partiu o fio da vida, na Capital Federal, a 10 de junho de 1919, exercia as funcções de 3º. Escripturnario do Thesouro Nacional.



Meu Sonho

Na lêda infancia descuidosa e mansa,
Como o risonho alvorecer de um dia,
Era o meu sonho roseo de creança:
— A ventura e a alegria.

Depois, quando te vi, astro formoso,
Do céu do meu viver, boiando á flor,
Tive o meu sonho, ardente e esplendoroso:
— A esperança e o amor.

E agora, que deixaste-me e partiste,
Nesta deserta e fria soledade,
Eu tenho um sonho, sempre negro e triste:
— A duvida e a saudade.

Traços biographicos

Na cidade do Assú, a 16 de maio de 1882, nasceu d. Anna Lima Pimentel.

Era filha do coronel Galdino dos Santos Lima e d. Anna Souto Lima, que lhe sobrevive.

Ao deixar o torrão natal, em companhia da familia, a 16 de setembro de 1899, installou residencia em Natal, onde mais se teria avigorado e florescido a sua intelligencia de moça.

Dando collaboração a diversas gazetas e revistas regionaes, publicou em 1901, com os favores da lei estadual, n.º. 145, de 6 de agosto de 1900, as *Verbenas*, livro de versos prefaciado pelo jornalista patricio, Pedro Avelino, que assim se exprime num dos trechos da sua critica: «Nos versos de Anna Lima duas notas ressaltam nitidas—a affectividade e a espontaneidade. A primeira é typica da sua organização sentimental; a segunda define e accentúa a natureza do seu talento.

A 22 de dezembro de 1906, realisou o seu casamento com o sr. Celestino Pimentel.

Desde então, teria concentrado, apenas, no lar as divagações do seu espirito.

A poetisa assuense, que residia á rua da Conceição, n.º. 25, baixou ao tumulo a 18 de janeiro de 1918, deixando, ineditas, muitas estrophes lyricas e humoristicas.

Juvenal Antunes

1883

Ceará-Mirim



Elogio da Preguiça

(A MIM MESMO)

A preguiça amamenta muita virtude

Machado de Assis.

(Relíquias de Casa Velha. Pag. 50)

Bem dita sejas tu, Preguiça amada,
Que não consentes que eu me ocupe em nada!

Mas, queiras tu, Preguiça, ou tu não queiras,
Hei de dizer, em versos, quatro asneiras.

Não permuto por toda a humana sciencia
Esta minha honestissima indolencia.

Lá está, na Biblia, esta doutrina sã :
— Não te importes com o dia de amanhã.

Para mim, já é grande sacrificio
Ter de engulir o bolo alimenticio.

O' sabios, dai á luz um novo invento :
— A nutrição ser feita pelo vento !

Todo trabalho humano, em que se encerra ?
Em, na paz, preparar a luta, a guerra !

Dos tratados, e leis, e ordenações,
Zomba a jurisprudencia dos canhões !

Juristas, que queimaes vossas pestanas,
Tudo que legislaes dá em pantanas.

Plantas a terra, lavrador ? Trabalhas
Para atizar o fogo das batalhas...

Cresce o teu filho ? E' bello ? E' forte ? E' loiro ?
— Mais uma rez votada ao matadoiro !...

Pois, si assim é, si os homens são chacaes,
Si preferem a guerra á doce paz,

Que arda, depressa, a colossal fogueira
E morra, assada, a humanidade inteira !

Adalberto Amorim

1883

Assú



A uma Mangueira

Tu, a quem vi pequena, feia e triste,
Quase a morrer, mirrada, á falta d'agua,
E que um dia, tambem, talvez, me viste
Quase a morrer de desconforto e magua ;

Tu, por quem tive essa afeição sem termo,
Que a não merecem muitas creaturas,
Levando para as tuas amarguras
O linitivo que conforta o enfermo ;

Tú, que a vida buscavas, desolada,
Sem ter um olhar piedoso e compassivo ;
Que te vias no mundo abandonada,
Tal como abandonado, agora, eu vivo ;

Hoje, no entanto, alegre, bella, forte,
 Ergues aos céos os teus virentes ramos,
 A escarnecer, talvez, da triste sorte
 Dos que, sem fé, pela existencia vamos.

.....

E dás-me a protecção, quando, cansado,
 Procuo a tua sombra, exangue e triste...
 — A mim, teu protector, quando me viste
 Pelas maguas da vida torturado !...

Traços biographicos

Filho do dr. Pedro Soares de Amorim, e d. Maria F. de Araújo Amorim, que lhe sobrevive, nasceu, na cidade do Assú, Adalberto Soares de Araújo Amorim, aos 21 de abril de 1883.

Fez os seus estudos de preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense.

Pela Faculdade Livre de Direito do Ceará, formou-se em sciencias juridicas e sociaes, no dia 24 de novembro de 1907.

Já exerceu o cargo de Promotor Publico nas comarcas de Macáu, São José de Mipibú e Canguaretama.

Em 1909, fundou e dirigiu o *Almanak de Macáu*, de propriedade de Francisco Ferreira de Araújo.

Casou-se, a 5 de abril de 1911, com d. Judith Cortez de Amorim.

E' director da Escola de Aprendizizes Artifices do Rio Grande do Norte, que tem séde em Natal.

João Soares

1883

Assú



Harmonias

*Fiz estes versos, Emilia, quando
embalavas a nossa Nanita.*

Todo o lar é uma musica attrahente,
Ha em tudo um sorriso sempiterno!
Como que vem do nosso amôr o inverno,
Desce até nós a graça omnipotente.

Do gabinete, ouço-te o canto terno
Com que, toda carinho e affecto ardente,
Afagas, rindo, o somno do innocente
Ser que é o thesoiro do teu ser materno.

E eu a rogar a Deus que esse anjo lindo,
Cujo corpinho fragil mal se agita,
E enche todo o meu ser de goso infindo,

Brilhe em min'alma, qual tu'alma brilha...
E eu a rogar a Deus que me permitta
Ver-te, outra vez, no coração da filha.

Traços biographicos

A cidade do Assú é a terra natal de João Soares de Araújo.

Filho do coronel Pedro Soares de Araújo e d. Anna Senhorinha Soares de Araújo, ali nasceu a 25 de julho de 1883.

Feitos os seus estudos primarios e secundarios, em Natal, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se collocou como funcionario do Archivo Publico Nacional, de 1907 a 1913, formando-se pela Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, em 1912.

Na capital do seu Estado, a 6 de novembro de 1915, consorciou-se com d. Emilia Analia Soares de Araújo.

Tem collaborado, em prosa e versos, nos principaes orgams de publicidade, que hão circulado em Natal, Macáu e Assú, neste Estado, e em Fortaleza, no Ceará.

Quando na Capital do paiz, escreveu n'*A Tribuna*, no *Jornal do Brasil* e nas revistas *Fon-Fon*, *Epocha* e *Alma Academica*.

No governo Alberto Maranhão, foi nomeado Juiz districtal de Arêz, occupando, depois, o logar de Fiscal, por parte do governo, junto á Empresa Tracção, Força e Luz Electrica, de Natal.

E' hoje Juiz de direito da comarca de S. Miguel, neste Estado.

Não seria melhor que toda gente,
Em vez de trabalhar, fosse indolente ?

Não seria melhor viver á sorte,
Si o fim de tudo é sempre o nada, a morte ?

Queres riquezas, glorias e poder ?...
Para que, si, amanhã, tens de morrer ?

Qual mais feliz ? — o misero sendeiro,
Sob o chicote e as pragas do cocheiro,

Ou seus antepassados que, selvagens,
Viviam, livremente, nas pastagens ?

Do Trabalho por serem tão amigas,
Não sei si são felizes as formigas !

Talvez o sejam mais, vivendo em larvas,
As preguiçosas, pallidas cigarras !

.....
.....

O' Laura, tu te queixas que eu, farcista,
Hontem faltei, á hora da entrevista,

E, que ingrato, voluvel e traidor,
Troquei o teu amor — por outro amor...

Ou que, receiando a furia marital,
Não quiz pular o muro do quintal.

Que me não faças mais essa injustiça!..
 Si hontem não fui te ver — foi por preguiça.

.....

Mas, JUVENAL, estás a trabalhar!
 Larga a caneta e vae dormir... sonhar...

Traços biographicos

No engenho *Outeiro*, do municipio de Ceará-Mirim, nasceu a 29 de abril de 1883, Juvenal Antunes de Oliveira, filho do coronel José Antunes de Oliveira e d. Joanna Soares Antunes de Oliveira.

Ao aprender as primeiras letras, seguiu para o Recife, onde estudou preparatorios no Collegio Parthenon.

Em 1898, matriculou-se, ali, na Faculdade de Direito, formando-se em dezembro de 1902.

Exerceu, no Assú, o cargo de Promotor publico e, em Natal, foi Secretario da Inspectoria de Hygiene.

Com os drs. Galdino Lima e Honorio Carrilho, fundou na capital do seu Estado *A Capital*, organ politico, de ephemera existencia.

E' autor das *Scismas*, livro de versos prefaciado por H. Castriano, que lhe não escondeu, nas suas modalidades criticas, mercedos gabos, ao ve-lo conduzir as alpercatas de ouro das rimas.

Tem ainda na forja as *Acreanas*, e outros trabalhos littero-humoristicos.

O dr. Juvenal Antunes, que está occupando o logar de Promotor de justiça na Prefeitura de Rio Branco, no Acre Federal, é um dos incansaveis collaboradores da imprensa, no alto norte.



Relíquias...

Ora, cartas de amor... Tenho a gaveta
Cheia !... Conservo-as com o maior cuidado...
Foi hontem, vendo-as, que fiquei pasmado
E fiz, quase a sorrir, uma carêta !...

Embora qualquer dellas me prometta
Um futuro de gozos estrellado,
Lá está o ciúme, em todas espichado,
Preso á tinta e ao papel, como um calceta...

Numa carta, alguém diz, e isso entristece :
— «Si eu não casar contigo, olha, ou me mato
Ou farei uma asneira... Ah, si eu soubesse!...»

Dias depois, chegára o seu castigo:
 — De um outro amor era mulher, de facto...
 Mas, fez tolíce... e ficou mal commigo!...

Traços biographicos

Tendo nascido, em Natal, a 16 de dezembro de 1883, João Estevam Gomes da Silva, é filho de José Gabriel Gomes da Silva e d. Florencia Nazareth Gomes da Silva, já fallecidos.

E' casado com d. Maria Galharido Gomes da Silva desde 19 de novembro de 1914.

Allia funcções de empregado publico estadual, aos afazeres de artista-typographo, quando o permitem as ferias burocraticas.

Tem rabiscado, em grosso e a retalho, para uma infinidade de gazetas urbanas, literarias, maçonicas e criticas.

Com Josué Tabira, está organizando uns apontamentos sobre a historia da maçonaria no Rio Grande do Norte e escrevendo umas impressões a proposito do movimento operario que se observa em Natal.

Sem Sal, intitula-se um livro de versos jocosos, que elle reserva á leitura dos que não são analphabetos...

Acoberta-se, quase sempre, com o pseudonymo de *J. Vadio*, mas, pesar disto, é trabalhador.

Actualmente, ao abrir da noite, faz o serviço de revisão d'*A Imprensa*, chupando um indefectivel charuto barato, dentro da sua inalteravel calma de bohemio provinciano.

Pedro Mendes

1884

Natal



12 de Junho

D'Helios brindo a belleza excelsa e soberana,
E abro depois a historia...
Disfile ante o meu ser toda a grandeza humana,
Que eu me quero aquecer ao esplendor da Gloria!

.....
Turva-se, no alto, o sol que, sobre o Ermo sombrio,
E' cirio, a vasquejar junto a um cadaver frio...
Na tristeza lunar que empenumbra o scenario,
Qual se fosse através de opalino velario,
Apparecem-me, então, a mim, que absorto scismo,
Os feitos immortaes de todo humano heroismo!
Nessa que, outr'ora, foi celeberrima Athenas,
Como n'um phantascopio, extraordinarias scenas,

Uma a uma se dão, até a derradeira,
As lutas varonis da Hellade guerreira.
Da grandeza troyana a iliada famosa,
E a bellicosa Sparta, e a Thebas victoriosa...
Contra o Olympo immortal, contra o culto pagão,
Constantino alevanta o labaro christão
E o poema de luz — a deslumbrante empresa —
De erguer sempre, inda mais! a hellenica belleza!
Na Palestina santa, os soldados da cruz
Morrem, como titans, invocando Jesus.
Nobre, feliz, sereno, stoico, divinal,
Bebe cicuta alguém, por môr d'um ideal!
De Marengo a Austerlitz, a magestade espalhas
Incendido, febril, ó genio das batalhas!
E, afinal, Waterloo o aceiro garbó trunca
Das aguias imperiaes, nunca vencidas, nunca!
Da patria de Gambetta, eminente nação,
Surge o fasto sem par que foi a Rev'lução
— Um rasgo de civismo altivolo, fecundo,
Que, engrinaldando a França, honra e engrandece
[o mundo,

Assombroso tambem, quiçá inegalado,
Do Portugal irmão, todo o épico passado...
Avulta o Paraguay na planicie elyséa.
Ali desenrolou-se a tragica epopéa,
Na qual se fez notar, terrivel e certoiro,
O destemor brasileiro!
Muitas, innumeradas conquistas
Em que deslumbra-nos as vistas

Essa myriade de sóes,
Que anda nas fronte dos heróes!

.....

Ante o luto da patria, (é justo que ella chore-a)
Da multidão de genios que tombou, os vultos
Passam... Manes que são de gigantes sepultos,
Lhe atiram no fulgor sempiterno da Gloria!
O Socrates divino, os Mirabeau ardentes,
Bonaparte, Alexandre, Osorio, Tiradentes...

.....

Lanço a vista em redor... Cresce, cada vez mais,
Da natureza morta a tristurenta paz...

.....

Mas ouço, deslumbrado,
Um côro triumphal de epinicios na altura...
Astros! glorificae o Miguelinho ousado,
Que atravessa fulgindo a celeste planura!
Nume, sol, semideus de magestoso porte,
Salve, synthese fiel da nossa heroicidade!
Salve o titan que fez, ao resvalar na Morte,
A sementeira da Liberdade!

.....

Martyr! fibra de heróe, sem émulo na terra,
Mais que os bravos da paz e os hercules da guerra,
Que és todo o nosso orgulho e louro mais perfeito,
Dá-nos o amor da patria! esse que no teu peito
Tinha, nas explosões indomitas sinceras,
O fogo e a lava das crateras!

Traços biographicos

Pedro Mendes da Costa é filho de José Mendes da Costa e sua mulher d. Quiteria A. Faria Mendes.

Nasceu, em Natal, a 31 de janeiro de 1884.

Tem a publicar o livro *Symbols*.

Reside na capital da Republica, onde exerce as funcções de guarda-livros.

Adelle de Oliveira

1884

Ceará-Mirim

Ignota saudade

Esta grande saudade eu não sei de que veio,
E nem sei porque foi que infiltrou-se em meu seio.
.....

Numa noite de lua, eu olhava enleçada,
Sobre os rolos, na praia, a esquecida jangada,
Que a procella, a ulular, destroçara e partira,
E que um bom pescador para ali conduzira.
E scismei, vendo os paus carcomidos, lodosos :
— Que é das lendas gentis, que é dos sonhos radiosos,
Tantas vezes ouvidos no alto mar pelo estio,
Na voz doce e subtil do pescador tardio,
Quando a brisa, a soprar, toda a vela enfunava ? —
.....

la a lua subindo... E eu scismava, e eu scismava...

De repente, no espaço, um claro som maguado
Fez-se ouvir; e eu pensei num paiz encantado,

Cheio de estranha luz e de estranha harmonia...
De uma flauta, era a voz que eu docemente ouvia
Um soluço! um queixume! agora um trilo! agora
Uma nota que ri! outra, depois, que chora.
Manso, o vento do mar, encrespando as ondinas,
E deixando, depois, exalações marinas,
Ora, trazia o som; ora, ao longe o levava...

.....
Ia a lua subindo... E eu scismava, e eu scismava...

Insondável mysterio, o coração humano!...
Tudo, tudo passou, (e já fez mais de um anno)
E hoje, olhando o luar, muito branco e suave,
Eu senti, dentro em mim, como o canto de um'ave,
Que tentasse alegrar a prisão solitaria,
A saudade vibrar os solfejos de um'aria...
Mas, saudades de que?... Do claro som maguado,
Que eu ouvi e pensei num paiz encantado,
Ou da brisa a passar, muito de leve, unvida
Do acre cheiro do mar, na jangada esquecida?

.....
Esta grande saudade eu não sei de que veio,
E nem sei porque foi que infiltrou-se em meu seio!

Traços biographicos

No lugarejo denominado Villar, do municipio de Ceará-Mirim, nasceu Adelle Sobral de Oliveira, a 22 de maio de 1884.

Foram seus paes, João Henrique de Oliveira, fallecido, e d. Anna Sobral de Oliveira.

Poucos annos, depois, seguindo sua familia para Belém, do Pará, ali frequentou, com assiduidade, uma escola particular, desde logo, revelando preciosos dotes de coração e de espirito.

Seu progenitor, viajado e culto, deu carinhosa educação moral e intellectual á filha querida.

Adelle de Oliveira, que reside na terra dos cannaviaes sussurrantes, estuda muito, produzindo sempre, tendo inedito um livro de sonetos.

DR. ISRAEL NASARENO

Lúiz Avila

1884

Natal



Mãe que chora

Na attitude de mãe, que um filho chora,
Triste, rezando ao tumulo sagrado,
De luto, o olhar piedoso ao céu voltado,
Chorando, em frente á cruz, a encontro agora.

Doce filha do amor, cedo magoado,
Seu rosto exprime a magua que a devora...
— Flor que, entre flores, pobre mãe! implora
A Deus, no céu, unir-se ao filho amado.

Conheço-a bem: seu coração sem brilho
Ficou na terra, para sempre, morto,
Desde o momento em que perdera o filho.

E su'alma aqui está, nesta mansão,
Palpitando, no eterno desconforto,
Na volupia da amarga solidão.

Traços biographicos

A terra berço de Luiz Avila é a cidade do Natal, onde nasceu a 13 de dezembro de 1884.

E' filho de José Marques Avila, ha annos fallecido, vivendo, porém, sua genitora, d. Maria Isabel Avila.

Funcionario publico estadual, occupa o cargo de 3.º Escripturario do Thesouro do Estado. Ainda não publicou nenhum rimario.

Em todo caso, é rio-grandense do norte, o quanto lhe basta para fazer versos.

Está exercendo, commissionedo, as funcções de Escrivão da Mesa de rendas do municipio de Jardim do Seridó.



A um jasmineiro

Nos teus felizes tempos, eu te via
Todo cheio de folhas e de flores,
Num anseio de amor, então, sorvia
Tuas exalações, os teus odores.

Quando a lua do céu, alto, espargia,
Seus thezouros de luz, os seus pallores,
O teu perfil, ao meu olhar fulgia,
Lindo como o perfil dos meus amores...

Passo agora e te vejo desnudado,
Sem frondes, sem ramagens, desolado,
Pedindo orvalho para efflorescer...

Revive, jasmineiro de minha alma!
Traz nos teus perfumes branda calma
Ao coração exausto de soffrer.

Traços biographicos

Na cidade do Assú, aos 9 de março de 1885, nasceu Deolindo Ferreira Souto dos Santos Lima.

Filho do coronel Galdino dos Santos Lima, fallecido, e d. Anna Souto Lima, que lhe sobrevive, reside em Natal.

Desposou d. Clelia Fernandes Barros dos Santos Lima a 4 de novembro de 1911.

Tem collaborado em diversas gazetas da capital do seu Estado.

Faz parte da *Associação dos Empregados no Commercio*.

E' o caixa da importante casa Julius von Sohsten & C.^ª, desta praça.

O *Gymnasio Dramatico* teve um dos seus melhores elementos em Deolindo Lima, a quem vemos sempre alegre como um pardal de Junqueiro.

Dolores Cavalcanti

1885

Ceará-Mirim

Soneto

Conta a Biblia, as divinas Escripturas
Narram que o Christo, o doce Nazareno,
Amava o pobre, o timido, o pequeno,
E erguia até, das frias sepulturas,

Os que mortos já eram!... As torturas
Elle sabia transformar em pleno
Gozo; espargia, a flux, calmo e sereno,
— Amor e paz, delicias e ternuras.

Dizem que, na probatica piscina,
Jesus tambem sarou um pobre enfermo,
Que ali buscára o revolver das aguas...

.....

Vem arrancar-me á dôr, cruda e ferina...
Do soffrimento vem marcar-me o termo,
Mudar, em doce riso, as minhas maguas...

Traços biographicos

Natural do Ceará-Mirim, Maria Dôlores Beserra Cavalcanti nasceu a 22 de abril de 1885.

E' filha de João Beserra Cavalcanti e d. Ermelinda Beserra Cavalcanti.

Não tem livro de versos publicado, nem mesmo a publicar, não obstante ser uma das namoradas de Erato, o sempre corôado de myrthos e rosas.

Moysés Soares

1885

Assú



Desterro

Estendo a vista pelo prado... e nada
Vejo, que mate a dôr que me entristece...
Ali — saltita alegre a passarada,
Além — o sol, garboso, resplandece.

Ninguém visita a lugubre morada
De quem vive a soffrer, de quem padece...
Assim, vive a minh'alma abandonada,
Entregue á dôr, que, cada vez, mais cresce !...

E tu, mundo cruel, que me condemnas,
Tens para mim a furia das hyenas
E o desprezo, sem fim, com que me feres...

E eu amo-a, e hei de amar eternamente...
— Dôr, rasga as fibras de meu peito ardente,
— Mundo, faze de mim o que quizeres!

Traços biographicos

Filho do coronel Pedro Soares de Araújo e d. Anna Senhorinha Soares de Araújo, nasceu na cidade do Assú, a 2 de maio de 1885, Moysés Soares de Araújo.

Foi ali auxiliar do commercio, fundando com Palmerio Filho, em 1904, o *Almanak do Assú*.

Concluindo, em Natal, os seus estudos secundarios, exerceu as funcções de revisor d'A *Republica*, official e secretario da Junta Commercial.

Era formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde conquistou o titulo a 24 de dezembro de 1904.

Já occupou os cargos de fiscal do Governo Federal, junto ao Atheneu Norte Rio Grandense, director provisorio d'A *Republica*, director do mesmo Atheneu e secretario do governo Ferreira Chaves.

Foi, por mais de uma vez, eleito deputado estadual, fundando e dirigindo, em 1913, o diario politico *Jornal da Manhã*.

Fez parte do Congresso Constituinte de 1915.

E' presidente e socio honorario de diversas associações, director da Escola do Commercio, secretario do Conselho Superior da Defesa Nacional e professor do Curso Commercial Feminino.

Publicou duas monographias: *O Natal-Club e a sua pimeira década* e *A dissolução do Tiro de Guerra 18*, de que foi presidente.

E' lente de Direito Usual, Civismo e Noções de Economia, do Atheneu Norte Rio Grandense.

O dr. Moysés Soares, como jornalista de combate e orador popular, tem o seu nome ligado aos mais bellos movimentos sociaes e politicos deste pedaço do norte.

Etelvína Antunes

1885

Ceará-Mirim



O Poeta

O poeta é qual pintor modelos procurando
Nas dôres que advêm á pobre humanidade...
Vae pintando, em seu verso, a propria inf'licidade,
E o constante soffrer dos outros vae pintando.

Elle passá no mundo as maguas estudando...
Faz quadros de prazer e telas de saudade...
Põe nas mãos do assassino — o sceptro da maldade...
No berço da creança — um cherubim, velando;

Nos labios de u'a mãe — um riso de clemencia...
Nos olhos do mancebo — o fogo dos amores...
Na fronte da donzella — o lirio da innocencia...

Sonhador de illusões, na palheta da rima,
Melhor do que ninguem, elle harmonisa as côres
E uma scena de amor, num bello poema, anima.

Traços biographicos

No engenho *Outeiro*, do municipio de Ceará-Mirim, nasceu Etelvina Antunes de Lemos, a 17 de maio de 1885.

E' filha do coronel José Antunes de Oliveira, fallecido, e d. Joanna Antunes de Oliveira.

Frequentou, no Recife, com muito aproveitamento, o Collegio São José, durante cinco annos.

Em seu rincão nativo, collaborou n'*O Sonho* e n'*A Esperança*, dois interessantes jornaesinhos, que ali circulavam, sob a direcção e redacção de Dôlores Cavalcanti e Izaura Carrilho.

As suas producções se imprimiam, quase sempre, com pseudonymo de *Hortencia Flores*.

A 15 de Agosto de 1906, foi desposada pelo dr. Vicente de Lemos Filho, actual Juiz de direito da comarca de Nova Cruz.

E' autora das *Violetas*, livro de versos ainda em manuscripto.

Araujo Filho

1885

Macau



Canção das arvores

*Die Natur ist die Vorstufe des Geistes.
Wundt.*

Na minha religião de Poeta impressionista
Ha um fundo natural, espontaneo e sincero
De bondade e de amor!...

E, artista,

Dentro da Natureza, em extase, venero
Do protozoario ao Sêr perfeito e superior!

Porque em tudo, ave ou flôr, estrella ou verme, em tudo,

— No mar, na luz do sol, na fria voz do vento,

Vive o espirito a ascender...

E é grato ao coração — sabio, tristonho e mudo —

No seu recolhimento,

A alma das coisas comprehender!

Astros — sonhos do azul sereno e constellado,
Chuvas de ouro a cair diluvialmente
Dos céos ;
Pequeninos phanaes do Eden sagrado,
Onde fulge a verdade, santamente,
Nas mãos de Deus !

Onda — arrancos do mar ! — Espuma, — flôres
Do mar ! Abysmo fundo
A rebramir nos temporaes !
Em teu seio, Amphitrite evoca os seus amores ;
Sereias e Tritões, almo somno profundo
Dormem nos bancos de coraes !...

A terra — amplo jardim perfumado e risonho —
Se enflora e fructiféra
Numa caricia prónuba e sem par !
Na apotheseo pagan de um grande sonho,
Desponta irradiante a Primavera,
A sorrir e a cantar !

Em tudo isso : ave ou flôr, estrella ou verme, em tudo,
— No mar, na luz do sol, na voz do vento,
Vive o espirito a ascender...
E é grato ao coração — sabio, tristonho e mudo —
No seu recolhimento,
A alma das coisas comprehender !

* * *

Talvez, por esse nobre sentimento
E' que minha alma, agradecida,

Clutúa as arvores, que são
Ao mesmo tempo que o embelezamento
Da vida,
— Sombra, Agasalho e Pão !

A' sua sombra o homem descança :
A fera encontra asylo, a ave entretece
O ninho — lar dos filhos que hão de vir...
— Florea bandeira da Esperança,
Que a terra beija entoando a prece
Que ninguem sabe traduzir !

Vida affeita á bondade e ao sacrificio :
Veiu para amainar a dôr alheia,
E, eternamente, assim,
Vive fazendo o Bem, que é o seu officio,
Veze florida e cheia
De fructos : verdes, aureos, carmezim...

Tenda e mansão dos paszaros ! Abrigo
Do homem primeiro,
Quando, no Paraiso terreal,
Como um raio, cahiu o divino castigo,
Certeiro,
Punindo e exorcismando a Culpa original !

Onde uma arvore existe
A alegria benefica, por certo,
Doidivaneando, aqui e ali, transluz !
Como é desolador e como é triste
Um deserto
Ardendo em luz !

Bem haja, pois, o nobre sentimento,
Com que minha alma, agradecida,
Cultúa as arvores, que são
Ao mesmo tempo que o embellezamento
Da vida,
— Misericórdia e Protecção!

Traços biographicos

Na cidade de Macáu nasceu, a 4 de dezembro de 1885, Joaquim de Araújo Filho.

Seus paes foram Joaquim de Araújo e d. Rosa W. Caldas de Araújo.

Muito moço ainda, transportando-se para o Recife, começou a desenvolver, na vida commercial, infatigavel actividade, chegando a exercer, pela sua competencia, as funcções de guarda-livros, naquella praça.

Homem de trabalho e de lettras, ao mesmo tempo, Araújo Filho tem publicado os seguintes volumes, que honram seu nome de belletrista e cujas edições já se acham esgotadas: — *Livro de Elza*, 1907; *Euchologium*, 1913; e *Citharedo*, 1915; e em via de publicação, *Rhytion* e *Faldas do Helicon*.

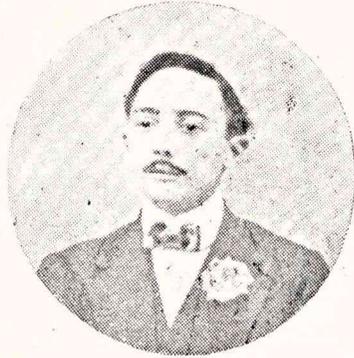
Escreve em quase todos os jornaes do Recife, tendo sido collaborador effectivo d'*A União*, da Parahyba.

Foi redactor da *Heliopolis*, e dirigiu a brilhante revista de artes e lettras, *Vida Moderna*.

Nathanaél Macêdo

1886

Assú



Sertão

Em ti se espraia o rio da fartura,
Sobeja a pesca e sobrepuja a caça...
Amo esse campo, essa azulada altura,
E essa aragem de fogo, que perpassa.

Guardas no seio a vigorosa raça,
Sertão — mixto de paz e de ventura! —
Por ti deixo o prazer, o encanto, a graça
De outro lugar, onde o rumor perdura...

Quanto me alegra a verde cordilheira
De tuas serras, e o bailar do som
Das aves, pelas frondes da mangueira

Em teus braços senti calor e vida...
Sertão amigo, hospitaleiro e bom,
Só te comparo á Terra Prometida!

Traços biographicos

Aos 27 de abril de 1886, na cidade do Assú, nasceu João Nathanaél Soares de Macêdo.

E' filho do coronel José Soares de Macêdo e sua mulher d. Anna Maria de Macêdo e Araújo, ali residentes.

As gazetas, editadas na sua terra, têm acolhido sempre a sua collaboração.

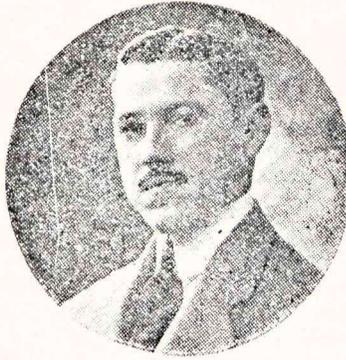
Dedica-se ao magisterio particular, ensinando as lettras menores aos seus conterraneos.

Em versos, tem a publicar o livro *Pó*.

Hugo Aranha

1886

Macahyba



Evolution

Morrer! ver se findar nas lutas de um momento
Toda uma vida, toda! em plena mocidade;
Em sanie se abysmar, por toda a eternidade,
O que há de bello e puro em nosso pensamento;

Ver-se ao lado do alarve — o vulto do talento;
Ao lado da virtude — os vicios e a maldade,
E ter, eternamente, a pobre humanidade
A valla por descanso, em negro esquecimento...

Não! A campa não é o termo da jornada...
A morte não conduz a alma para o Nada...
E' o começar da vida onde a existencia finda.

Nos grilhões da materia a alma se não prende,
Na vastidão sem fim dos mundos ella ascende
A nascer, a morrer e a renascer ainda.

Traços biographicos

O dia 29 de abril de 1886 marca o nascimento, na cidade de Macahyba, de Victor Hugo Aranha, filho do major Fortunato Rufino Aranha e d. Bernardina Aranha.

Muito cêdo, dedicou-se ao cultivo das musas, publicando alguns sonetos que, transcriptos, occuparam as columnas da imprensa do Rio, Pará e Manáus.

Cedendo, porém, á tendencia do seu espirito de combate, afastou-se do Parnaso, encareirando-se para o terreno safaro do jornalismo accentuadamente politico.

Transferindo-se, mais tarde, para o Acre, ali escreveu no jornal *Cruzeiro do Sul*.

Depois, em Manáus, dirigiu a Imprensa Official, foi redactor-secretario do *Diario do Amazonas* e do *Amazonas*, e deputado á Assembléa daquelle Estado, onde se fez bacharel em sciencias e letras, pela Escola Universitaria.

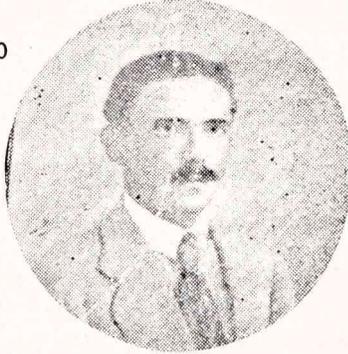
Em 1912, com a explosão da revolta em que foi deposto o então governador, seguiu para o Rio de Janeiro, na qualidade de advogado do seu partido, perante o Supremo Tribunal Federal, onde trabalhou ao lado dos drs. Ruy Barbosa, Clovis Bevilacqua e Barbosa Lima.

Na Capital da Republica, Victor Hugo Aranha exerce hoje o cargo de chefe da Secretaria do Lloyd Brasileiro.

Antonio Emerenciano

1886

Natal



Soneto

A's vezes, quando a noite se avisinha
E o sol se esconde na doirada t ela,
Vejo-a, qual nympha solitaria e bella,
Scismando,   porta da gentil casinha.

Parece um vulto de encantada estrella
No azul boiando, timida e sosinha...
Na fala — um meigo rouxinol se aninha
No peito em flúor — um dessalento vela.

A doce luz do seu olhar querido
Reflecte o verde-claro do vestido
Numa effusão de balsamos immerso.

Canta. E seu canto evola-se ostentando
Em cada nota — o beijo meu vibrando,
— O meu beijo — vibrando em cada verso.

Traços biographicos

Na cidade do Natal, no dia 13 de junho de 1886, nasceu Antonio Emerenciano, filho do professor primario José Ildefonso Emerenciano e d. Ignacia Florinda Emerenciano.

Aos 6 de setembro de 1910, desposou d. Brásilia Cavalcante Emerenciano.

Iniciada a sua vida litteraria, por mais de uma vez, foi redactor da revista *Potyguar*, da Officina Litteraria *Lourival Açucena*, ao lado de Ferreira Itajubá, Gothardo Netto e Ponciano Barbosa.

Tem collaborado em diversos jornaes da sua terra.

Já exerceu as funcções de fiscal da Inspectoria Geral de Hygiene e Assistencia Publica do Estado.

Desde 1911 fez-se auxiliar da revisão d'A *Republica*.

E' escripturario da repartição de Hygiene.

Ivo Filho

1886

Natal



Hoje

A minha mãe

Trinta e quatro annos já — quanto padecimento!...
Prazer, nunca senti; felicidade, um mytho;
O passado infantil nem ao menos lamento,
— Foi visão, que se foi, de um pavor infinito!

Mocidade — não sei si a gozei um momento;
— Primavera em que um sol devastador, maldito,
Tudo de vez crestou — egoista, avarento...
E, inda moço, da vida afastei-me, proscripto.

O futuro, de mim, do meu destino, ri-se...
Sinto por tudo um horror, tédio intenso, profundo
— Descreio até da paz dos dias da velhice...

Um consolo somente encontro ao meu viver:
— Não fui eu o primeiro a chorar neste mundo
Nem, por certo, serei o ultimo a soffrer!

Traços biographicos

A 26 de agosto de 1886, nasceu, em Natal, Francisco Ivo Cavalcanti.

Foram seus paes Ivo Cavalcanti de Andrade e sua mulher d. Vitalina Evangelina Cavalcanti.

Rumando para as lettras, desde os mais verdes annos, escreveu e publicou, de collaboração com Jorge Fernandes, *Contos & Troças — Loucuras*.

Em 1906, deu-nos, de conta propria, o *Chrysanthemos*.

Ao prefaciar este livro, H. Castriciano, entre outras coisas, escreveu — «se lhe fosse concedida a liberdade de aconselhar ao joven e talentoso poeta, lhe diria que fizesse versos e mais versos á terra sertaneja, onde poderemos descobrir o aureo filão vital que Gonçalves Dias e Fagundes Varella encontraram para a immortalidade.»

Ivo Filho é tambem autor das seguintes peças theatraes, representadas, em Natal, pelo *Gymnasio Dramatico*: *Sonia*, *Além*, *Degenerados*, *A infamia* e *Irremediavel*, dramas em tres actos; *Esses primos...* *O flagello*, *Sôpa no mel*, *O motivo*, *Em apuros*, e *O joven*, comedias em um acto.

E' professor da Escola Normal de Natal, cursa a Faculdade de Direito do Recife e faz parte da redacção d'*A Imprensa*.

Celso Filho

1886

Assú



Deus

Deus, dizem todos, é Omnipotente
Póde, querendo, o mundo exterminar,
E póde, se quizer, incontinente,
Outra vez, o Universo architectar !

Eu, sou homem, o ser intelligente
Cá da terra, que póde o braço armar
Para — maior que o tigre e que a serpente,
O homem — seu rival — aniquilar !

Porém Deus é maior : é soberano !
Não conhece outro Deus, outro tyranno,
Mora em cima de tudo, lá nos céos!...

Máta os filhos, sem dó nem piedade !
No entanto, todos clamam-lhe a bondade...
Ah ! si eu fosse tambem como esse Deus !...

Traços biographicos

A cidade do Assú é o berço de João Celso Filho, que nasceu a 5 de setembro de 1886.

Seus paes, o capitão João Celso da Silveira Borges e d. Emilia Chaves da Silveira, que a este sobrevive, fizeram-n'o aprender as lettras menores, quando então viram se manifestar as suas possibilidades litterarias.

Muito moço ainda, começou a escrever para as gazetas locais, ao lado de Palmerio Filho, que, carinhosamente, estimulára o desenrolar da sua promissora intelligencia, no seio do jornalismo provinciano.

Transportando-se, um dia, para Belém, do Pará, deu mostras do seu talento nas columnas d'*A Provincia* e de outros periodicos.

Tornando, depois, á terra, consorciou-se com d. Maria Leocadia da Silveira, a 31 de maio de 1915.

Celso Filho é ali presidente do *Centro Bibliophilo Assuense*, já tendo dirigido o grupo escolar *Tenente-coronel José Correia* e o semanario *A Cidade*.

Foi tambem director-fundador da revista litteraria *Palladio*, que cedo desapareceu.

A sua actual profissão de commerciante não o tem impossibilitado de preparar o livro *Terra bemdita*, de onde D. Raphael Gultiere arrancára umas estrophes sertanejas, sob o mesmo titulo, de que fez versão para o idioma castelhano.



A um telephone

Tu te queixaste, num pezar profundo,
Dessa existencia: preso na parede,
Lembrando um cão damnado, furibundo,
Que, inutilmente, a liberdade péde:

— Que preferias ser um vagabundo,
A supportar na rua fome e sêde...
Pois bem — das maravilhas deste mundo
Tens a primeira, ó descontente — a rêde!...

Cada vez mais elevo a tua fama,
Porque possues esta virtude rara :
— Fazer que a gente, em casa, de pijama,

A cachimbar no proprio gabinete,
Descomponha um sujeito, cara á cara,
— Livre de murros, balas e cacete...

Traços biographicos

Em Natal, aos 5 de abril de 1887, nasceu Virgilio Galvão Beserra da Trindade, filho do official do Exercito José Candido Beserra da Trindade e sua mulher d. Abbeldina Trindade, já fallecidos.

Foi escrivão da Delegacia de Policia, e, mais tarde, nomeado amanuense da Repartição Central.

Na capital do seu Estado, consorciou-se, a 31 de dezembro de 1919, com d. Diva de Andrade Beserra da Trindade.

Collaborando assiduamente nos jornaes e revistas publicados em Natal, escreveu tambem para o theatro as peças: *O Anti-Christo*, de collaboração com Jorge Fernandes; *O Gymnasio por dentro*, *A' espera do bonde*, *O céu aberto*, de collaboração com Jorge Fernandes e Ezequiel Wanderley; e os *Typos da terra*, representados, por entre risos constantes, no *Theatro Carlos Gomes*.

Tem a publicar um volume de versos bohemios, *Propositos a proposito*, e um outro, em prosa humoristica, *Aguas passadas...*

Virgilio Trindade occupa o cargo de secretario da Chefia de Policia.

Antídio de Azevêdo

1887

Jardim de Seridó



Mãe

Mãe! Imagem do Bem, cofre azul da Ternura,
Thesouro divinal de beijos e carinhos,
Ninguém mais do que tu me abranda a Desventura,
Ao tirar-me da Vida esses duros espinhos.

Mãe! Vocabulo ideal, de petalas e arminhos,
Oh! mixto singular de Amor e de Brandura!
Só tu sabes varrer da aridez dos caminhos
Da minha mocidade — a horripilante agrura...

Falla de rouxinol! Ave branca do Céu!
O teu affecto santo — esta amena carícia —
E' balsamo divino, a dar combate á Dôr...

Quanta doçura encerra o teu olhar sem véo,
Onde jámais fulgiu scintella de malícia!
Alma feita de luz! Seio feito de amôr!

Traços biographicos

Na cidade de Jardim do Siridó, nasceu Antonio Antidio de Azevêdo, aos 13 de junho de 1887.

E' filho de Horacio de Azevêdo e sua mulher d. Marcionilla C. de Azevêdo.

Em preparação, a publicar, tem um volume de versos, que receberá o titulo de *Gemidos e cantos*.

Exerce, na terra do seu nascimento, as funcções de tabellião publico, do judicial e notas, e de escrivão do Cível e Crime.

Nestor Lima

1887

Assú



No sertão

(Recitativo escolar)

Que vida a da fazenda!
— Assim que o Sol desvenda
As fimbrias do Levante,
A gente ali desperta
E á faina, sempre alerta,
Entrega-se offegante!

Um goso indefinido
Existe no mugido
Do gado no curral.
Fogosos beserrinhos,
Cabritos, borreguinhos,
Pinotam pelo val.

Em torno, a cercania
Encerra a calma,
Si chove e sopra o vento ;
A lida recomeça,
Após que a chuva cessa
E limpa o firmamento.

Si o dia está nublado,
Nas varzeas, no roçado,
Trabalha-se a valer ;
A' tarde, satisfeitos,
Só pensam nos proveitos
Que a safra vem trazer.

A' noite, nos terreiros,
Reunem-se os *rendeiros*
Historias a contar...
E o céo, já sem nuanças,
Parece com as creanças
Cantigas a escutar...

Mas, logo que a fogueira
Accesa na lareira,
Extingue os lumes seus,
— E' muda a redondeza,
E a propria Natureza
Entôa um hymno a Deus !

Traços biographicos

Nasceu na cidade do Assu, a 1.º de agosto de 1887, Nestor dos Santos Lima, filho do coronel Galdino dos Santos Lima e d. Anna dos Santos Lima, que a este sobrevive.

Fez o curso de preparatorios no Atheneu Norte Rio Grandense, formando-se, depois, pela Faculdade de Direito do Recife, em 16 de março de 1909.

Nomeado lente de Pedagogia, da Escola Normal de Natal, a 4 de maio do mesmo anno, foi designado, a 2 de janeiro de 1911, para tambem exercer o cargo de director daquelle estabelecimento educativo.

E' socio fundador do Instituto de Protecção á Infancia, benemerito do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, e correspondente dos de Minas Geraes e Alagoas.

Publicou duas monographias historicas — uma sobre *O quartel militar de Natal*, e outra sobre *A matriz de Natal*.

Escreveu e fez representar pelos alumnos do Grupo Escolar Modelo *Augusto Severo*, a phantasia lyrica *Floral*, musicada pelo professor Tommaso Babini, e muito applaudida, no *Theatro Carlos Gomes*, em 1918 e 1919.



Contraste

*(Ao oferecer o retrato a um
amigo.)*

Habitualmente, vivo assim — sorrindo...
O riso, para mim, exprime tudo...
E, no acto mais serio, estando rindo,
Sou mais serio, sorrindo, que sisudo!..

Traços biographicos

Na cidade do Natal, nasceu a 22 de agosto de 1887, á rua coronel Bonifacio, antiga St.º Antonio, Jorge Fernandes de Oliveira.

Filho do professor Manuel Fernandes de Oliveira, já fallecido, e d. Francisca Fagundes Fernandes de Oliveira, ao concluir os seus estudos escolares, collocou-se como auxiliar do commercio no importante estabelecimento industrial *Fabrica Vigilante*.

E' hoje, em Natal, o gerente dessa casa de fumos, mas, não obstante os seus affazeres, ainda aproveita as férias da semana e escreve, de vez em quando, para as gazetas natalenses, produzindo trabalhos scenicos, reveladores do seu pendor theatral.

E' autor do—*Assim morreu, Manhã de sol, Ante-Christo*, (este de collaboração com Virgilio Trindade), *Céu aberto* (de collaboração com Virgilio Trindade e Ezequiel Wanderley,) *A Mentira, O brabo, Pelas grades* e *De joelhos*, sendo que as duas ultimas já foram publicadas, em 1917 e 1918, e outras, como essas, tiveram representação no *Theatro Carlos Gomes*, devido aos louvaveis esforços do *Gymnasio Dramatico*, que muito contribuiu para os applausos ali recebidos por Jorge Fernandes.

Josué Silva

1888

Natal



Trovas

Em tres coisas se resume
Minha vida de rapaz:
—Querer-te bem, ter ciúme,
Fazer trova, e nada mais.

Trovas são versos ligeiros,
Pedacos do coração,
Queixumes de gondoleiros,
Notas tristes de violão;
Sonoridades de beijos,
Cantigas de trovador,
Suspiros e murmurejos
Das confidencias de amor.

Lua cheia que illumina
O azul do céu, tão bonito,
E' grande libra esterlina
Do Thesouro do Infinito.

—
Si eu fosse, amor, passarinho,
Faria, com os meus desvelos,
A construcção do meu ninho
Nos anneis dos teus cabellos.

—
Teu nome, filha, me expressa
Tanto amor, tanta affeição,
Que a inicial tenho-a impressa
—Na palma de minha mão.

—
Cego eu devia ter sido,
Um cego, um pobre de Deus,
Para não andar perdido
Procurando os olhos teus.

—
Quem canta seu mal espanta...
E' mentira do Annexim,
Pois eu canto e Silvia canta
E o nosso mal não tem fim.

—
Os teus olhos, quem diria ?
São ladrões de profissão,
Pois me roubaram, outro dia,
Num olhar, meu coração.

Tem a mãe, que é bôa e santa,
Sempre a sorte de soffrer...
A's vezes, chorando, canta,
Para o filho adormecer.

—
Quem chora seu mal augmenta,
Deixa de tanto chorar,
Que pode nessa tormenta
O teu martyrio augmentar.

—
Não posso mais supportar
Desta vida os mil abrolhos,
Por isto, vou me afogar
No negro mar dos teus olhos.

—
Tem da luz dos olhos teus
Tuas cartas o clarão...
A's vezes, filha, por Deus,
As leio na escuridão.

—
Versos... historia infinita
De sonhos vãos de saudade;
Olhar de moça bonita,
Vibrações da mocidade ;
Fonte de amor, pura e santa,
Onde a harmonia se actúa ;
Cantigas que a gente canta
Ao terno clarão da lua.

Traços biographicos

Em Natal, nasceu a 1.º de novembro de 1888, Josué Tabira da Silva, filho de Joaquim Guerreiro da Silva e Eduwiges de Oliveira.

Escreveu em diversos jornaes e revistas litterarias, humoristicas, maçonicas e criticas da sua terra, e n' *O Nordeste Operario*, da Parahyba.

Fez e faz parte de algumas sociedades de lettras, pertencendo tambem ao *Centro Operario Natalense*.

Já publicou um rimario denominado *Cantigas*.

Em preparo, tem *Paginas do coração*, prosa; *Estrellario*, versos; *Vida operaria* e *A maçonaria no Rio Grande do Norte*, de collaboração com João Estevam Gomes da Silva.

Foi funcionario postal, é artista typographo e, ultimamente, nomeado telgraphista, está servindo na Estação de Natal.



Fitando a Lua

Meiga lua, prateada e somnolenta,
Na esfera azul celeste refulgindo,
Beija a praia arenosa e o mar bramindo
Ante o choque da vagas em tormenta.

E' bello a gente vê-la quando ostenta
A face constellada, proseguindo
Pelas regiões ethereas, nesse infindo
E evolutivo cyclo, que sustenta.

Não sabe esse astro, airoso e scintillante,
O bem que faz ao caminheiro errante,
Esse meigo esplendor da alvura sua...

No entanto, esta minh'alma não conforta
A marmorea impressão de virgem morta
Que eu sinto, ás vezes, contemplando a lua.

Traços biographicos

Nasceu em Pequiry, municipio de Canguaretama, José Marinho Filho, a 17 de março de 1889.

São seus progenitores José Marinho de Carvalho e d. Deolinda Torres Marinho.

Exerce, em Natal, o cargo de escripturario da Companhia Great Western.

E' um novel cultor das rimas e tem, por vezes, collaborado em jornaes e revistas de Natal.

Está organizando um volume de versos, a que dará o nome de *Scntelhas*,

Luiz Candido

1889

Lages



Catavento em ruínas

Inda me lembro, ó Catavento esguio,
Do tempo bem feliz, que tu passaste,
Quando não eras bem esse contraste
De luz e sombra, de calor e frio !...

Vês chegar todo o inverno e todo o estio,
Desfeito em ruínas, que jámais sonhaste...
E a gemer... a gemer!... Nunca pensaste
Nesse abandono e nesse desvario...

Durante a noite, quando o vento passa,
Embalando a tua alma torturada,
No teu ranger, toda uma dôr se enlaça...

Emfim, essa tua vida, assim maguada,
Revela o teu penar, tua desgraça,
Oh, Catavento esguio e só, na estrada!...

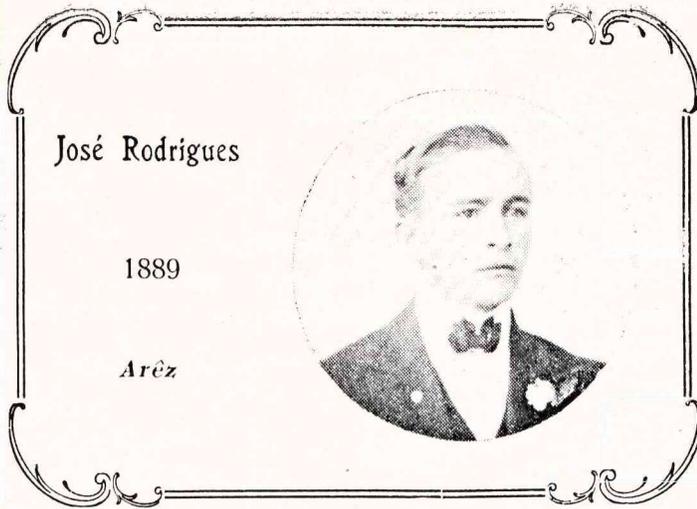
Traços biographicos

E' natural da villa de Jardim de Angicos,
Luiz Candido de Oliveira.

Nasceu a 2 de abril de 1889, sendo seus paes
Porfirio Candido d'Oliveira e d. Balbina Barba-
lho d'Oliveira.

Tem escripto para alguns jornaes provin-
cianos.

Exerce o posto de official inferior do Bata-
lhão de Segurança do seu Estado.



Campezinas

No campo, muito longe da Cidade,
Desde os primos reflexos da aurora,
Anda, no espaço imenso, a alacridade...
A vibrar... a vibrar... azul em fóra!...

Como faz bem e fortalece a gente
Esta sonora vida campezina,
Que me traz enlevado docemente
E que o mal dos meus nervos elimina!

A minha vista, estatica, demora
Destes risonhos prados na verdura...
As plantações, depois do inverno, agora,
Têm o aspecto sadio da fartura.

* * *

A's lavras, hoje, fui acompanhado
De um bom roceiro — meu compadre Antonio —
Homem trabalhador e dedicado,
Alma rude, mas bôa, de camponio.

Andámos a vêr tudo: Vastas leiras,
Verdes roçados e cannaviaes...
Gosámos, no passeio, entre as fructeiras,
O perfume subtil dos laranjaes.

Das terras vimos a fertilidade...
Fartas colheitas ellas nos darão...
E abençoámos, com sinceridade,
Da terra amiga, o largo coração.

* * *

E quanto é moça, eternamente forte,
Toda esta simples gente camponeza,
Ao sol e á chuva, sem temer a morte,
Resignada na feliz pobreza!...

Nos muitos dias dos labores seus,
Gosa, apenas, momentos de abastança...
Bom pae, bom filho, só temente a Deus,
Dos idos troncos, segue a velha usança...

Nos seus costumes meditando, ao ver
Na nobre faina diaria, o bom roceiro,
Penso que elle não há de pertencer
Á' raça vil do *Jeca* brasileiro.

Traços biographicos

Nasceu na villa de Arêz, do Estado do Rio Grande do Norte, José Rodrigues Filho, a 5 de agosto de 1889.

São seus progenitores José Rodrigues de Carvalho, fallecido, e d. Francisca Rodrigues de Carvalho.

Tendo se diplomado, em 1910, pela Escola Normal de Natal, exerceu, na cidade de Canguaretama, as funções de director e professor do Grupo Escolar *Pedro Velho*, onde tambem se entregára á ardua e melindrosa tarefa do magisterio sua consorte, d. Olda Rodrigues.

Quando estudante, foi um dos auxiliares no serviço de revisão d'*A Republica*, em Natal.

E' autor de um livro de versos, de umas paginas escolares, ainda em vias de publicação, e da interessante revista escolar *Alliados de Pan*, com muitos applausos, encenada num theatrinho particular, em Canguaretama.

Actualmente, mediante concurso, é professor do Grupo Modelo *Augusto Severo*.

José Gobat

1889

Santa Cruz



Montanhas

Montanhas! ... E as montanhas são escadas,
Despenhadeiros lugubres, funereos...
— De longe, são cidades habitadas,
— De perto, são sinistros cemiterios.

São culminancias vírides, alçadas
Para os luzentes páramos ethéreos...
Montanhas são visões ignoradas...
São mysterios eguaes a outros mysterios...

Montanhas são castellos desconhecidos,
São corações que vivem succumbidos
Na desventura, como o meu... Montanhas

São os seios da terra, voluptuosos,
Montanhas são paizes luminosos,
Que têm lavas de fogo nas entranhas.

Traços biographicos

Em Baixa Verde, da villa de Santa Cruz, hoje cidade do mesmo nome, nasceu José Gobat Ferreira do Nascimento, a 17 de setem-
bro de 1889.

Foram seus paes, Vicente Ferreira do Nas-
cimento e d. Josepha Maria do Nascimento.

Quando academico, collaborou em diversos
jornaes e revistas natalenses.

Bacharelou-se em 1911, pela Faculdade de
Direito do Recife, consorciando-se, ali, com d.
Rosita Labaccaro Gobat.

Foi, em S. Vicente, no Rio Grande do Sul,
promotor publico, exercendo, depois, o mesmo
cargo na capital da Parahyba, e mais os de pro-
curador geral do Estado e secretario da redac-
ção d'A *União*.

Exerce actualmente, em Natal, a sua acti-
vidade como fiscal dos Bancos.

Asas, é o titulo de um seu livro de versos,
publicado em 1909.

E' advogado e redactor d'A *Imprensa*.

Ponciano Barbosa

1889—1919

Natal



O Algodoeiro

Gloria do vegetal, florindo e refflorindo
Na soberba alegria e gaudio da esmeralda...
E, da gemma, o algodoeiro esplendoroso e lindo,
E' nobre pavilhão, que Flora, a rir, desfralda.

Ei-lo ao vento, ei-lo ao vento! A' terra ampla se abrindo
De quantas flores se enche e suave se engrinalda...
Ei-lo! Os casulos a fulgir limpidos, rindo
Na brancura que a mente incita, aguça e escalda!...

Nas tristezas da secca, o solo é escuro e escampo,
Mas, vindo o inverno bom, se accende e farta o campo,
E a terra, então, assume os brilhos de um thesouro!...

No ardor forte do sol, ou nas horas amenas,
O algodoeiro sustém, nas mãos verdes, pequenas
Hostias brancas, de neve, e altos cálices de ouro.

Traços biographicos

Filho de Apollinario Joaquim Barbosa e d. Maria Emilia de Moraes Barbosa, que lhe sobrevive, Ponciano de Moraes Barbosa nasceu, em Natal, a 19 de novembro de 1889.

Bacharelou-se, em direito, pela Faculdade do Recife, em março de 1913.

Publicou: *Duvida, Ave Maria e Livro humilde*, volumes de versos.

Casára-se com d. Izaura Seabra de Mello a 18 de setembro de 1916.

Collaborou em varios jornaes e revistas, especialmente n'*A Republica, Jornal da Manhã e Diario de Noticias*, de que foi um dos redactores.

Em Natal, exerceu os cargos de secretario da Escola Normal, promotor publico, fiscal do Governo da União, junto ao Atheneu Norte Rio Grandense, e juiz districtal.

Foi tambem deputado ao Congresso Legislativo do Estado, como representante da classe operaria.

Deixou trabalhos litterarios ineditos, entre os quaes a peça *Perfeição*, e a scena dramatica *O sonho*, representado pelo *Gymnasio Dramatico* no *Theatro Carlos Gomes*.

Falleceu, em Natal, á rua 13 de maio, aos 12 de janeiro de 1919.

Beserra Junior

1890

Natal



Repudiado...

Terra, deste-me o berço, mas, entanto,
Creio que, neste tetrico abandono,
Não me abrirás, no derradeiro somno,
O regaço feliz, que almejo tanto.

Ingrata! Sabes que este eterno outomno
Cresta-me a vida... É teu amor, portanto,
Uma miragem vã, para o meu canto —
Pobre rafeiro, misero, sem dono...

Ai! d'aquelle, que a vida atormentada
Léva, soturno como o ser que estiola,
Sem caricias de mãe, sem mão de amigo,

Contendo n'alma a duvida e, mais nada!...
Na terra em que nasceu — pede u'a esmola...
E o despreso lhe dão — por ser mendigo.

1920.

Traços biographicos

Nasceu, em Natal, Joaquim Beserra Junior, a 19 de maio de 1890.

E' filho de Joaquim Alves Beserra e d. Angela Alves Beserra.

Tem collaborado em alguns periodicos locais e espera dar á estampa dois livros: *Poemas do Sertão* e *Cigarras*.

José Félix

1890

Angicos



Via Crucis

Semana Santa. Minha desventura,
Passo a passo, acompanha-te, Senhor!
Sonha contigo, toma-te a figura
E até se cobre desta mesma côr...

Egual resignação, igual doçura,
O mesmo sacrificio por amor...
Não chora, não se queixa, não murmura,
Guarda o recato divinal da Dôr.

O sofrimento nutre minha crença ;
A tua fé aumenta, com a Paixão...
— E' singular a nossa parecença !

Como me espanto desta communhão,
Si a minha Treva é cada vez mais densa
E a tua acaba na Ressurreição !... »

Traços biographicos

Na villa de Angicos, nasceu José Felix Alves de Souza a 29 de junho de 1890.

E' filho de José Francisco Alves de Souza e d. Maria Ignacia Alves de Souza, que sobrevive a seu marido.

Tem, como funcionario publico, collocação de destaque na Secretaria do Senado da Republica.

Do *Rio-Jornal* é um dos redactores de maior actividade.

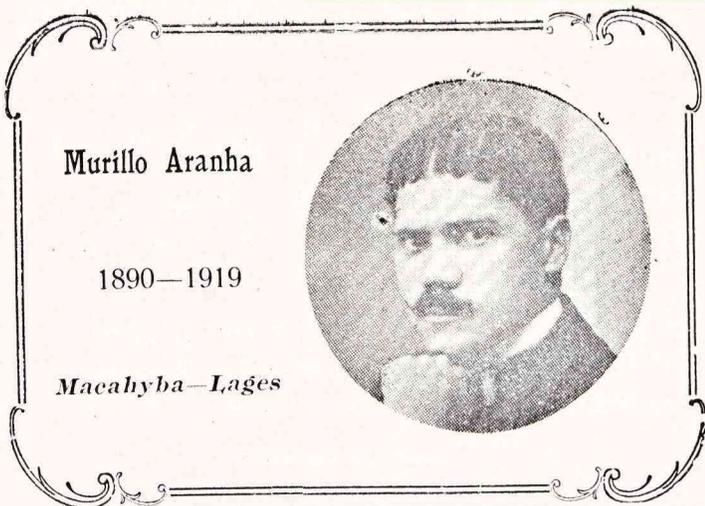
Referindo-se, naquelle orgam da imprensa carioca, ao proximo apparecimento do seu livro *Corôa de Espinhos*, disse José Caçado :

«O seu verso é novo, é pessoal, é original.

Corôa de Espinhos, canto de viuvez e abandono, repassado da nota dolorosa dos que sofrem a nostalgia da felicidade perdida, é um consolo para os descrentes da intellectualidade moça do Brasil.

A felicidade para o poeta era a esposa joven e bella, que morreu.

Com a barba grande, a roupa escura e com uma enorme tristeza nos grandes olhos resplandecentes, o viuvo principia a cantar.»



Sino

Tu — bronzeo coração das cathedraes esguias,
Compassado, vibrando ás emoções constantes,
Commove o nosso «eu» nessas tardes sombrias,
Em que soltas ao vento as notas resonantes...

Vens do seio do além, dos tempos bem distantes...
Ora no alto a brandir tristonhas psalmodias,
Monotono, gemendo em surtos torturantes
Ora lêdo, exultando as nossas alegrias.

Quem chorará por ti, no esquecimento, quando
Outro sino disser que morreste, dobrando
A's almas que se foram e que não voltam mais ?

Só, talvez, no silencio, as notas que vibraste,
E a lembrança do vago immenso que deixaste
Nos esguios torreões das velhas cathedraes !...

Traços biographicos

Nasceu na cidade de Macahyba Murillo Aranha, a 24 de julho de 1890.

Era filho do major Fortunato Rufino Aranha e de d. Bernardina Aranha.

Muito creança ainda, publicou os seus primeiros versos aos 14 annos de idade.

Mais tarde, dedicou-se ao jornalismo tendo escripto em varios periodicos litterarios que circularam nesta Capital.

No Rio de Janeiro, fez parte da redacção do *Correio da Noite* e d'*A Revista Azul*.

Residindo, depois, na Villa de Lages, deste Estado, ali fundou o jornal *A Patria*, de que foi director.

Estudante de odontologia, na Capital do Paiz, foi atacado por terrivel molestia que o privou de concluir o curso.

Deu, como poeta, publicidade ao poemeto *Cezar Borgia* e ao livro *Nevroses*, não tendo sido possivel editar *A Cathedral*, outro volume de versos.

Murillo Aranha succumbiu, em Lages, aos 23 de Junho de 1919.

Francisco Pereira

1899

Macau



A Jandaia

Do bom pagé, na rustica morada,
Descansa, langue, a virgem tabajára...
Pensa, talvez, n'aquella idolatrada
Visão de amor, que ao peito seu guardára...

Suspira, e cora, e treme, á voz maguada
Das outras virgens a cantar; repara
Em tudo, em tudo, que lhe cerca, e, em cada
Face, a saudade morbida depara...

Depois, desfolha o riso meigo e franco...
Quer ver o vulto do guerreiro branco
E, em volta, á mata o terno olhar espraia...

Mas, vê somente a verde côr suprema
Da selva! E a doce e candida Iracema
Chora, escutando o canto da Jandaia !...

Traços biographicos

Na povoação de Agua-Maré, do municipio de Macáu, nasceu a 7 de setembro de 1890, Francisco Pereira da Silva, sendo seus paes Manuel Pereira da Silva e d. Josina Ribeiro Pereira da Silva, já fallecida.

Em Natal, frequentou a escola particular da professora aposentada d. Izabel Gondim e o Collegio Diocesano Santo Antonio, onde fez o curso secundario.

Ali fundou, com Alfredo Lyra, Julio Duarte, Francisco Rocha e João Galvão Filho, *A Liberdade*, interessante gazeta litteraria.

Deixando o Collegio, aprendeu, com Augusto Leite, a arte graphica e creou *O Trovador*, *O Aruráu* e *A Tampa*, com o concurso humoristico de outros.

Fez parte da primeira turma de voluntarios especiaes, publicando, com Clidenor Lago e Piniheiro Netto, *O Voluntario*.

Collaborou n'*O Trabalho*, na *Gazeta do Commercio*, e no *Diario do Natal*, usando o pseudonymo de *Djalma Fontes*.

Quando no Rio de Janeiro, em 1911, foi redactor do *Correio da Noite*, escrevendo tambem n'*A Republica*.

Seguindo para o Acre, fixou residencia no Cruzeiro do Sul, capital do Alto-Juruá.

Já exerceu ali os seguintes cargos: director da imprensa official, promotor publico, juiz municipal, secretario da Prefeitura, director da instrucção publica e vogal do Conselho Municipal.

Fundou a gazeta independente *O Juruáense*, o *Centro Operario do Cruzeiro do Sul*, de que foi presidente, a *Sociedade Protectora dos Homens do Povo* e a *União dos Pequenos Lavradores*.

E' casado com d. Adalgisa Costa Pereira.

Abner de Britto

1890

Caicó



Os mezes

Janeiro... O inverno vem... Tolda-se o céu... No aceiro
A flor se afoga e morre... O frio cae e, intenso,
O espaço corta... Assim, sobre o meu Ser, suspenso,
Fica me enregelando, até vir *Fevereiro...*

Felizmente, esse mez vae-se embora ligeiro...
Março, vem me encontrar cheio de um tédio immenso...
E chega *Abril...* e *Maio...* e *Junho...* Então, eu penso
Julho não ver passar, pois *Julho* é traiçoeiro!...

Agosto surge e parte... E eu não morri... *Setembro*
 Rufila as azas no Azul... *Outubro* está chegando,
 E não tarda que venha o soturno *Novembro*...

Faço annos em *Novembro*... oh, que tempo matreiro!
 E, quando vem *Dezembro*, encontra-me chorando,
 Até voltar *Janeiro*!... Até voltar *Janeiro*!...

Traços biographicos

Filho de Pedro Paulino Pereira de Britto, já fallecido, e d. Maria Leopoldina Pereira de Britto, nasceu na cidade do Caicó, a 29 de novembro de 1890, Abner de Britto.

Formando-se, em 1912, pela Faculdade de Direito do Recife, consorciou-se, mais tarde, com d. Elisa Dantas de Britto.

Exerceu, em Natal, os cargos de secretario da Escola Normal e procurador fiscal do Thezouro.

Foi juiz districtal de Augusto Severo e promotor publico das comarcas de Caicó, Curraes Novos e Macáu.

Tem collaborado em diversos jornaes, não só da capital como do interior de seu Estado.

*Resumo da vida de
 Abner de Britto
 por um dos seus amigos,
 a quem se dedica este
 trabalho.*

*Janeiro de 1912.
 A. de Britto.*

Carolina Wanderley

1891

Assí



Minha terra

Terra bemdita, onde abriguei, ditosa,
De minha infancia as illusões fagueiras...
Corôada, qual rainha magestosa,
Das verdes palmas das carnaúbeiras.

Terra gentil, que acolhes, cariciosa,
Nas oiticicas verdes e altaneiras,
Aves gazis, que, em vóz doce, maviosa,
Cantam do sol ás radiações primeiras.

Si eu, algum dia, tremula velhinha,
Preso á magua, sem fim, que me espesinha,
Ao teu solo volver, berço risonho,

Agasalha-me ainda com a ternura
Com que, outr'ora, nos dias de ventura,
Agasalhaste o meu primeiro Sonho !...

Traços biographicos

Maria Carolina Wanderley é filha do professor Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Maria Amelia Wanderley.

Nasceu na cidade do Assú, aos 4 de janeiro de 1891.

Diplomando-se pela Escola Normal, de Natal, a 15 de novembro de 1911, foi nomeada, em 27 de dezembro, do mesmo anno, para reger a cadeira mixta infantil do grupo escolar *Tenente-Coronel José Correia*, na terra do seu berço, assumindo o exercicio do cargo a 15 de janeiro de 1912.

Dali, foi removida, a 16 de dezembro de 1913, para o grupo escolar *Frei Miguelinho*, no bairro do Alecrim, desta capital, onde assumiu as mesmas funcções a 12 de janeiro de 1914.

A revista feminina *Via Lactea*, de existencia interessante, mas infelizmente transitoria, foi fundada, em Natal, naquelle anno, por Carolina Wanderley e Palmyra Wanderley, que tiveram o concurso de Anilda Vieira, Estella Gonçalves, Stelita Mello, Joannita Gurgel e Maria da Penha.

Tem collaborado em diversas gazetas e revistas, dentro e fóra do Estado, escrevendo, ás vezes, chistosos versos, sob pseudonymos...

Já encenou no *Theatro Carlos Gomes*, a *Revista Escolar*, de sua lavra, representada pelos alumnos do grupo *Frei Miguelinho*.

Com o favor da lei n.º 145, de 6 de agosto de 1900, publicou um livro denominado — *Alma em versos*.

Francisco Menezes

1891

Natal



O Gallo da Torre

A Ezequiel Wanderley

Dentro da noite infinda, onde, a momentos, pisca
De alguma estrella o olhar ephemero e subtil,
O vetusto torreão afironta o espaço hostile,
Que a tempestade, em luz, de relampagos risca.

Do secular zimborio, em que a lésta faisca
Fundos sulcos deixou, depois de traços mil,
Levou comsigo o raio o esbelto gallo eril,
Descendente real de longinqua éra prisca.

Résa da terra a lenda uma historia innocente :
— Que descia da torre, alta noite, silente,
Um canto, annurciando a madrugada clara...

Ha bem tempo, porém, que taes sons se apagaram...
Quando o raio o abateu, na véspera, affirmaram :
— O esbelto gallo eril desta vez não cantára !

Traços biographicos

Filho de João Felismino de Mello e sua já fallecida mulher d. Maria Clementina Menezes de Mello, nasceu em Natal, a 5 de março de 1891, á praça Senador Guerra, Francisco Menezes de Mello.

Nomeado 4.^o escripturario do Thesouro do Estado, em 27 de abril de 1911, foi designado, a 23 de janeiro de 1914, para exercer o cargo de escrivão da Mesa de rendas estaduaes do municipio de Macáu.

Consoiciou-se, nesta capital, no dia 29 do mesmo mez e anno, com d. Esther Tavares de Mello.

Recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, pela Faculdade de Direito do Recife, a 28 de novembro seguinte.

Sendo nomeado promotor publico da comarca de Macáu, em 10 de abril de 1915, foi removido para a de Acary, a 3 de novembro de 1920.

Barretto Sobrinho

1891

Natal



Conselhos... conselhos..

Quando eu, afflicto e desolado, faço
Um fervoroso appêllo, aos que andam rindo,
E peço apoio a um poderoso braço,
Para acalmar o meu martyrio infindo,

Dão-me conselhos... e se vão fugindo...
— «Tenha calma ; (diz um) este embaraço
Ha de ter fim»... E alegre vae seguindo,
Desfructando a fortuna, a cada passo...

— «Seja forte; (diz outro) tudo passa»...
E eu, a ficar aqui, n'esta desgraça,
No mesmo estado, no feral castigo !...

Só minha Mãe já não me dá conselhos !...
Vendo de pranto os olhos meus vermelhos,
Inclina o collo e vem chorar commigo !

1918.

Traços biographicos

Na cidade de Natal, Amaro Barretto Sobrinho nasceu aos 30 de julho de 1891.

E' filho de Joaquim Scipião de Albuquerque Maranhão e d. Deborah de Albuquerque Maranhão.

Em fevereiro de 1913, de accôrdo com a lei estadual n.º 145, de 6 de agosto de 1900, conseguiu publicar o seu primeiro livro de versos, que denominou *Marmores*.

Tem prompto para o prelo *Sombras e Telas*, outro volume de igual genero.

Da prisão á liberdade é tambem um interessante trabalho, em prosa, especie de memorandum, que elle vem organisando, desde julho de 1917, quando, desgraçadamente, o infortunio o arrastou ao carcere.

Cicero Moura

1892—1906

Macahyba



Crepusculo

E o dia foge, vagaroso e lento
E a noite, lenta e radiosa, desce...
Passam sussurros lugubres de vento,
E murmurios languidos de prece.

Dentro do meu profundo isolamento
Um turbilhão de sonhos adormece...
E, ao fugir-me a esperança, de momento,
Cada vez mais, meu desespero cresce.

Hora de acerbos agonias, é esta...
Pois até quem se entrega ao vicio, ao goso,
E traz o coração, cantando, em festa,

Céde á potente lei da Natureza...
E vê passar o espirito saudoso
Pelas sombrias plagas da tristeza!

Traços biographicos

No lugar denominado *Arvoredo*, do municipio de Macaúba, nasceu, a 27 de agosto de 1892, Cicero Virgilio Teixeira de Moura, filho do capitão José Getulio Teixeira de Moura, fallecido, e d. Joaquina Angelica Teixeira de Moura.

Exerceu no Thesouro do Estado do Rio Grande do Norte, os cargos de guarda fiscal e praticante da mesma repartição, servindo, mais tarde, de auxiliar á Mesa de rendas estaduais de Areia-Branca.

Consoiciou-se, em Natal, a 3 de maio de 1904, com d. Austriclinia Beserra Cavalcanti.

O seu primeiro e ultimo livro de versos *Alvoradas*, foi impresso, em Mossoró, no *Atelier Escossia*, no anno de 1905.

Cicero Moura succumbiu na povoação de Montanhas, a 1.^o de setembro de 1906, e sepultou-se em Natal, no mesmo dia.

Em nome dos funcionarios do Thesouro do Estado, ás bordas do seu tumulo, fez-lhe Ezequiel Wanderley o elogio funebre.

Durval Torres

1892

Natal



Lgrimas

A Hugo Fernandes

Que profunda agonia o coração me invade...
Que tormento fatal a vida me arrebatou!
Esta dor se vigora e o fructo se desata
Dentro o seio lethal da gelida saudade.

Crestou-me um sol ardente a flor da mocidade...
Nos tristes olhos meus a magua se retrata...
Já não vejo, em meu céu, o seu manto de prata,
Num doce despontar gracil de claridade.

O' minha doce mãe... ó doce mãe querida,
Mendigo de um carinho, o teu filho suspira
No mais negro momento amargoso da vida,..

Assim, na face azul das aguas murmurando,
Recebe o terno adeus de um coração que expira
Num oceano, sem fim, de lagrimas, boiando.

Traços biographicos

Na povoação de Ponta Negra, do município de Natal, nasceu Durval Armando Torres, no dia 30 de setembro de 1892.

Ao aprender as letras elementares, seguiu para a capital do Estado do Pará.

Em Belém, collocou-se como auxiliar da *Pharmacia Baptista Campos* e, tornado a Natal, empregou-se na *Pharmacia Torres*, quando, então, appareceu versejando.

Na Parahyba, publicou, em 1915, o rimario *Horas Vagas*, dando-nos, mais tarde, *Clarões*, de equal genero.

Reside, actualmente, no Rio de Janeiro.

José Soares

1893—1922

Natal



Missiva

Recebi tua carta... (E bem sonhàra
As palavras de amor que nella dizes!)
Nunca tive momentos tão felizes,
E nem sei si na vida os desejára!

Quasè sempre, da auròra nos matizes,
Vem a luz da manhã, formosa e clara!
Muitas vezes, tambem, da sorte avára,
Surge uma grande consolo aos infelizes!...

Essa carta minha alma fortalece...
Dá-me alento, meu sonho reverdece,
Em meu peito desperta a mocidade !...

Aspiremos do amor a leve essencia !
Pouco importa o rigor da longa ausencia,
Vêr-nos-emos no espelho da saudade !

Traços biographicos

Nasceu José Augusto Soares de Araújo na cidade do Natal, a 28 de fevereiro de 1893.

Era filho do coronel Pedro Soares de Araújo e d. Anna Senhorinha Soares de Araújo.

Collaborou em diversos jornaes e revistas litterarias da sua terra, tendo publicado muitas producções reveladoras de pendor para a arte das rimas.

Academico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ali residia com a sua grande saudade da risonha Natal, onde o não esqueceram os affectos da familia e a estima dos amigos.

Cultor da musica, deixou algumas producções acabadas.

Morreu a 29 de janeiro de 1922.

Sandoval Wanderley

1893

Assú



Contraste

Vê como eu ando : — pallido, tristonho,
Dentro do tedio de um desalentado...
Não tenho mais aquelle ár risonho,
Que no meu rosto viras estampado.

Hoje, entregue a um soffrer cruel, medonho,
Pareço mais um eterno torturado...
Quero ser venturoso, anceo, sonho...
E volto a ser — o mesmo desgraçado!...

Vives, no entanto, ao soffrimento estranha...
Por toda a parte o riso te acompanha!...
Como é bem differente a nossa sorte!...

Eu tenho n'alma a sombra da tortura,
Teus dias passam cheios de ventura,
— Tu, marchas para a vida — eu, para a morte!

Traços biographicos

Filho do professor Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Maria Amelia Wanderley, nasceu a 27 de setembro de 1893, na cidade do Assu, Sandoval Carlos Wanderley.

Ali aprendeu as lettras menores, vindo para Natal, em 1905.

Na capital do seu Estado, fez-se auxiliar do commercio.

Collocou-se, depois, como escrevente da Capitania do Porto.

Fundou, com outros companheiros, o semanario *A Avenida*, que dirigiu por algum tempo, achando-se, actualmente, na gerencia do jornal *A Opinião*, de que é tambem collaborador.



Soffrendo...

A Gothardo Netto

Por que motivo é que esta musa chora,
E é toda a sua vida um mar de pranto?!...
E a dôr, sem treguas, no seu peito mora,
E a alma do seu poeta soffre tanto?!...

Na flor da mocidade, em plena aurora,
Da vida, nunca teve um doce encanto,
Uma illusão, siquer, que revigora...
Um vislumbre de amor, formoso e santo.

.....

E' triste, é muito triste, pobre poeta,
Viveres, como vives soluçando,
Preso ás torturas de uma dôr secreta...

No entanto, a negra dôr é que te inspira!...
Bemdito o teu soffrer, porque chorando
E' que te lembras de abraçar a lyra!...

Traços biographicos

E' natural da cidade de Macahyba, Estephania Mangabeira de Barros, filha de João Paulino de Azevedo Mangabeira e d. Maria Mangabeira.

Nasceu a 24 de janeiro de 1894.

Foi collaboradora de alguns jornaes natalenses que, por vezes, lhe publicaram producções metricas.

Exerceu as funcções de professora elementar do municipio de Curraes Novos, onde reside.

A publicar, tem dois singelos trabalhos, em versos: *Lyrios Roxos* e *Luzes Pallidas*.

Dunquilha Courival

1894

NATAL

Ave, Morte!...

Ao Dr Henrique Castriçiano

Por mais que a idéa humana a sondagens se entregue
E, em torvelinhos, võem as illusões terrenas,
Vem, como solução desse problema, apenas,
O mysterio fatal, que o orbe inteiro persegue.

Multipliquem-se, embora, as funerarias scenas
Do prisma espiritual; a sciencia propria empregue
Todo esforço hominal, porque jámais consegue
Perscrutar do Uuiverso a mais negra das penas.

Morte! E's sempre a expressão ferál do Incognoscivel...
O torculo da Rasão, tremendo cháos profundo,
Para cuja expansão não existe — Impossivel!...

Bem dita sejas tu, no atrio plastico e oriundo
Do convulso atascal, em que te vejo incrível,
Soberana do Bem!... Imperatriz do mundo!...

Traços biographicos

Em 1894, na cidade de Natal, nasceu Junquillo Lourival, filho do capitão Joaquim Lourival de Mello Açucena.

Teria 6 annos quando sua progenitora o levou para o Rio de Janeiro.

Ali, internado num Collegio, obteve sempre boas notas de aproveitamento.

Annos depois, publicou um livro de versos, tornando-se, então, conhecido na imprensa carioca, pelo hymno ao Brasil, que escrevera e recitára numa festa militar, em que se glorificava á Bandeira patria.

Era, nesse tempo, 1.º sargento do Exercito, e aquelle gesto patriotico valeu estamparem-lhe o retrato em alguns jornaes.

Envolvendo-se na politica de então, escreveu alguns artigos vibrantes, tendo feito parte da revolta dos sargentos.

Afastando-se da vida militar, em 1917, vindo a Natal, foi reporter d'A *Imprensa*

Tornando, em 1918, ao Rio de Janeiro, trabalha na reportagem de importantes orgams da imprensa carioca.

Alice Wanderley

1894

Assis



Creanças

Creanças! Quanta doçura,
Quanta meiguice e ternura,
Quanto carinho se encerra
Nas almas puras e crentes
Desses seres innocentes,
Desses anjinhos da terra,

A quem Jesus — o santo Nazareno,
De olhar meigo e sereno,
Protegeu e amou...

A quem o Deus de paz e caridade,
De amor e de bondade,
Sorrindo abençoou.

Um bello dia,
Pleno de luz, de encanto e de harmonia,
O Mestre, a Galiléa percorria
De enorme multidão acompanhado...
Pois, nesse dia, quasi toda gente,
 Affluia contente,
Para ouvir a palavra Omnipotente,
 Do formoso Rabino,
 Do Messias Divino,
 Do Christo immaculado;
Porém, num gesto brando, Elle afastava
Esse povo ancioso que o cercava...
 E, naquella vóz doce,
 Tão terna, tão suave,
 Qual se fosse
 O gorgear de uma ave,
O compassivo Filho de Maria
Aos humildes Apostolos dizia:
«Deixai que venham a mim as creancinhas!»

Ellas são castas como as andorinhas,
 Que vôm n'amplidão
Do céu azul, tranquillo, luminoso,
Claro, risonho, limpido e formoso,
 Nas manhãs de verão.

Os corações ingenuos das creanças
Não conhecem do mundo a aleivosia...
Nelles florescem roseas esperanças,
Nelles se abrigam sonhos de alegria.

No viçoso rosal da fantasia
Pouzam contentes como as aves mansas
E, como as aves, cantam, noite e dia,
Os corações mimosos das creanças.

Jámais sentem pesares, nem tristezas,
Não temem do futuro as incertezas,
Não guardam maguas, nem si quer lembranças !...
Eu, que illusões não tenho mais na vida,
Inda aspiro encontrar doce guarida
Nos corações sinceros das creanças !

Nas brancas almas desses anjos louros,
Almas feitas de lírios e de arminhos,
Sacriários de affeições e de carinhos,
Onde Deus encerrou bellos thesouros,
Eu viveria bem feliz e calma...

.....
Ah ! si eu pudesse agasalhar minh'alma
Nas almas brancas desses anjos louros !

Traços biographicos

Na cidade do Assú, onde reside, nasceu Maria Alice Wanderley, a 16 de fevereiro de 1894.

Seus paes são Luiz Socrates Wanderley e d. Maria Rezende Pimentel Wanderley.

E' professora primaria, particular, e collabora, quasi sempre, nos jornaes da terra.

Seu primeiro livro de versos, ainda em preparo, receberá o nome de *Violetas*.

Palmyra Wanderley

1894

Natal



Pitangueira

Termina Agosto... A pitangueira flóra...
A umbella verde cobre-se de alvura;
E, antes que de Setembro finde a aurora,
Enrubesce a pitanga... Está madura.

Da flor, o fructo é de esmeralda, agora...
Num topasio, depois, se transfigura,
E, pouco a pouco, um sol de estio a córa,
Dando a côr dos rubis á carnadura.

A pelle é fina, a carne é velludosa,
Vermelha como o sangue, perfumosa
Como se humana a sua carne fôsse...

Do fructo, ás vezes, roxo como o esparço,
A polpa tem um travo doce-amargo,
— O sabor da Saudade, amargo e doce...

Traços biographicos

Palmyra Guimarães Wanderley, filha do dr. Celestino Carlos Wanderley e d. Anna Guimarães Wanderley, nasceu em Natal, onde reside, a 6 de agosto de 1894.

Fundou, em 1914, com Carolina Wanderley, Anilda Vieira, Stella Gonçalves, Stellita Mello, Joannita Gurgel e Maria da Penha, a *Via Lactea*.

Foi esta a primeira revista feminina que se publicou nesta Cidade, surgindo em 1914, mas desaparecendo em 1915.

Collaboradora assidua d'*A Republica* e, por vezes, d'*A Imprensa*, tem escripto na *União*, do Rio; *Revista Feminina* e *Revista Moderna*, de S. Paulo, *Paladino do Lar*, da Bahia; *Estrella*, do Ceará; e outras.

Publicou em 1918 o seu livro de versos, *Esmeraldas*, obtendo para isso os favores da lei n.º 145, de 6 de agosto de 1900.

Sobre esse trabalho, cuja edição foi rapidamente esgotada, manifestaram-se, com muitos applausos, jornaes e revistas, dentro e fóra do Estado, delle ainda se occupando lisonjeiramente os conhecidos belletristas patricios Sebastião Fernandes, Oliveira e Silva, Armando Seabra, Deoclecio Duarte, Abner de Britto, Adherbal de França, padre Ignacio de Almeida, *Juan de los Lianos*, Alberto Carrilho, Celso Filho, Mario Linhares e, sua querida irmã de arte, Rosalia Sandoval.

Othoniel Menezes

1895

Natal



Estações

A Raul Machado

Primavera. Alma azul, menino ainda, eu vejo,
na Luz que embriaga o Espaço, a Alegria acenando...
Lembra um som claro de água, entre os rosás cantando,
da tua Voz de creança o brando, o casto harpejo...

Verão. Cresci, creceste. O sol do meu desejo
nasce, a estudar, no teu Labio... O Outomno vae
[passando...
—teu Corpo é como um valle, em Fructos desbrechando,
ao calor victorioso e immortal do meu Beijo...

Inverno. O teu sorriso ao meu sorriso escreve
segredos de Promessa... Ajoelho á côr de neve
do Altar da tua Carne, em extases de mudo...

Ave, Ilusão! Clarão! Vibração rosiclér!
que me ensinaste a amar, — num vulto de mulher —,
o Amor que é o Sangue! o Amor que é a Vida! o
[Amor que é Tudo!...

Traços biographicos

Nasceu na cidade de Natal, a 10 de março de 1895, Othoniel Menezes de Mello, filho do capitão João Felismino de Mello e d. Maria Clementina Menezes de Mello, já fallecida.

A 12 de maio de 1916, contrahiu nupcias com d. Carmita Menezes de Mello.

Nomeado 2.º official da Secretaria do Governo deste Estado, a 25 de março de 1918, foi promovido a 1.º, em 5 de abril de 1920.

E' apreciado collaborador de jornaes e revistas indigenas.

Em 1918, publicou o seu livro de versos, *Germen*, prefaciado pelo dr. H. Castriciano.



Sangue

Sangue! vitalidade, extraordinaria essencia,
Que fortalece e anima a flor da juventude...
Fonte de inspiração, suporte da existencia,
Excelso precursor do gozo e da saúde...

Seiva de onde promana a suprema virtude
De fazer progredir a humana descendencia...
Sangue! musicação de violas e alaúde,
Nos contornos do corpo, ao rir da adolescencia.

Dos assômos da carne o germen soberano,
Morno, rubro, caudal, palpitando na artéria...
Sangue! força vital do sentimento humano.

De capillares mil embrenha-se nas teias...
Protoplasma da vida, a vida da matéria,
Cantando, triumphalmente, em giro, pelas veias!

Traços biographicos

Nasceu, a 22 de setembro de 1895, na cidade do Assu, Olegario de Oliveira Junior.

E' filho de Olegario Olindino de Oliveira e sua mulher d. Maria Candida de Oliveira.

Foi auxiliar do commercio e do magisterio publico, collaborando na imprensa, em sua terra, para *O Infantil*, (1911); *O Norte*, (1912); *O Cavador*, (1915); e *A Cidade*, (1918), da qual foi redactor-secretario.

Transportando-se para Natal, em 1919, collaborou n'A *Opinião*, diario politico, até janeiro de 1920.

Tem dois pequenos livros de versos, em preparação — *Cardos e Relicario*.

E', actualmente, agricultor, no Ceará-Mirim, onde consorciou-se, a 6 de outubro de 1920, com d. Jacy Carrilho de Oliveira.

Moura Rabello

1895

Natal



Feliz

A minha esposa

Magua, saudade, pranto, sofrimento,
Tudo que opprime e dilacera o peito,
Como o pó, que se esváe, ficou desfeito,
Desde o dia do nosso casamento.

Hoje, vivo feliz e satisfeito...
E tu vives tambem ao teu contento...
lá se vê, meu amor, que, sem tormento,
A vida é um sonho divinal, perfeito.

Pobresa não me assusta... Eu não sou pobre...
Acaso trocaria o meu thesouro
Por essas outras joias, que o céo cobre?

Ah, não !... Sou rico, sou feliz, enfim !...
E o serei sempre, enquanto o cofre de ouro
Que tens no peito — palpitar por mim.

Traços biographicos

Nasceu na cidade de Natal, a 22 de outubro de 1895, Manuel de Moura Rabello.

E' filho de João Baptista Ferreira Rabello e d. Maria Emilia de Moura Rabello, já fallecida.

Tendo dado sua palavra de casamento a d. Salihê de Moura Rabello, realisou-a a 18 de março de 1919.

O governo do municipio de Natal deu-lhe collocação entre os seus funcionarios.

Cultiva as bellas artes, tendo sido o desenhista da galeria de retratos dos mais importantes vultos historicos, inaugurada no salão nobre do palacio do governo.

Com a denominação de *Reflexos*, espera dar á publicidade o seu primeiro rimario.



Arte e Ideal

A Ezequiel Wanderley

Eu amo a arte divina em que palpita o bello,
Templario augusto e bom da suprema verdade...
Essa arte que já foi, na humana antiguidade,
Sagrada aspiração, um outro anciado vélllo...

Mas não desejo ouvir o som do camartello
Do eterno feminino, talhando a realidade...
Esse formoso ideal, que encerra a humanidade,
E' sob a luz da carne, assim, que eu quero vê-lo.

Aspiro o seio nú, alabastrino, ardente,
Sem fital-o, através da tela que nos tente,
Nessa febre de amor, de vibrações sensuaes...

Quero, então, dentro d'arte, em que renasce tudo,
Me abraçar ao calor de corpos de velludo,
Sentindo estremecer formas esculpturaes.

Traços biographicos

No engenho Laranjeira, do municipio de Ceará-Mirim, nasceu a 18 de dezembro de 1895, Francisco Pereira Sobral, filho de João Xavier Pereira Sobral e d. Amelia Emilia Fernandes Sobral.

Estudou no Seminario de Nossa Senhora da Conceição, e no Collegio Pio X, da Parahyba.

Em 1913, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se a 12 de dezembro de 1917.

Effectuou o seu casamento com d. Senhorinha Dalila Pereira, a 31 de março de 1918.

Exerceu as funções de advogado da Intendencia de Taipú, promotor publico de Ceará-Mirim e de Martins.

Foi deputado ao Congresso Estadual.

A *Arcadia Pio X*, da Parahyba, fêl-o seu socio honorario.

Collaborou em *A Nota*, do Recife; n'*A Imprensa*, da Parahyba; n'*A Razão*, de Ceará-Mirim; e, ainda hoje, escreve n'*A Republica* e n'*A Imprensa*, de Natal.

Opportunamente, publicará tres livros de versos, um volume de estudos sociaes e duas memorias apresentadas ao Congresso Brasileiro de Protecção e Assistencia á Infancia.

Removido de Martins, em 1919, é o actual promotor publico da comarca do Ceará-Mirim, onde tambem exerce a advocacia.

Oida Avelino

1895

Macau

Falando ao Destino

Si eu possuísse da virtude o encanto,
Si eu possuísse o encanto da virtude,
Não sentiria um singular espanto
Ante o teu vulto desdenhoso e rude.

Nem meu olhar, em plena juventude,
Seria, quasi sempre, um mar de pranto ;
Nem da amargura o misero quebranto
Faria do meu peito um ataúde.

Saberia fitar a longa estrada,
Onde os meus sonhos vão, em debandada,
Sem da esperança me deixar lampejos...

Zombaria de ti, atróz Destino..
De minhas crenças perfido assassino,
Violador das leis dos meu desejos !

Traços biographicos

Nasceu na cidade de Macáu, a 20 de dezembro de 1895, Olda Avelino.

E' filha do major Emygdio Beserra da Costa Avelino e d. Maria Irinéa Pinheiro, ali fallecida, ha poucos annos.

Dirige na sua terra um educandario feminino.

Tem collaborado, com assiduidade, em diversos jornaes da sua terra, e, por vezes, n'*A Republica*, de Natal, e na *Revista Feminina*, de S. Paulo.

E' modesta e timida, coisas aliás muito peculiares aos espiritos delicados.

Mario Mendes

1896

Natal



Cruz

Eil-a! a Cruz, que surgiu nas primeiras edades
Da geração christã, ha mil e tantos annos...
Cadafalso elevado em todas as cidades,
Para satisfazer a sanha dos tyrannos.

Negra, altiva, sombria, inspirando crueldades,
Meio da multidão de seres deshumanos,
Eil-a, outr'ora, a se erguer, dentro de tempestades,
Dia da redempção dos homens e ciganos !...

Desse dia, depois, ella não mais se erguera
Sanguinaria, pois que Jesus a convertera
No maguado perdão, synthetico e fecundo !...

Da humanidade vil, na conquista sagrada,
Vive no proprio bem, Santa Cruz, encravada,
—Braços eternamente abertos para o mundo !

1920.

Traços biographicos

Em Natal, a 27 de fevereiro de 1896, nasceu Mario Mendes da Costa, sendo seus progenitores José Mendes da Costa Filho e d. Quiteria Maria Mendes.

Consoiciou-se com d. Honorina Mendes da Costa a 5 de outubro de 1915.

Veste a farda de official inferior do nosso Exercito, servindo na força federal estacionada na Parahyba.

Já publicou, em prosa, o livro *Redemptores malditos*, tendo a publicar, em versos, o *Expressões*.

Paulo Maranhão

1896—1920

Natal



Alma das Coisas

Basta olhar uma flôr, no momento em que a doura
A incidencia sensual, com que o sol a aviventa,
Para sentir-se logo uma alma peccadora
No lascivo rubor da corolla sangrenta.

Mas, todo aquelle que, attentamente, escuta
O amplo regougar do oceano soffredor,
Certo, comprehenderá, nesta alma anciosa e bruta,
Toda a lamentação de um desgraçado amor.

E não ha quem não tenha, ao transpor a floresta,
O pungente pensar que as arvores estão
Neste mesmo soffrer da vida humana, nesta
Mesma incontida dôr de ardua desillusão.

E o inorganico amôr de uma pedra que pensa
Em outra pedra igual, que se lhe deita ao lado?
Até que juntas vão, almas cheias de crença,
A' gloria mineral do primeiro noivado!

Ninguem póde fitar a agua estanque do poço
Quando os olhos da lua andam nella, a chorar,
Sem crer que ha sob essa agua uma alma em alvoroço,
Que vive em vibrações com a alma virgem do luar.

Varias vezes, em frente a meus olhos de poeta,
Eleva-se o perfil de entidades estranhas...
E eu fico a meditar na agonia secreta,
No martyrio immortal que atormenta as montanhas.

Quando a aurora arrepanha as cortinas do oriente
E o barra com o vermelho vivo do arrebol,
E' de ver-se surgir a cara sorridente,
A bondosa expressão optimista do sol.

Entresonho, por fim, que a alma das coisas erra,
Num anseio de amor, noiva, de outra alma presa...
E ouço o forte bater do coração da terra,
O cantico nupcial de toda a Natureza!

Traços biographicos

Filho do dr. Alberto Maranhão e d. Ignez Barretto Maranhão, nasceu em Natal, a 11 de julho de 1896, Paulo Barretto Maranhão.

Cursou, na Capital Federal, o Collegio Santo Ignacio, e, na sua terra, mais tarde, o Atheneu Norte Rio Grandense.

Casou, na capital do Estado, com d. Dora Duarte Maranhão, a 3 de abril de 1918.

Já diplomado pelo Curso Pratico de Veterinaria, e pelo Curso de Agricultura, recebeu em 1919 a laurea de bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Dirigiu, com uma grande capacidade de trabalho, as fazendas da Companhia Industrial Norte e Sul Fluminense, tendo, em 1917, se collocado á frente das fazendas California, neste Estado, e Campo Alegre, no Rio.

Não obstante a solução de problemas praticos, offerecidos ao desenvolver da sua formosa actividade, nas horas de ferias, com aquella alma de artista, que todos lhe reconheceram, lia constantemente Tolstoi, Goethe, Shakespeare, Maupassant, D'Annuzio, Julio Dantas e Machado de Assis.

Devia, porém, a formação do espirito ao seu illustre progenitor, que o encarreirára na vida litteraria.

Deixou a publicar: *Primeiros versos*, *Teu livro*, *Recordação*, *Creusa*, e *Simplicidade*, em versos; *Manta de retalhos*, *Direito internacional publico*, *Ligeiras licções de economia politica*, *Curso pratico de veterinaria* e *Enxertia*, em prosa.

O inesperado trespasse de Paulo Barretto Maranhão foi recebido, no Rio de Janeiro, com uma grande surpresa e magua profunda, a 2 de março de 1920.

A' rua do Uruguay, n.º 156, victimou-o um colapso cardiaco, ás 22 horas.

O *Jornal do Brasil* e o *Rio-Jornal*, ao estamparem o seu retrato, exalçaram o talento do joven poeta rio-grandense do norte, occupando-se a imprensa carioca da sua individualidade litteraria, em phrases cheias de carinho e de saudade.

Luiz Xavier

1896

Angicos



Queixas intimas

Não sabes, anjo meu, dos meus sonhos,
Virgem de mãos nevadas e mimosas,
Setineas como petalas de rosas,
Mas de essencia de rosas invulgares;

Não sabes!... e é impossivel calculares
Desde que da Fortuna os mimos gozas!
Quanto custa abafar tão dolorosas
Ancias intimas de intimos pezares!

Indifferente sempre ao que se passa
Dentro do pietao meu, onde sepulto
Este sonho, que é bem minha desgraça...

Já não te compadece, nem indagas
As razões deste affecto e deste culto...
Mas não te quero mal, se assim m'o pagas.

Traços biographicos

Na povoação de Carapebas, do municipiode Angicos, nasceu no dia 12 de agosto de 1896, Luiz Xavier da Costa, filho de Francisco Horacio Xavier da Costa e d. Sabina Xavier Beserra.

E' auxiliar do commercio, na cidade de Macau, onde tem escripto para gazetas locais.

Durante a existencia do *Jornal de Macau*, estampou muitas produções em prosa, com o pseudonymo de *João da Matta*.

Pedro Gópes

1897

NATAL

Pessimismo

Isso da gente andar maguas carpindo,
Ser grave, circumspecto, carrancudo,
De nada vale... Eu acho graça em tudo
E só sou sério quando estou dormindo...

A vida é um carnaval — eterno entrudo;
O riso é como a máscara, e, sorrindo,
Eu levo esta existencia alegre, rindo,
Quando o resto do mundo está sisudo.

De que me serve afivelar no rosto
A máscara da dôr, acabrunhado,
Talvez, por um minúsculo desgosto?...

Quando eu morrer dirão: — E teve sorte!
Até depois de morto, este damnado
Na pandega levou a propria morte!

Traços biographicos

E' natalense, Pedro Lopes Cardoso Junior.

Nasceu á rua 13 de maio, antiga dos Tócos, a 28 de março de 1897.

São seus paes Pedro Lopes Cardoso Filho e d. Francisca Lopes Cardoso.

Frequentou o Collegio Americano, escolas particulares, e o Collegio 7 de Setembro, tendo antes cursado o Collegio Diocesano Santo Antonio, de onde retirou-se por se não querer submeter ás doutrinas religiosas do mesmo estabelecimento.

Em 1916, fazia o serviço de reportagem da *A Imprensa*.

Já foi escrevente da Delegacia de Policia da 1.ª Região, e Archivista da Repartição Central da Policia.

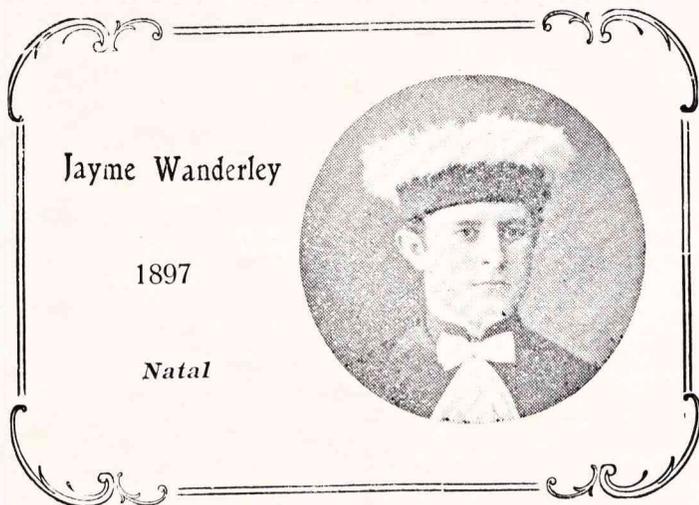
E' hoje 2.º Official da mesma repartição, exercendo as funcções de escrivão da alludida Delegacia.

Fez parte das agremiações litterarias *Ferreira Itajubá* e *7 de Setembro*.

Fundou, com outros plumitivos, as gazetas *7 de Setembro*, *O Automovel*, *A Platêa*, *O Momento* e *A Lucta*.

Foi um dos creadores da *Actualidade*, sacrificada, infelizmente, pelas aperturas da crise do papel...

E' candidato á publicação dos *Fiapos*, nome com que baptisará um seu livro de rimas alegres.



Cysne

*Ao espirito emotivo e artista
de Luiz da Camara Cascudo.*

O cysne, a flor do lago, entre as rendas de espuma
Das vagas, que a lufada esfrola e tece, como
Um tear a destruir da seda a nisea pluma,
Voga na plenitude, é um floco, é um seio, é um pomo.

Eil-o a subir ligeiro. Os leques da aza o apruma
Nos volteios subtis do seu garboso assomo;
E' uma virgula branca, uma silhueta, é uma
Alva nuance, a vibrar na aquarella de um chromo.

Triste, Vesper da tarde, as cortinas entreabre,
Mostrando a tela azul do poente, que se tingi
De topasio e rubi, de cobalto e zinabre.

Escurece... ha silencio... e o cysne, o conde mago,
Do seu castello real, guarda, como uma sphynges,
— O segredo da noite e o mysterio do lago.

Traços biographicos

E' filho do dr. Celestino Carlos Wanderley e d. Anna Guimarães Wanderley, Jayme Guimarães Wanderley.

Nasceu, em Natal, a 6 de julho de 1897.

Estudados os seus preparatorios, matriculou-se na Escola de Pharmacia do Recife, aos 15 de março de 1919, diplomando-se a 8 de dezembro de 1921.

Collabora, de vez em quando, n'*A Republica* e n'*A Imprensa*, de Natal, escrevendo tambem na revista *A Nota*, da capital de Pernambuco.

Tem a publicar, em versos, *Fogo Sagrado*.

Francisco Amorim

1898

Assú



Saudade

A Oliveira Junior.

Saudade! nuvem negra que entristece
O coração dos noivos separados!...
Lamentação pungente, que parece
Um dobre triste e amáro de finados!

Saudade! acerba dôr de quem padece
O supplicio cruel dos exilados!...
Tristeza, á beira-mar, quando anoitece...
Sentido e ultimo adeus dos desgraçados.

Saudade! rubro sol agonizante,
Doridos ais do poeta attribulado,
N'um desejo de ver alguém distante...

E' a saudade um viver e não viver...
— E' tudo que me traz martyrisado!
— E' tudo quanto sinto, sem dizer!

Traços biographicos

Reside na cidade do Assú, onde nasceu a 10 de julho de 1898, Francisco Soares de Amorim.

E' filho de Palmerio Augusto Soares de Amorim e d. Maria Erundina Caldas de Amorim, que a este sobrevive.

Foi redactor d' *A Renascença*, escreveu para outras gazetas assuenses, estando a collaburar n' *A Cidade*.

Sendo um dos auxiliares da *Pharmacia Amorim*, nem por isto foge á convivencia das musas.



Apologia do silencio

E's a paz, e és tambem a origem do mysterio
Transcendental, que alarga o manto sobre nós.
Eu, para interrogar o teu segredo ethereo,
Horas inteiras fico emmudecido e a sós.

Que sejas, para alguns, esquisito contraste ;
Quanto a mim, buscar-te-ei no abandono onde imperas,
Serenidade, bem que já te perpetuaste
No infinito evoluir monotono das éras.

Força intangível, quero, em teu feliz dominio,
Tranquillo e exul, gosar-te o enlevamento bom.
— A' minha alma a tua alma esplendida propinc-o
Silencio, — magestosa antithese do som!

As afflicções crueis, as agruras supremas,
Vão achar em teu seio a ternura precisa...
A graça tens propicia ao lyrismo dos poemas
Na thebaida onde o poeta, em pranto, os concretisa.

Irmão do somno, irmão da bruma e do descanso,
Buscar-te alguém, de certo, ha de não ser em vão...
Estender-lhe-ás, amigo, o teu abraço manso,
A tua suavidade, a tua protecção.

Não sei se te compare a um sonho que flutúa
E em cuja nostalgia apraz-me que me acoite,
Especialmente quando, á nivea luz da lua,
Desces, enchendo toda a immensidão da noite.

Possues a febre, o odôr, que ao homem torna pasmo,
O encanto principal d'aquillo que se quer,
A seducção da vida, o delirio, o enthusiasmo,
— Silencio tentador de alcovas de mulher!

O espirito do sabio, o espirito do artista,
Hão de querer-te muito, hão de sempre abençoar-te,
Pois erguerão em ti quanto a gloria conquista:
— Os cabedaes da Sciencia, as maravilhas da Arte.

Andas na luz, na sombra e na paysagem rica,
Occulto pela terra, embebido pelo ar...
Despertas um scismar, que mesmo não se explica,
Silencio evocador do bosque secular!

E se marcando a morte — um fim de itinerario —
Na necropole triste a cada instante pousas,
Todavia, és solemne, augusto, extraordinario,
Emocional, bemdito, — ó silencio das lousas!

Em ti se vae lembrar a existencia passada...
Ao justo dás socego e dás remorso ao réo...
E subirá melhor por tua immensa escada
A prece que se diz, endereçada ao céo.

Desse trivial rumor da turba ingloria, isento,
Dentro de ti, silencio, eu me detenho e estudo,
Na profunda abstração do meu entendimento,
— O livro universal da grandeza de tudo.

Traços biographicos

Aos 17 de julho de 1898, filho do major Emygdio Beserra da Costa Avelino e d. Maria Irinéa da Costa Pinheiro, já fallecida, nasceu, na cidade de Macau, José Edinor Pinheiro Avelino.

Foi um dos auxiliares da Delegacia Geral do Recenseamento, na cidade de Mossoró, em virtude de designação feita a 22 de julho de 1920.

Assiduo collaborador de jornaes e revistas patricias, o joven poeta já publicou, em versos, um interessante folheto denominado *Divagação* e, nesse mesmo genero, em preparação, tem o livro *Synthese*.



A Jangada

Ao dr. João Vicente

Desfralda a vela ao vento... Eis que parte a jangada,
Mar em fóra, desfeito em lágrimas de espuma...
Cortando, sem temor, as ondas, de uma a uma,
Emquanto desce a luz da loira madrugada.

Anda, ao norte, a vogar... A água azul se avoluma...
E ella sente da praia a saudade maguada...
Cortando a face eril do mar, sempre agitada,
Até perder-se além, no denso véo da bruma'

De volta ao porto, à hora em que a tarde agonisa,
Ouvindo o marulhar das vagas, na contenda,
Com o panno sempre aberto, intrepida, deslisa...

— Não se sabe, porém, qual o profundo arcano
Do destino, que traz esta garça estupenda,
Corajosa e subtil, pela amplidão do Oceano!

1920.

Traços biographicos

Na villa de Touros, onde reside, nasceu a 25 de novembro de 1899, Luiz Patriota, filho de Antonio Ferreira Patriota e d. Marcellina Patriota.

Consoiciou-se com d. Maria Torres Patriota, a 27 de setembro de 1918.

Exerce a profissão de commerciante.

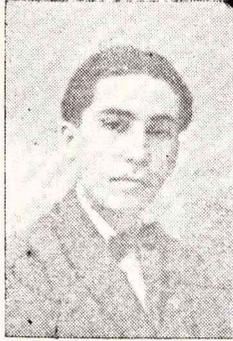
Tem a publicar, prefaciado pelo dr. Sebastião Fernandes, um livro de versos, denominado *Prismas*.

E' collaborador d'*A Republica*, de Natal.

Adriel Lopes

1900

Natal



A Dôr

Uma noite, eu vagava, lentamente,
Por uma estrada ignota e accidentada...
De um lado — o precipício da escarpada,
Do outro lado — o filão da agua corrente.

Uma sombra surgiu-me, de repente,
Em doce enleio placido, cansada...
Trazendo, sobre a fronte desnudada,
O estygma da amargura transcendente.

E eu perguntei — «Que queres ? Que procuras?»
— «Ando em busca de negras aventuras,
O pranto a derramar, de sul a norte...

Phantasma do Destino, em mim palpita
Uma esperança ephemera e maldita:
— Sou filha primogenita da Morta!...

1920.

Traços biographicos

Nasceu, em Natal, a 24 de junho de 1900,
Adriel Lopes Cardoso.

E' filho de Pedro Lopes Cardoso Filho e d.
Francisca Lopes Cardoso.

Estudando preparatorios, dedica as horas
vagas ao culto das bellas artes, desenhando, com
muita expressão, variadas paizagens.

Plenilunio da vida é um livro de versos que
pretende publicar.
